

101
POETAS
PARANAENSES

V.1 (1844-1959)



antologia de escritas poéticas
do século XIX ao XXI



organização
Ademir Demarchi

Com uma produção pujante, a poesia paranaense não poderia deixar de refletir os movimentos que, desde 1853, quando a província do Paraná foi emancipada de São Paulo, se alastraram pelo Brasil. Do romantismo de Júlia da Costa, considerada uma das primeiras mulheres a escrever poesia no Estado, passando pelo marcante movimento simbolista, encabeçado por Dario Vellozo e Emiliano Pernetá, até chegar ao apuro estético de Dalton Trevisan e Jamil Snege, este primeiro volume de *101 poetas paranaenses — antologia de escritas poética do século XIX ao XXI* apresenta um painel vasto do que aconteceu de melhor na poesia paranaense ao longo de cem anos.

O trabalho aqui compilado por Ademir Demarchi, que também organizou o segundo volume da antologia, faz um recorte da produção lírica paranaense, apresentando poetas nascidos em um período que vai da segunda metade do século XIX até o final dos anos 1950.

São cinquenta poetas, dos mais diversos matizes: dos pioneiros já citados até a geração que os sucedeu, muitos deles ainda em

plena atividade. A produção do grupo aqui reunido, em alguma medida, antecipou muito do que seria e ainda é realizado entre os poetas nascidos ou radicados no Estado. É o caso da obra de Paulo Leminski, ainda muito influente na poética de autores do presente.

Esta obra também faz ver que os poetas paranaenses sempre estiveram atentos ao que os seus pares faziam em outros pontos do Brasil e do mundo e, apesar disso, os autores aqui nascidos ou radicados construíram uma tradição poética caracterizada pela multiplicidade de vozes indispensável para entender a poesia e, enfim, a literatura brasileira como um todo.

101
POETAS
PARANAENSES

V.1 (1844-1959)

101 POETAS PARANAENSES

V.1 (1844-1959)

antologia de escritas poéticas
do século XIX ao XXI



seleção e apresentação

ADEMIR DEMARCHI

Biblioteca
Parana 

Beto Richa
Governador do Estado do Paraná

Paulino Viapiana
Secretário de Estado da Cultura

Valéria Marques Teixeira
Diretora Geral da Secretaria de Estado da Cultura

Rogério Pereira
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Ivens Moretti Pacheco
Diretor da Imprensa Oficial do Paraná

Núcleo de Edições
Marcio Renato dos Santos
Omar Godoy

Edição
Luiz Rebinski Junior

Preparação de originais
Mellissa R. Pitta

Revisão
Vanessa Rodrigues

Capa
Rafael Campos Rocha

Projeto Gráfico e Diagramação
Clarissa Menini

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Um Escritor na Biblioteca : 2011. — Curitiba, PR :
Secretaria de Estado da Cultura: Biblioteca Pública do Paraná, 2013.
192 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-66382-08-2

1. Escritores brasileiros — Entrevistas. I. Biblioteca Pública do Paraná.

CDD (22ª ed.)
928.69

A POESIA QUE SE VIVE

ADEMIR DEMARCHI

“No correr dos anos observei que a beleza, como a felicidade, é frequente. Não passa um dia em que não estejamos, por um instante, no paraíso. Não há poeta, por medíocre que seja, que não tenha escrito o melhor verso da literatura, mas também os mais infelizes. A beleza não é privilégio de uns quantos nomes ilustres. Seria muito raro que este livro, que abarca umas quarenta composições, não entesourasse uma só linha secreta, digna de acompanhar-te até o fim”¹

A epígrafe acima, de Borges, ainda no gosto dos anos 1980 em que muitos nos formamos, na tradução do Pepe Escobar que líamos no famoso “Caderno 2” do *Estadão*, é muito apropriada para pensar o que seja uma antologia como esta, que foca o extenso período de aproximadamente 160 anos, tendo como marco inicial a data de emancipação do Estado, em 1853, chegando até os nossos dias e englobando 101 poetas, boa parte tão distintos quanto irregulares em sua produção poética². Ela responde à elogiável iniciativa da Biblioteca Pública do Paraná de publicar antologias da literatura do Estado, como forma de ampliar seu conhecimento e circulação, estimular a reflexão e fornecer conteúdo aos estudantes, mas também aos escritores em atuação e aos novos escritores, na medida em que cartografias assim possibilitam reconfigurações dos mapas conhecidos, através da leitura crítica que se possa fazer.

Em vez de uma antologia que se baseasse apenas em alguns poucos autores tidos como fundacionais, por isso já instituídos nas leituras de críticos e nas republicações de suas obras, preferiu-se uma forma mais ampla, *rizomática*³, de lidar com o cenário, encarando-se o risco da pesquisa extensa que levou ao significativo número de 101 poetas.

Muitos dos que já morreram ou desistiram da poesia não chegaram a realizar uma obra que por si tenha sido significativa, por isso o desafio de historicização se impôs, levando a considerar-se o papel histórico e social de cada um, expresso também nos textos publicados, dos quais se selecionou algo que possa interessar ao leitor contemporâneo, ao mesmo tempo em que ilustre o tempo vivido pelo autor e sua poética, sempre na expectativa de que cada um deles tenha alcançado uma resolução estética eficiente.

Em antologias que se andam publicando no país tem sido comum a tentação do julgamento estético, sujeitando-as a uma cegueira em relação à complexidade do campo. A motivação de evitar julgamentos estéticos e não fazer escolhas de apenas alguns numa antologia como esta, localizada, se justifica ainda mais quando se considera e se concorda com a constatação de Leminski⁴ de que a literatura do Estado é recente e que esta antologia, chegando até os nossos dias, encontra a metade dos poetas ainda em campo, com a experiência pelo meio do caminho ou no início. Assim é que se deu a escolha desse critério em aberto, que olha para as escritas poéticas como “experiências” que se realizaram nos poemas publicados, nos movimentos poéticos como fatos sociais, nas revistas, nos livros e, mais recentemente, na interatividade possibilitada pela internet, que muda radicalmente a forma como se produz a literatura⁵.

As pequenas edições, as raríssimas reedições ou publicações de antologias que permitam conhecer os poetas e mesmo contrastá-los para o bom aprendizado da formação de novas escritas

também motivam um trabalho como este, de trazer ao leitor uma representação textual amplificada da história da poesia realizada no Estado.

Optou-se por ordenar a antologia cronologicamente, a partir do ano de nascimento de cada autor, definindo-se um conjunto de páginas mais ou menos semelhante para todos, variando pouco, de acordo com o potencial encontrado em cada um. Um índice cronológico e outro alfabético facilitam a busca. Em geral, preferiu-se que o leitor encontrasse o prazer da leitura no contraste desse babélico vozerio que se entrecruza *rizomaticamente*, se aproxima, se distancia, na medida em que sejam comparados uns aos outros, uma vez que “uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre inúmeras entradas”, conforme as palavras de Deleuze.

Deixou-se de incluir nesta antologia vários escritores que estão a merecer uma compilação de textos para possibilitar sua circulação e avaliação de importância literária, histórica e social, que, dada a dificuldade de acesso, escassez de tempo e ao tamanho a que se chegou esta antologia, não puderam ser lidos. São os casos de poetas como Bento Cego (Antonina?, 1821?), Salvador José Correa Coelho (Lapa, 1821), Fernando Amaro (Paranaguá, 1831), Georgina Mongruel (1861, Bélgica), José Cadilhe (Antonina, 1874)⁶. Outros, ainda que incluídos, estão a merecer sair do esquecimento ou da precariedade de publicação, como João Itiberê da Cunha⁷, que publicou numerosos poemas em francês nas revistas simbolistas como *Azul*, *Club Curitibano*, *O Cenáculo* e *Almanach Paranaense*, tal como Georgina Mongruel, que precisam ser traduzidos. Essas revistas mesmas, assim como *Ideia*, contemporânea da *Joaquim*, estão necessitando de uma edição compilada ou fac-similar, tal como se fez com *Joaquim* e como se faz este ano com o *Nicolau*, reeditado pela Biblioteca Pública do Paraná, para que os leitores deste tempo reencontrem aquele tempo dessas pu-

blicações. Outra iniciativa que se tem que tomar é digitalizar todas elas para que atinjam ainda maior público leitor em todo o Estado e por todo o país e até mais, dada a importância configurada nessas publicações.

São inovações como essa que possibilitaram, por exemplo, o acesso ao banco de dissertações e teses da UFPR, onde se destaca o trabalho orientador recente de professores como Édison J. da Costa⁸ e Rodrigo Vasconcelos Machado⁹ em relação ao estudo da poesia paranaense, antes iniciado com a professora Cassiana Lacerda Carollo, com relação ao simbolismo, ela também uma continuadora dos estudos feitos por Andrade Muricy, entre outros.

Nesses 161 anos de emancipação do Estado podem se identificar, grosso modo, pelo menos quatro momentos intensos de vida cultural que tiveram reflexos na criação poética. O primeiro deles situa-se por volta de 1890 a 1910 aproximadamente, com o movimento simbolista e suas revistas e o Templo das Musas, com Emiliano Pernetta e Dario Vellozo à frente, sendo o segundo o que tem a obra simbolista esteticamente mais bem realizada, enquanto que Pernetta destaca-se pelos poemas decadentistas e lúbricos e aos quais se soma, presente nesta antologia, Silveira Neto.

No modernismo, se não fosse por Brasil Pinheiro Machado, que conseguiu a proeza de inserir-se no movimento modernista e publicar poemas na *Revista de Antropofagia*, nada restaria de interessante. Isso apesar de Tasso da Silveira ter tido atuação destacada, criando revistas ou participando delas ativamente, sem conseguir, porém, repercussão ou uma poética consistente, a ponto de Mário de Andrade referir-se a ele e aos seus como “um grupo de literatos no Brasil que vai passando por demais na sombra” por seus aspectos conservadores e alheios ao que mais vital o cenário cultural apresentava.

O segundo momento está nos anos 1940, quando a revista *Joaquim*, com Dalton Trevisan à frente e a revista *Ideia*, com José

Paulo Paes e outros como Armando Ribeiro Pinto, Glauco de Sá Brito e Samuel Guimarães da Costa, buscaram uma renovação de ideias contra o paranismo bairrista imperante e estagnante. Como se sabe, Dalton e Paes foram longe com suas obras, sendo Dalton um marco estético por sua ficção e Paes um exemplo por sua poesia de viés modernista/concretista, que repercute em diálogo com obras como a de Marcelo Sandmann, mas também exemplo tradutório que se soma ao do concretismo e se propaga em Leminski, Jaques Brand e grupo OSS, com Antonio Thadeu Wojciechowski, Marcos Prado, Sergio Viralobos, Roberto Prado e outros e chega até hoje, quando há um significativo número de poetas traduzindo textos de várias línguas e tempos, especialmente a partir de cursos da UFPR, numa experiência que terá forte impacto nas criações poéticas em curso e futuras.

Um terceiro momento situa-se dos anos 1960 a 2000. De 1960 a 1980, aproximadamente, com os influxos da contracultura e da ditadura encontramos escritores de esquerda, militantes politizados a ponto de serem presos ou exilados, como Walmor Marcellino e Manoel de Andrade, ou preocupados com novas formas estéticas como Sossélla e Leminski. É impressionante o que fez Sossélla, exilando-se no interior do Estado e constituindo uma enorme biblioteca e uma poética do fragmento, com a edição de centenas de livros artesanais em pequenas tiragens, reproduzindo algo do modo característico da chamada Poesia Marginal com o cuidado de um artista, obra essa que está relegada, precisando circular em uma boa edição, para além das antologias limitadas já publicadas. Leminski, por sua vez, buscou diálogo com a vanguarda concretista, distanciando-se anos-luz do bairrismo, indo para o campo do experimentalismo expresso no *Catatau*, de 1975, que chega nos anos 1980 com o esforço de tradução de textos de várias línguas. Em meio a esse momento há também a metafísica de Foed Castro Chamma e de João Manuel Simões, que busca na

agonia algum sentido. Jair Ferreira dos Santos, com um único livro, porém impactante em sua forma de ver o Estado à distância, através de descrições dos familiares, sempre tendo como fundo um país marcado pela restrição das liberdades. E Jamil Snege, crítico fulminante num “eu lírico” peculiar que vê a si e à sociedade.

Ainda dos anos 1970 para os anos 1980 poetas participantes se somam com publicações inspiradas no movimento da Poesia Marginal e do Concretismo, com destaque para o grupo que publicou a antologia *Sala 17*, vários deles presentes nesta antologia, como Antonio Thadeu Wojciechowski, Marcos Prado, Paulo Venturelli, Roberto Prado, mas também outros, como Domingos Pellegrini, Hamilton Faria, Reinoldo Atem, Solda, Nilson Monteiro e Nelson Capucho, que tiveram intensa participação no movimento estudantil nas universidades, em saraus, no teatro (Pellegrini) ou participação em cooperativa de escritores e jornais. Alberto Cardoso se destaca aí pela capacidade de realizar saraus e agregar escritores em múltiplas declamações, a marca da sua poética, que acabaram invariavelmente no seu famoso Bar do Cardoso, mesclando no próprio nome do local o poeta etéreo e o éter da bebida como a marca de muitos desses poetas, afinal consumidos por cirrose antes que as musas os consumissem...

De 1987 a 1996 circulou o jornal *Nicolau*, editado por Wilson Bueno, marcante pela repercussão obtida no Estado, dando voz a numerosos escritores e poetas paranaenses, mas também exercitando o que já se pode dizer que é uma tradição, apesar do paranismo mais arraigado, que é a busca do diálogo com escritores e artistas de todo o país e até mesmo do exterior, característica essa que, no campo cultural, se ampliará nos anos seguintes, especialmente a partir de 2000. O jornal teve impressionantes tiragens, sendo distribuído nacionalmente e deu amplo espaço à poesia e à tradução.¹⁰

Os intensos anos da contracultura, dos quais Leminski e Alice Ruiz são as maiores referências, começam a se diluir nos anos

1990, anunciando poetas orgulhosos da influência¹¹, ou apontando a mudança da vida social sob a sombra da Aids, como sugere a poética de Rollo de Rezende que, com Jane Sprenger Bodnar, fez o projeto *Homeopoética* pelos bares de Curitiba.

Um ponto criativo vital nesse momento esteve na página *Musa Paradisiaca*,¹² publicada de 1995 a 2000 nos jornais *Gazeta do Povo* e *A Notícia*, por Josely Vianna Baptista e Francisco Faria, empenhada na discussão com interlocutores nacionais e estrangeiros, sinalizando a vocação vanguardista e antropofágica dos editores e escritores nela presentes e a impressionante variedade de assuntos abordados, que vão da cultura ameríndia à tradução e reflexão sobre escritores das Américas do Norte, Central e do Sul. *Musa Paradisiaca*, ao começar após o fim do *Nicolau*, como que o continua, amplificando muitas das suas qualidades e características, tendo sido Josely Vianna Baptista ela mesma partícipe da equipe que o criou, e lá iniciado a publicação de textos da cultura Ameríndia, entre outros trabalhos.

A cena mudaria fortemente na primeira década do século XXI, o quarto período referido, que chega até este momento, marcado pela criação de novas revistas de literatura de projeção nacional¹³, todas com olhar globalizante, com muitas traduções. De 1998 a 2000, com 6 edições, a revista *Medusa*¹⁴ sinaliza esse novo momento. Surgem então as revistas *Coyote*¹⁵, *Oroboros*¹⁶, *Et Cetera*¹⁷, *Babel*¹⁸, *Bólido*¹⁹, o jornal *Rascunho*²⁰, o jornal *RelevO*²¹, e uma significativa quantidade de novos poetas de escrita refinada, à qual se soma, ou até mesmo antecede (com Josely Vianna Baptista em relação aos hispânicos, Ricardo Corona e Rodrigo Garcia Lopes com os norte-americanos e outros, bem como as experiências editoriais do *Nicolau* e da *Musa Paradisiaca*), um impressionante esforço tradutório que não se limita aos clássicos latinos (Guilherme Gontijo Flores, por exemplo, com as *Elegias* de Sexto Propércio e as *Odes* de Horácio), ingleses românticos (o Shelley

traduzido por Adriano Scandolaro), ou modernistas (o *Ulysses* de Joyce, por Caetano W. Galindo), ingleses e irlandeses (por Luci Collin), norte-americanos mais recentes (Bukowski e Leonard Cohen por Fernando Koproski), a pegada variada de Ivan Justen Santana e Rodrigo Madeira e outros, e um blog como *Escamandro*²², de poesia, tradução e crítica, também transformado numa nova revista impressa, aprofundando essa experiência.

Quanto aos poetas e seus poemas propriamente ditos presentes nesta antologia, muitas outras relações e leituras podem ser feitas. Na poesia de Júlia da Costa pode se conhecer a rudeza de seu tempo e a sua vida trágica, expressa pelo viés do romantismo, que se pode relacionar aos poemas de amor não correspondido da melhor fase de Helena Kolody, também aos poemas ao som de valsa e bar de Colombo de Sousa e com o lirismo amoroso e por vezes irônico de Fernando Koproski.

É instigante também descobrir o que fez no Paraná um imigrante japonês como Nempuku Sato, em sua determinada disseminação do haikai e das poéticas e cultura japonesas, que encontra em Alice Ruiz uma continuadora persistente na observação da natureza, contra essa paisagem agrícola que parece onitemporal no Estado; ou, por outro aspecto, pode-se rir das diatribes de um Emilio de Meneses, no que há de melhor de sua poética, a irônica, que está também em Antonio Thadeu Wojciechowski e Solda, em distintas modulações.

Outros escritores se somam nesses cenários com suas poéticas peculiares, como Fábio Campana, repercutindo o clima político dos tempos de chumbo dos anos 1970; Mirian Paglia Costa, com seu primeiro livro premiado e de grande repercussão pela contundência poética com que retrata a infância em Londrina; Domingos Pellegrini, com uma impressionável vitalidade que vai do poema engajado dos anos 1970 ao soneto crítico mais recente, passando pelos bem-humorados haicaipiras; os poemas can-

cionados de Neuza Pinheiro; Wilson Bueno, do barroco à poesia amorosa; a simplicidade irônica e crítica de Hélio Leites; Miguel Sanches Neto, com sua poética que vai da autobiografia à biografia dum outro si mesmo na barroca Ouro Preto; Josely Vianna Baptista, Sylvio Back e Ricardo Corona, entre outros motivos pelas poéticas inspiradas na tradição indígena do Estado e na exploração da performance estética do texto, ampliando-a para uma relação com a arte, no espaço das galerias e da ação performática que envolve o escritor como artista; Marcelo Sandmann com sua poesia sintética, rigorosamente formal, ao mesmo tempo irônica, que dialoga com o modernismo e chega à canção; Mário Bortolotto com poemas que ressoam *blues*, a violência urbana e a marginalidade, que podem ser lidos em contraste e pelas similaridades com os poemas de um novo escritor como Nelson Alexandre; a reinterpretação do simbolismo em Andreia Carvalho; as paisagens e a vida interiorana na lírica poesia de Marco Aurélio Cremasco, em contraste com o sujeito poético “ultracontemporâneo” de Ana Guadalupe, conforme remarcou Heloísa Buarque de Hollanda ao selecioná-la para uma antologia espanhola... Um lirismo contemporâneo marcante, cujo “eu poético” ganha complexidade em poetas como Mauro Faccioni Filho, Marcos Losnak, Luiz Felipe Leprevost, Alexandre França e Rodrigo Garcia Lopes. Ou fica cindido com a exposição dos excessos da linguagem, conforme exposto nas poéticas de Ricardo Pedrosa Alves e Amarildo Anzolin.

Essas questões estão todas presentes em poéticas mais recentes, em geral marcadas por um rigor na escrita ou pelo experimentalismo que chamam a atenção, sinalizando vigorosa renovação poética sob os influxos desse cenário cultural complexo em suas múltiplas manifestações. Destacam-se por suas peculiaridades, citando aleatoriamente, Mario Domingues, Rodrigo Madeira, Edson Falcão, Ivan Justen Santana, Ricardo Pozzo, Adriano

Scandolaro, Guilherme Gontijo Flores, Estrela Ruiz Leminski, Pedro Carrano, Homero Gomes, Beatriz Bajo, Adriano Smaniotto e Ricardo Schmitt Carvalho.

Outra característica importante é o fato de que a poesia já não está somente na capital, mas muito ativa no interior do Estado, nem por isso, contudo, desconectada, como se pode constatar por poetas como Jairo B. Pereira, de Quedas do Iguaçu, com uma poesia experimental que parte de si e chega aos sem-terra e aos índios; e Solivan Brugnara, também de lá, com poemas que retratam de modo singular a fronteira, como, de certo modo, Arthur Barthelmess tentou mapear cada tempo e trecho do interior do Estado. Como esses, outros poetas podem ser descobertos sob essa ótica transcendente do local, em pontos como Maringá, Foz do Iguaçu, Rio Negro... ou no Rio de Janeiro, Campinas, Florianópolis, São Paulo, Santos...

Outra marca comum a vários autores é a metapoética, como na de Glauco Flores de Sá Brito, que remete a Dalton Trevisan (no qual se pode ler Emiliano Pernetá), ou na de Marcelo Sandmann em relação a José Paulo Paes, Dalton, Leminski; e de tantos outros poetas a estes últimos, como Sossélla, com um livro dedicado ao “cachorro louco Paulo Leminski”, além de vários livros ou poemas em que se refere a outros escritores paranaenses transformados em personagens, assim como João Manuel Simões com um livro de poemas que remetem a escritores. Essa escrita poética, assim configurada, estabelece uma prática de leitura crítica curiosa, alimentando um universo próprio de escritores que vão habitando esse espaço imaginário da poesia como se fosse o bairro imaginado do escritor português Gonçalo M. Tavares.

É interessante também, sob esse aspecto, a predileção dos escritores paranaenses pela forma poética do haicai e do tanka, que se dissemina como prática e diálogo por quase todos, indo dos já observados Nenpuku Sato, Alice Ruiz, Antonio Thadeu Wojcie-

chowski, Wilson Bueno, passando por uma variante divertida e naturalizada ao local como os “haicaipiras” de Pellegrini e chegando nas versões de Alvaro Posselt ou mesmo as minhas, tendo até mesmo em Dalton Trevisan, na ficção, uma espécie de horizonte perseguido por seu texto que, depurado à exaustão com o tempo, ganha contundência para se tornar quase um haicai em poucas pinceladas que desvelam eficientemente seu universo ficcional.

É marcante também a articulação da poesia contemporânea, que não fica mais confinada ao local, com os poetas em diálogo com outros e com revistas de todos os lugares, na medida do seu empenho e alcance, fato constatável nas biobibliografias. Isso se expressa também em premiações de todo tipo, sinalizando um espírito competitivo que deve, necessariamente, se refletir em poéticas mais rigorosas e críticas e obras mais bem realizadas que não parem nos primeiros livros.

A inspiração *rizomática* da antologia, sob outro aspecto, permite várias conexões, como ler a Sulamita de Dalton Trevisan ecoando os simbolistas, em Emiliano Pernetta mesmo, sendo ele um dos que a tematizou em sua poesia mais lúbrica; essa Sulamita de ambos ecoa também no escritor mais jovem incluído na antologia, Alexandre Gaioto, em que podemos ler uma atualização daquela personagem que flutua no imaginário poético paranaense pela disseminação peculiar local do *Cântico dos Cânticos* e que pode ter uma inesperada relação com os modos de ver, por exemplo, de Greta Benitez.

Nessa massiva ação de leitura e releituras muito chamou a atenção, mas dois livros merecem destaque pela peculiaridade. O primeiro deles é *Colar de maravilhas*, de Mirian Paglia Costa, publicado em 1981 por Massao Ohno — Roswitha Kempf Editores, com ilustrações de Darcy Penteado, que recebeu o Prêmio de Revelação Literária da Associação Paulista de Críticos de Arte

(APCA) e foi elogiado por escritores como Carlos Drummond de Andrade, Millôr Fernandes e Paulo Rónai; a contundência poética sobre a infância e a vida às margens do Tibagi dos anos 1950 para os anos 1960 é notável e algo dele pode ser lido aqui. O outro é *Brisais*, de Jaques Brand, publicado em 1997 e que, nos poemas podemos encontrar exemplos de como a relação com a tradição pode ser divertida e interessante, sobre como a tradução pode ser transcriativa sem ser pedante; sobre como a poesia é sinônima de amizade e irmanamento que se dá tanto com os autores que se lê e se traduz ou transcria, quanto com os poetas e leitores contemporâneos com os quais se compartilha essa experiência.

Feitas todas essas observações, caberia ainda dizer algo quanto aos critérios mais pessoais que nortearam as escolhas dos poemas, questão perfeitamente pertinente, uma vez que está no cerne da discussão quanto ao que seja a poesia para quem ousa se situar nesse campo. Devo dizer que depois do legado do alto Modernismo, em seu empenho de discussão estética que atingiu fortemente a poesia, não se pode mais querer fazê-la sem uma mínima consciência crítica do que seja, impondo-se ainda ao poeta contemporâneo aquelas primazias que caracterizam a poesia da modernidade, que são as categorias negativas, tal como apontadas por Hugo Friedrich, somadas ao antagonismo à sociedade, assunto caro a Adorno e outros estudiosos do assunto, como Barthes²³. Ilustrativa dessa questão do antagonismo social é a antologia *Vinagre*²⁴, feita no calor da hora das manifestações que tomaram o país em junho de 2013, na qual participaram diversos poetas paranaenses.

Sob esse aspecto, portanto, encarar a missão de elaborar uma antologia tem um tanto de buscar respostas ao fato de que “a tensão dissonante é um objetivo das artes”²⁵, considerando-se que, para o antologista, essa tensão continua válida contemporaneamente, tanto quanto foi para a modernidade, cabendo, portanto,

buscar nos escritores, sob diversos aspectos, esse sentido de dissonância em sua obra em relação ao tempo em que vivem ou viveram. No entanto, ainda que haja uma predileção por esse critério, oriundo de uma estética pessoal, ao definir a pesquisa numa gama tão ampla de escritores, há que se considerar não apenas o critério de “transformação”, fortemente associado ao referido antagonismo, mas também os de “sentimento” e de “observação”, tidas essas como as três maneiras possíveis de comportamento da composição lírica que domina a poesia moderna²⁶ e ainda repercute.

Paulo Leminski, num texto²⁷ muito comentado, também tentava responder a essa demanda, pois ao referir-se à poesia, compreendendo seu sentido máximo de dissonância, dizia que ela está além da utilidade, pois a poesia é dessas coisas “que não precisam de justificação nem de justificativas” porque ela “é o princípio do prazer no uso da linguagem” e só tem sentido, só é poesia, se proporciona prazer e tem capacidade de produzir “mundos novos” ou sentidos novos, alheios ao utilitarismo da sociedade que impõe valor cambiável a tudo.

Feitas essas observações todas, nunca suficientes, cabe ao leitor e aos poetas a fruição desse recorte, com a expectativa de que novas leituras, recortes e descobertas se realizem, produzindo “os novos mundos” de que falava Leminski²⁸, bem como o necessário prazer da linguagem.

a poesia
que se vive
o leitor
que se vire

NOTAS

- 1 Jorge Luis Borges. *Os conjurados*. Trad. Pepe Escobar, São Paulo: Três, 1985.
- 2 De certa forma este trabalho é um desdobramento ampliado do livro *Passagens: antologias de poetas contemporâneos do Paraná*, que elaborei para a Imprensa Oficial em 2002 para a Coleção Brasil Diferente, criada por Miguel Sanches Neto. Onze anos se passaram, por isso, ainda que possa ser complementar quanto a questões lá problematizadas e por ter um número maior de poemas, este está atualizado em relação aos que lá foram incluídos. Na ocasião do lançamento de *Passagens*, Wilson Martins publicou uma resenha na *Gazeta do Povo* de 30/9/2002, “Meu nome é legião”, em que ironizava aquela “horda” chegando: “Como os antigos exércitos romanos, elas avançam em formação cerrada, as juvenilidades Auriverdes da poesia brasileira, recrutando os seus guerrilheiros em todas as províncias do Império, de Itambaracá, no Paraná, a Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, e também em Araquara, Maringá, Curitiba, Bauru, Paranaguá, Londrina, S. João do Caiuá e Pato Branco, além de Onças, SC, e Pato Branco...” Daí que, se vivo fosse, faria a ele esta homenagem com uma horda aumentada para 101...
- 3 Toda a discussão sobre essa forma de lidar com a cultura, as ciências, as lutas sociais etc., está em *Mil Platôs*, de Deleuze e Guattari. Os autores teorizam definindo que “não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas. Quando Glenn Gould acelera a execução de uma passagem não age exclusivamente como virtuoso; transforma os pontos musicais em linhas, faz proliferar o conjunto”; um rizoma não cessa de conectar cadeias semióticas, lida com o descentramento; “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”, ou seja, tal como sugerem os autores e tal como entendo a forma de situarmos na Babel polifônica (Bakhtin) contemporânea, com esse compósito teórico possibilita-se, sob essa visada, uma elaboração ou reelaboração simultânea do conhecimento a partir de todos os pontos, sujeitos a reinterpretações por diferentes entendimentos ou conceitualizações. A ideia de polifonismo, conforme as definições de Bakhtin em seu estudo sobre Dostoiévski, aplicada tanto aos sujeitos quanto aos textos, possibilita novas reconstituições desses sujeitos na e pela interatividade. Uma antologia, assim composta e lida, resulta, ao final, numa visada muito mais abrangente e complexa do campo, enriquecendo a discussão estética que, em última instância, alcança as peculiaridades e preferências estéticas ou de gosto de cada um. A bibliografia utilizada para esta edição é a que está mencionada nas bibliografias dos autores; outras fontes mais específicas são mencionadas nas notas e a que se refere às questões teóricas que dão base para a introdução e seleção são: BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008; BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 2. ed., São Paulo: Perspectiva, 1987; BRAITH, Beth (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed., rev., Campinas: Ed. da Unicamp, 2005; CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand; Lisboa: Difel, 1988; DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.
- 4 Paulo Leminski, num debate no *Nicolau* n.º 4, dizia que “o Paraná é Estado recente. Estamos fundando uma tradição, um passado, um repertório coletivo”, sendo ele mesmo um dos que se empenharam em atingir uma alta consciência crítica nesse cenário, buscando respostas com uma obra criativa complexa que abriu várias frentes de batalha. MARQUARDT, Eduard. “O primeiro ano de *Nicolau*: ‘Nós do Paraná’”, in: <http://www.elsonfroes.com.br/kamiquase/nicolau3.htm>, consultado em 30/9/2013.

- 5 Quanto a isso, cito dois exemplos. O primeiro é pessoal, de criação da revista *Babel*, que editei a partir de 2000, com os outros paranaenses, Marco Aurélio Cremasco, Mauro Faccioni Filho e Susana Scramim, todos morando em pontos distintos do país como Santos, Campinas e Florianópolis e buscando um foco nacional. Atualmente, denotando uma maior potencialização da literatura por esse meio, é interessante o exemplo do grupo de poetas reunidos no blog *Escamandro*, dedicado à tradução de poesia, e que, a partir daí, graças à interatividade possibilitada pela internet, criaram uma revista impressa, de mesmo nome, através da Editora Patuá, de Eduardo Lacerda, que tem se notabilizado pelo uso desse meio e pela publicação de dezenas de livros de poesia muito bem editados e impressos sob demanda.
- 6 Agradeço as sugestões dadas por Ivan Justen Santana e Marco Aurélio Cremasco.
- 7 Sobre Itiberê, destaca-se o texto “Nossos dândis: o primeiro”, de Cassiana Lícia de Lacerda, in: Ideias <http://www.revistaideias.com.br/?/cultura/737/nossos-dandis-o-primeiro/#sthash.BanN2Ytx.dpuf> e o ensaio “Jean Itiberê: um informante”, de Cassiana Lacerda, in: ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/download/19763/13002 — consultados em 30/9/2013. Este último, de onde se tiraram os poemas desta antologia, transcreve todos os poemas do autor publicados em várias revistas simbolistas, em francês, a demandarem tradução.
- 8 Menciono o exemplo da dissertação do poeta Reinoldo Atem, orientada por ele, *Panorama da poesia contemporânea em Curitiba*, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Literatura Brasileira, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR em 1990.
- 9 Destaca-se, por exemplo, a dissertação do poeta Adriano Smaniotto, presente nesta antologia, que faz um panorama eficiente da poesia no Paraná, especialmente no período estudado: “Uma possível cartografia poética: alguns ‘territórios’ da poesia nas antologias do Concurso Estadual Helena Kolody (1990-1995)”. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos Machado, Curitiba, 2012.
- 10 Estudos generalizantes sobre o jornal podem ser encontrados em MARQUARDT, Eduard. “O primeiro ano de *Nicolau*”, disponível in: <http://www.elsonfrees.com.br/kamiquase/nicolau3.htm>, consultado em 30/9/2013; VIEIRA, Maria Lúcia. “Um periódico em busca de poesia”, in: <http://www.utp.br/elettras/ea/elettras3/arto2.htm>, consultado em 30/9/2013. Esta última autora escreveu dissertação de mestrado, sob o título “*O Nicolau*, um jornal cultural”, orientada pelo prof. Édison José da Costa na UFPR, que está disponível apenas parcialmente na internet.
- 11 Veja-se meu ensaio “Sintomas e remédios da poesia contemporânea”, in: <http://www.germinaliteratura.com.br/literatura5.htm>.
- 12 Leia-se a entrevista feita com Josely Vianna Baptista e Francisco Faria, disponível em: <http://www.musarara.com.br/musa-paradisiaca>. E não se deixe de ler a valiosa reedição dessa experiência editorial que está no volume *Musa Paradisiaca: antologia da página de cultura (1995-2000)*, publicado em 2003 pela Editora Mirabilia.
- 13 Aos interessados em ampliar sua leitura e pesquisa, quase todas essas revistas já foram objeto de estudos no NELIC — Núcleo Estudos Literários e Culturais da UFSC, publicados no Boletim do NELIC, disponível na internet, no site daquela universidade.
- 14 Publicada em Curitiba por Ricardo Corona e Eliana Borges, com Ademir Assunção e Rodrigo Garcia Lopes no conselho editorial.
- 15 Publicada em Londrina por Marcos Losnak, com Ademir Assunção e Rodrigo

Garcia Lopes, desde 2002, atualmente com 24 edições.

- 16 Publicada em Curitiba por Ricardo Corona e Eliana Borges, com 6 edições, de 2004 a 2006.
- 17 Publicada em Curitiba por Fábio Campana e Rubens Campana de 2003 a 2006, com 10 edições.
- 18 Criada em 2000 pelos paranaenses Ademir Demarchi (Santos-SP), Marco Aurélio Cremasco (Campinas-SP) e Mauro Faccioni Filho e Susana Scramim (ambos em Florianópolis-SC), essa revista teve 6 edições de 2000 a 2004 e em 2012/2013 teve mais 6 edições com distribuição nacional de 10 mil exemplares, após 1.º prêmio no edital do Programa Cultura e Pensamento do MinC/Petrobras em 2010, sempre com significativa participação de paranaenses.
- 19 Publicada em Curitiba por Eliana Borges, Joana Corona e Ricardo Corona, teve 3 edições em 2013.
- 20 Publicado em Curitiba por Rogério Pereira, circula mensalmente desde 2000, estando em outubro de 2013 na edição 163, com tiragem de 5 mil exemplares distribuídos nacionalmente.
- 21 Publicado em Curitiba por Daniel Zanella desde setembro de 2010, em outubro de 2013 chegou à sua 45.ª edição, com significativo espaço para poesia.
- 22 <http://escamandro.wordpress.com/>. Veja-se a nota 5.
- 23 Veja-se *Inútil poesia*, de Leyla Perrone-Moisés. (São Paulo: Companhia das Letras, 2000).
- 24 Veja-se no blog da *Babel Poética* todas as informações sobre essa antologia, in: <http://babelpoetica.wordpress.com/2013/06/24/vinagre-2-a-edicao-ampliada/>.
- 25 FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna (da metade do século XIX a meados do século XX)*. São Paulo: Duas cidades, 1978, p. 15.
- 26 Conforme Friedrich, desta vez à p. 19 da obra citada.
- 27 LEMINSKI, Paulo. *Ensaios e anseios crípticos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011: “Inutensílio”, pp. 85-7; esse texto complementa um outro, no mesmo livro, “Arte inútil, arte livre?”, pp. 41-50.
- 28 Devo dizer também, em resposta a certo moralismo deste tempo, que, como antologista, sendo este um trabalho de pesquisa e autoral, embora usando textos públicos (ou seja, publicados) e tendo meus critérios, procurei contatar todos os autores e obter sua autorização para incluir seus textos, atendendo a contento ambas as partes e excluindo alguns autores em respeito a sua decisão de não participar, ainda que, pela característica deste trabalho, me dispensasse disso a Lei nº. 9.610-98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências pois que, no seu Art. 46, regula que “não constituiu ofensa aos direitos autorais: ... III — a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra.”

SUMÁRIO

JÚLIA DA COSTA	25
EMILIANO PERNETA	31
EMILIO DE MENESES	41
DARIO VELLOZO	51
JEAN ITIBERÉ (<i>João Itiberê da Cunha</i>)	62
SILVEIRA NETO	69
TASSO DA SILVEIRA	77
NENPUKU SATO	81
BRASIL PINHEIRO MACHADO	85
HELENA KOLODY	91
GLAUCO FLORES DE SÁ BRITO	101
COLOMBO DE SOUSA	109
ARTHUR BARTHELMESS	117
DALTON TREVISAN	123
JOSÉ PAULO PAES	131
FOED CASTRO CHAMMA	135
ALBERTO CARDOSO	143
WALMOR MARCELLINO	147
SYLVIO BACK	155

JAMIL SNEGE.....	163
JOÃO MANUEL SIMÕES.....	177
MANOEL DE ANDRADE.....	185
SÉRGIO RUBENS SOSSÉLLA.....	193
PAULO LEMINSKI.....	203
ALICE RUIZ.....	209
JAIR FERREIRA DOS SANTOS.....	215
FÁBIO CAMPANA.....	223
MIRIAN PAGLIA COSTA.....	229
HAMILTON FARIA.....	239
JAQUES BRAND.....	251
DOMINGOS PELLEGRINI.....	257
NEUZA PINHEIRO.....	265
WILSON BUENO.....	269
ANTONIO THADEU WOJCIECHOWSKI.....	277
PAULO VENTURELLI.....	287
HÉLIO LEITES.....	293
REINOLDO ATEM.....	299
LUIZ ANTONIO SOLDA.....	305
NILSON MONTEIRO.....	311
OTÁVIO DUARTE.....	319
EDUARDO HOFFMANN.....	327
BÁRBARA LIA.....	331
CESAR BOND.....	337
JAIRO B. PEREIRA.....	345
LEOPOLDO COMITTI.....	353
NELSON CAPUCHO.....	363

CÉLIA MUSILLI.....	373
EDSON DE VULCANIS.....	379
JOSELY VIANNA BAPTISTA.....	385
JUSSARA SALAZAR.....	395

**Júlia
da
Costa**

O QUE É A VIDA

*Como do raio o lampejar luzente
Desenha formas n'ampidão do céu,
Assim da vida a empalecida chama
Formas desenha n'um mentido véu!*

A vida, a vida, o que é ela?
— Devesa curta e espinhosa,
Estéril por natureza,
Sem luz, sem ar, sem verdura!
Estrada de peregrinos
Que de cansaço adormecem
No leito da desventura!

Tanta vaidade e luxúria,
Tanta malícia na terra,
Só de vapores formada!
— Ao sopro do Eterno Deus
Tudo s'esvai n'um momento!
Como do mar um lamento
Buscando abrigo nos céus!

A vida, a vida, que é ela,
Incauto e pobre mortal?
Apenas átomo frágil
Da fina areia do chão?
A vida, a vida, que é ela?
— Pálida sombra de um dia
Levada pelo tufão!

Tanta impiedade no mundo
Por base tendo a vaidade!
Tanta maldade envolvida
Nos mantos da singeleza!
Tanta ambição, tanta lida!

*

E um dia vem sepultar-nos
Da lousa na morbidez!

A vida, a vida, o que é ela?
— Devesa curta e espinhosa,
Estéril por natureza,
Sem luz, sem ar, sem verdura!
Estrada de peregrinos
Que de fadiga adormecem
No leito da desventura!

Despe, mortal, teu orgulho,
E encara a vida, qual é;
Que como a flor que definha
Do vendaval ao bramido
Assim tombado ao sepulcro
Hás de te finar também!
Sem ter no peito um gemido,
Que possa remir-te à Fé!

ILUSÕES

Em vão te chamo nos murmúrios vagos
Da doce brisa que fugindo vai;
A voz se perde na procela horrível
Que sobre os mares à noitinha cai.
Em vão te chamo! só responde o eco...
Em vão almejo contemplar a ti;
Medonha nuvem de mistérios cheia
Te induz, ai! sempre a te ausentar de mi'!

Aéreo sonho, mentirosa sombra
D'um sol no ocaso que a gemer tombou,
Em vão te busco nas mescladas nuvens
D'um céu querido que o luar banhou!

*

Nos rudes templos d'um passado estranho
À luz d'um círio pela dor erguido,
Lampejam inda as ilusões ditosas
D'um tempo estranho que lá vai sumido!

Assim, ó sombra, na minh'alma vives
Sem cor, nem luz, a divagar perdida...
Em vão te chamo! minha voz se perde
Por este espaço que chamamos vida!

Em vão te chamo! já me falta o alento!
Em vão procuro assemelhar teu canto!
És como a ave que a trinar na rama

Fugindo inspira ressentido pranto.

— És como a ave que na sombra solta
Os seus prelúdios de saudade infinda,
E que fugindo quando a luz se mostra
Os seus cantares sonorosos finda.

| VII |

Vem, meu lindo poeta! pobre noivo
De meu triste castelo que tombou!
Vamos juntos erguer nossa casinha
Entre o mato florido que ficou.

Olha, eu tenho inda o véu com q'adornei-me,
Tenho a flor com q'ornei-me p'ra te ver!
Vamos juntos formar o nosso ninho
Do favônio gentil ao estremecer.

Tu és loiro e formoso! eu te idolatro
Como a mãe ao filhinho que criou!
Como a rola a floresta que lhe acorda
Uma quadra amorosa que passou!

*

Vem, meu jovem poeta! — Vamos juntos
Levantar nosso ninho que pendeu!
— Nossos tristes filhinhos nos esperam
Entre o orvalho da rosa que morreu.

As laranjeiras se vestem de mil flores.
Os vagalumes se acendem na espessura
— Vem meu noivo querido! é hoje, é hoje,
Nosso dia de amor e de ventura!

Deixa, deixa esta pálida tristeza,
Nossa casa gentil vamos ornar!
— Plantaremos na porta mil roseiras
Cantaremos, meu anjo, à beira-mar.

Vem, meu jovem poeta! vamos juntos
Levantar nosso ninho que pendeu
— Nossos tristes filhinhos nos esperam
Entre o orvalho da rosa que morreu.

Quero a vida sorver n'um beijo teu,
Quero a mágoa esquecer n'um teu respiro
Quero sonhos doirados da existência
Lá, só lá converter n'um teu suspiro!

Vem, meu lindo poeta! pobre noivo
De meu triste passado que tombou!
— Vamos juntos erguer nossa casinha
Entre o mato florido que ficou!

Júlia da Costa (Paranaguá, 1844 — 1911) é considerada a primeira mulher a escrever poesia no Paraná. Publicou, em 1867, dois livros: *Flores dispersas — 1.ª série*, e *Flores dispersas — 2.ª série*. Sob os pseudônimos de Sonhadora, Americana e J. C. (entre outros), escreveu, além de poemas, crônicas. Em 2001, a Imprensa Oficial do Paraná publicou *Poesia*, livro organizado e apresentado por Zahidé Lupinacci Muzart, reunindo a poesia completa da autora, além de prosa poética, um folhetim, cartas e artigos críticos sobre a produção da poeta.

Emiliano Perneta

NO TRONCO DE UMA ÁRVORE

Ao Mário de Barros

Foi num começo esplêndido d'outono,
Quando cheguei. A mata era um gorjeio,
Era um sussurro, languidez e sono,
E um corpo nu, e um perfumado seio.

E que gesto mais lindo de abandono,
Que abraços loucos e que doido anseio,
Quando me vi perdido aqui no meio
Desta folhagem alta como um trono!

Hoje, anda em guerra o sol como um deus Marte,
É que eu me vou, é que eu me vou embora...
E que fel tão amargo deixar-te,

Ó Natureza, ó rústica sonora,
Virgem de pés descalços e sem arte,
Que eu como um fauno desflorei agora!

ESSE PERFUME

Esse perfume — sândalo e verbenas —
De tua pele de maçã madura,
Sorvi-o quando, ó deusa das morenas!
Por mim roçaste a cabeleira escura.

Mas ó perfídia negra das hienas!
Sabes que o teu perfume é uma loucura:
— E o concedes; que é um tóxico: e envenenas
Com uma tão rara e singular doçura!

Quando o aspirei — as minhas mãos nas tuas —
Bateu-me o coração como se fora
Fundir-se, lírio das espáduas nuas!

Foi-me um gozo cruel, áspero e curto...
Ó requintada, ó sábia pecadora,
Mestra no amor das sensações de um furto!

NOX

Escureceu. Silenciosa,
A Noite faz a *toilette*:
Na cabeleira tenebrosa
Engasta a lua um alfinete.

Depois, o corpo sempre moço,
O corpo em flor de Sulamita,
Num banho imerge até o pescoço,
Banho de estrelas que palpita.

E enfim de todo quase nua,
Somente envolta em véus ideais,
No carro d' ébano flutua,
Pelos espaços siderais.

Vendo-a passar, dos rendilhados
Palácios de ouro e cristal,
Como se fossem namorados,
Os astros fazem-lhe um sinal.

E cada vez mais se reclina
Sobre esses coxins de veludo,
Sorrindo como Messalina
Para todos e para tudo ...

DE UM FAUNO

Ao Ismael Martins

Ah! quem me dera, quando passa em meu caminho
Juno! com seu andar de névoa que flutua,
Poder despi-la dessa túnica de linho...
E vê-la nua! Eu só compreendo estátua nua!

Nua! Essa corça nua é branca, e é como a lua...
Ser eu Apolo! embriagá-la do meu vinho!
Porém se estendo no ar os meus braços, recua,
Esquiva a dama apressa o passo miudinho...

A dama foge, não deseja que eu avance...
Meu desejo, porém, é um gamo. De relance,
Vendo-a, corre a querer sugar-lhe o claro mel...

Despe-a; carrega-a, assim, despida, para o leito...
E, nua, em flor, bem como um sátiro perfeito,
Sobre o feno viola essa Virgem cruel!

OUTRO SONETO DE D. JUAN

Quando fulges aqui pela minha lembrança,
Ó fogo de Babel, luxuriosa flor,
É como se fulgisse a ponta de uma lança,
E é mais ódio talvez que eu sinto do que amor.

E vingança também e sede de vingança,
Sabendo que afinal foste possuída por
Tudo quanto bem quis, atroz desesperança,
Por vaidade ou prazer, ser teu possuidor...

E que horrível pesar que pois assim me veja
Condenado a querer enfim uma mulher
Que todo o mundo quis e todo o mundo beija...

E tenha por destino e por minha desgraça,
A infâmia de beber no fundo de uma taça
Onde eu sei que bebeu um beberrão qualquer! ...

HELIOGÁBALO

É um prostíbulo. E pois, tendo admirado tudo,
— Calígula a rugir dentro dum lupanar,
Tibério, se fosse um fauno cornudo,
De lepras e furor a se despedaçar, —

Supunha nada mais ter que ver, quando mudo,
E apavorado, viu pela cidade entrar
O novo imperador, coberto de veludo,
Seda e ouro, e por fim bracelete e colar...

E era deus, era um deus, d'uma pompa feroz.
Quando o filho do sol aos pórticos assoma,
Entre eunucos reais e truões, alçando a voz,

“Viva o Imperador!” O mundo o aclama e quer.
“Viva!” O monstro excedeu as crápulas de Roma!
Heliogábalos é um homem e é uma mulher!

VERSÍCULOS DE SULAMITA

Ontem, atrás de ti, por essas ruas, toda
Furiosa, caminhei, nesta Jerusalém;
Mas supondo talvez que eu estivesse douda,
A guarda me espancou e me feriu, meu bem.

| II |

Vem, Salomão gentil, vem, ó meu rei amado,
Toda a noite passei velando, não dormi
Um instante sequer, de anseio e de cuidado...
Tenho fome de ti, tenho sede de ti !

| III |

Os meus seios estão mais rijos que uma pera,
Túmidos de desejo e de suspiros vãos,
Que bom de me fundir, como se fosse cera,
ao calor ideal dessas pálidas mãos!

| IV |

Tu dizes, meu amor, que meu umbigo é como
Uma taça a ferver de espuma e embriaguez;
Vem beber esse vinho e comer esse pomo,
Vem te embriagar de mim e da minha nudez...

| V |

Estes lábios são teus, estas coxas são tuas,
Vem, ó rei Salomão, meu corpo é todo teu,
Vem devorar aqui as minhas pomas nuas,
O fruto saboroso e ácido que sou eu...

| VI |

Vem, que morro por ti ! Pois mal te sinto e logo
Com a mão a gotejar, como um destilador,
A mirra, abro-te a porta, as entranhas em fogo,
Rugindo, como se fosse incêndio, de amor!

Emiliano Pernetá (Pinhais, 1866 — 1921) foi o principal representante do Simbolismo paranaense. Sua obra poética inclui os livros *Ilusão* (1911), *Pena de Talião* (1914) e os póstumos *Setembro* (1934) e *Poesias completas* (1945). Em 1911 Pernetá foi coroado o “Príncipe dos poetas paranaenses”, em uma cerimônia no Passeio Público de Curitiba.

**Emilio
de
Meneses**

OLHOS FUNÉREOS – IV

Dentro do funeral dos seus olhos pressagos,
Enlutados talvez por algum sonho extinto,
Como na estagnação sinistra de dois lagos
Mira-se duplamente a mesma flor do Instinto.

Olhos! vós sois, por certo, o fúnebre recinto,
Onde vêm responsar, aos íntimos estragos,
Os restos de ilusão que dentro d'alma sinto
E que são para mim meus únicos afagos.

Perturba a placidez do meu sonhar de asceta,
O augúrico fulgor dos seus dois negros cílios
Imponderáveis como asas de borboleta.

Os meus mortos ideais em teu olhar, asile-os
Essa, que ele me abriu, cova humilde e discreta,
Onde irei sepultar meus últimos Idílios...

AS SEREIAS

Foi pelo mar em fora. A recurva trirreme
Ampla, em prata estendendo um rastilho de espuma,
Leva, léguas além, a áurea canção que geme
E canta, d'harpa, e ri, nas cordas, uma a uma.

Vibra sempre a canção; adelgaça-se a bruma;
Surge a lua, e ao luar, a superfície treme
Do mar que a essa canção em colo a vaga apruma,
Extreme de paixões, de cóleras extreme.

Tão sugestivo é o canto, e entre as vagas do oceano
Os golfinos e dragões sorvem-lhe o eco em tal dose,
Que pouco a pouco vão tomando o aspecto humano.

Súbito, cessa o canto e as sereias em rima,
Mudas pasmam de ver esta metamorfose:
— Monstros do ventre abaixo e deusas ventre acima.

NOITE DE INSÔNIA

Este leito que é o meu, que é o teu, que é o nosso leito,
Onde este grande amor floriu, sincero e justo,
E unimos, ambos nós, o peito contra o peito.
Ambos cheios de anelo e ambos cheios de susto;

Este leito que aí está revoltado assim, desfeito,
Onde humilde beijei teus pés, as mãos, o busto.
Na ausência do teu corpo a que ele estava afeito.
Mudou-se, para mim, num leito de Procusto!...

Louco e só! Desvairado! A noite vai sem termo
E, estendendo, lá fora, as sombras augurais.
Envolve a Natureza e penetra o meu ermo.

E mal julgas talvez, quando, acaso, te vais,
Quanto me punge e corta o coração enfermo,
Este horrível temor de que não voltes mais!...

PLENIPOTENCIÁRIO DA FACÚNDIA

[Oliveira Lima]

De carne mole e pele bambalhona,
Ante a própria figura se extasia.
Como oliveira — ele não dá azeitona,
Sendo lima — parece melancia.

Atravancando a porta que ambiciona,
Não deixa entrar nem entra. É uma mania!
Dão-lhe por isso a alcunha brincalhona
De paravento da diplomacia.

Não existe exemplar na atualidade
De corpo tal e de ambição tamanha,
Nem para a intriga igual habilidade.

Eis, em resumo, essa figura estranha:
Tem mil léguas quadradas de vaidade
Por milímetro cúbico de banha!...

SAI... AZAR!

Seis horas. Estação da Leopoldina.
Tomo o trem. Mal me abanco, uma velhota,
De setenta anos, fala, sopra, arrota,
Numa desenvoltura de menina.

Quero ler. A carcaça, de voz fina,
Tanto fala e me diz tanta lorota,
Que, na raiva, o jornal se me amarrota
E ainda o raio da velha me bolina.

Quero fugir. A peste me segura.
Por pouco mais me torno um assassino.
Sinto que passa um vento de loucura.

E julgo ver que, em meio ao desatino,
Eu era da polícia a atroz figura,
E a velha era a figura do Aurelino.

[UM POLÍTICO]

Marechal, senador e proprietário,
De alma vazia e de algibeiras cheias,
Ninguém conhece o sangue originário
Que lhe infla as mil nonagenárias veias.

É tão feio que, assim, nonagenário,
À sua própria fealdade une as alheias.
O seu rosto é um mosaico extraordinário
De pedacinhos de mulheres feias.

Mosaico de canhões, namoros cava.
E, no cinema, o pé reiuno toca,
Até que a dama, a rir, o mande à fava.

Se nalguma tourada se coloca,
Ele que, em tempos, foi um vaca brava,
Hoje não dá nem mesmo para choca.

C. L. [UM NARIGUDO]

Homem sério, porém politiqueiro,
De inteligência mais ou menos clara,
É um edil, camarista ou camareiro,
De raro estofo e de feição bem rara.

Mais seco do que arenque de fumeiro,
Todo feito em lasquinhas de taquara,
Sacode em contorções o corpo inteiro
E tem puxos de filme pela cara.

Tem um nariz de cinco ou seis andares.
Se ele o entulhasse, num mister diverso,
De bicha, traques, fogos populares,

Faria uma fortuna, — é incontroverso, —
Pois, naquele nariz, turvem-se os ares!
Cabem todos os traques do universo!

PROSOPOPEIA DA PEPA AO PUPO

(“A sra. Pepa Ruiz e Pupo de Moraes andam em negociações para o arrendamento do Mercado do Rio de Janeiro”)

Parece peta. A Pepa aporta à praça
E pede ao Pupo que lhe passe o apito.
Pula do palco, pálida, perpassa
Por entre um porco, um pato e um periquito.

Após, papando, em pé, pudim com passa,
Depois de peixes, pombos e palmito,
Precípite, por entre a populaça,
Passa, picando a ponta de um palito.

Peças compostas por um poeta pulha,
Que a papalvos perplexos empulha,
Prestando apenas pra apanhar os paios,

Permuta a Pepa por pastéis, pamonha...
— Que a Pepa apupe o Pupo e à popa ponha
Papas, pipas, pepinos, papagaios!

A. J. [A ASCLEPIÁDES JAMBEIRO]

Para o teu nome a fórmula sintética
Vou fazer, ó de Ulisses companheiro,
Sem fugir às leis clássicas da estética
E partindo da análise primeiro.

Tiraste os quatro pés (isto é dialética)
Do verso asclepiadeu e, prazenteiro,
Ao jâmbico emprestando rima poética,
Eis-te agora Asclepiádes Jambeiro.

Dos quatro pés ficou-te a inteligência
Pois é nela que mora o asclepiadeu,
Diverso apenas pela desinência.

Da alma ao corpo a tua métrica desceu
E, conforme as leis da arte e as leis da ciência,
Dáctilo tens um pé e outro espondeu.

Emílio de Meneses (Curitiba, 1866 — 1918) foi jornalista e poeta. Eleito para a Academia Brasileira de Letras, faleceu antes de tomar posse. Entre suas principais obras, destacam-se *Marcha fúnebre* (sonetos, 1892), *Poemas da morte* (1901) e *Obra reunida* (1981).

**Dario
Vellozo**

ESQUIFE

Vês este esquife lirial? ... Descansa
Aí, fantasiado, o derradeiro sonho:
De puro olhar, dulcíssimo e tristonho,
Meigo e pungente raio de esperança.

Foi esse olhar o idílio mais risonho
De minha vida amenidosa e mansa...
E quanta vez beijei a loura trança
Dessa que eu via em derradeiro sonho!...

Ela, porém, fugiu... Mágoa secreta
Veio minar a vida do poeta,
Dando-lhe o haxixe de sensações profanas.

Regressa agora... É tarde, noiva amada!
Minha lira repousa, amortalhada
No éreo sudário das paixões humanas.

DOIS ESQUIFES

Lírios brancos no olhar sereno, morto,
Rosas murchas nos lábios desbotados,
Ei-la, — astro extinto, — de ideais passados
Volvendo à noite, ao sideral conforto.

Como faquir misticamente absorto,
Cismo; a saudade os bronzes desolados
De peregrino, inolvidável horto.

Pobre esperança, dúlcida e querida,
Levas no olhar uma ilusão perdida,
O vago espectro desse amor desfeito.

Dormes! O esquife as tuas formas cinge,
E o céu reflete em seu olhar de esfinge
Esse outro esquife que tu tens no peito.

AO CAIR DAS FOLHAS

Hélàs! Les beaux jours sont finis!

Théophile Gautier

Teus vestígios buscando. E a sombra esquiva e dúctil
De teu corpo, e o teu ser de enlevo e de harmonia.
As acácias em flor... E a voz? E a luz macia
De teus olhos? E a flor do teu sorrir? ... Inútil

Meu afã de buscar-te!... A vida leve e fútil
Empolgou-te... O jovem esquecido... A poesia
Do céu, da natureza, evolada... Sombria,
Deambula na noite a minha alma inconsútil.

Linda e formosa! Linda! Eu quisera elevar-te
Um templo de saber, de sentimento e de Arte,
Culto de graça e amor à Musa do Ideal.

Deslumbrou-te o clarão do mundo. Adeus, Senhora!
Hoje: sombra... Ontem: luz, a flama inspiradora
Do bardo... Eleita: e morta... Eleita: e tão fatal!

SOL E NEVE

Estátua de marfim, branca e sem vida, fátua...
Era gelo polar seu coração e mente...
Quem lhe pôs essa luz, quem a fez refulgente
Estrela de santal?... Quem te deu vida, Estátua?

Bebes, Lírio de amor, o néctar das Esferas
Que rebrilham no azul e te dão seiva e aroma...
Musa, que argila foi, transfigurada assoma
Guirlandando do Templo as colunas severas.

Eu fui o Criador de tua alma, o sublime
Estatutário, a VOZ que te chamou à vida...
Criei-te, e transfundi-me em ti, em ti perdi-me!

Teu lábio em flor bebeu-me a alma. — A alma e a luz
Tomaste; e sucumbi. — Mortalha, em luz fundida,
O manto de Urânia envolve a minha cruz.

PAREDRA

Vênus pagã, olhos de sete-estrela,
A cabeleira rútila fulgindo...
Amei-te!... amor, nos olhos teus fulgindo,
Volúpia; luz do sol de teu cabelo.

A luxúria findou. Astro maldito,
Rolei do azul aos pélagos hiantes...
Procurava a minha alma... além, distantes,
Lótus colhi nos edens do Infinito.

Morreste. Ao val da Sombra, compungido,
Boa que foras para meus delírios,
Levei teu nobre coração partido.

Só então, osculando o altar de pedra,
À luz morrente de funéreos círios,
Tua alma ouvi... — a minha Irmã, Paredra.

ATLÂNTIDA — POEMA ÉPICO

[do Prelúdio]

Íon, no Espaço
Poeira kômica na amplidão,
— Terra! —
Num círculo de aço,
Na órbita que o Destino retraçou;
Terra de servidão!...
Terra de expiação!...
Terra de redempção!...
Domínio de Mayá, — a encantadora,
Que vida e morte encerra,
De philtros cheia a ânfora sonora;
— TERRA —
Um mundo para o Homem,
Cujo corpo o teu limo formou;
Um nada do Infinito;
Penumbra das almas, cuja essência
A Essência Eterna irradiou;
Caçoula em que Formas se consomem,
Quando a alma revoa,
Livre à Carne, ao Desejo, que agrilhoa!...
— Terra!

[Canto I: A Morte de Poseidonis]

(...)

Inquire o Mago:

— À proa, à proa... A onda esconde
Neste momento, Mestre, o cimo que rebrilha...
Olhai-o agora!... Vede!... aumenta e maravilha.

— É, Runá, de Tupã Boiera, a serra imensa,
A terra dos palmais que das ondas se adensa.
Pindorama, o país das tribos temerosas,
— A taba hospitaleira, as almas valorosas.
Sumakê, tu serás o íris da esperança;
A redourar na rede o sonho de criança;
Runá, — de Paititi a cidade fulgor
Levantarás, — e ireis com denodo e labor
Edificando o Reino, Atlântida futura,
De beleza moral e sublime cultura.
Servidores leais dos Santuários Brancos,
Dos Goécios contereis os terríveis arrancos.
A Magia do Bem vencerá a do Mal:
O Amor expungirá o culto de Baal.
Os templos do deus LUZ a Concórdia, a Amizade
Ao país levarão, de cidade em cidade.
A Flama brilhará na altiva Cordilheira,
Fanal — esclarecendo a Humanidade inteira.
Os pósteros virão das lindas do Planeta,
Pés roxos, a sangrar, do arrocho da calceta.
E a todos abrireis as plagas e os palmares,
E ditosas sereis na paz de vossos lares.

[Canto V: Céltida Druidica]

(...)

Sacrifícios humanos! Sangue a rodo,
Sangue que as Larvas bibulas absorvem,
Do alto monte de Morven
Baixando,
Tumultuando,
Negreando
O horizonte...
Lodo!

Sacrifícios humanos!... Rubra fonte
De sortilégios e de malefícios!...
Do alto monte
Que Ossian celebrou,
A luz das madrugadas
Foge... Edifício de ossadas
Que a Morte acumulou,
Monte de sacrifícios
Onde a lâmpada antiga se esgotou.

[Canto VI: Athene]

(...)

ATHENAS!

Um prelúdio de sol na ânfora da noite...
Um prelúdio de sol!...
Prelúdio!... — Dilúculo nascente,

Áureo-purpúreo arrebol
De uma aurora que surge a aclarar o OCIDENTE!...
(...)

[Canto VII: Terra Universal]

(...)
Que o Destino se cumpra!
Que da ATLÂNTIDA o Gênio a mente forme
Do homem fraternal!
E seja a Terra dos Palmares,
Na UNIDADE — intangível,
A Pátria Universal,
A TERRA UNIVERSAL!

Aeronaves da PAZ, — por sobre a Terra
Abre as asas da FRATERNIDADE!

Na suprema Cultura a PAZ se encerra,
É o Estado civil;
Chave de um ciclo — a ATLÂNTIDA descerra
As Portas de Ouro do Brasil.

O povo do BRASIL: — um hino à LIBERDADE,
O ouro do BRASIL: — o amor à HUMANIDADE!

Do passado remoto ergue-se a voz da ATLÂNTIDA,
Na aurora que desponta,
Linda voz matinal
De arauto e de adail:

— A exaltação da Pátria Universal,
A exaltação da TERRA UNIVERSAL!

E na abóbada azul a luz que monta,
O canto rosicler da inspirada Profântida,
Asa espiritual,
Asa branca e sutil,
A legenda da História,
O lema da vitória:
ATLÂNTIDA: — BRASIL!

Dario Vellozo (Rio de Janeiro, 1869 — 1937) construiu, em 1909, o Instituto Neo-Pitagórico, espaço de debates literários e da cultura helenística e do movimento simbolista em Curitiba. Criou a revista *O Cenáculo* (1895-1897). Em 1996 a Prefeitura de Curitiba publicou o volume *Cinerário & outros poemas*, organizado por Cassiana Lacerda.

Jean Itiberé

(João Itiberê da Cunha)

IRONIE

*J'aime le lourd parfum des fleurs de cimetière,
Des fleurs où chaque mort a posé son baiser,
Des fleurs dont les racines ont été puisées
Leur sève dans l'inerte matière.*

*J'aime la violence et la vie insultante
De cette flore étranger et vibrants attraits,
Qui, comme une catin sans coeur, impénitente,
Offre à l'homme râlant ses charmes indiscrets.*

PERVERSITÉ

*Je veux faire mes vers, serpents capricieux,
Ramper sournoisement vers la beauté rêvée
Pour glisser la luxure en sa chair enervée
Des morsures et des lourds baisers vicieux.*

*Et pour nimer ses seins, les rois des hémisphères,
Avec le corps lacif, onduleux et traînant,
Des strophes lentes et des rimes serpentaires,*

*Et lécher son col de vierge rayonnant,
Erigé comme un lis à la splendeur nacrée,
Et pour flétrir la fleur de son âme sacrée,
Et succer son doux coeur, ce lourd rubis saignant.*

TABLEAU MALSAIN

*Je la vis étendu en une pose lasse
De panthère repue, ivre de sang frot frais.
Un sourire glissait sur la fleur de sa bouche
Et ses grands yeux meurtris de volupté farrouche
Rêvaient du vicieux baiser aux forts attraits.
De l'infécond baiser qui consume et qui glace.*

*Ses longs cils ténébreux avec lourdeur baissés,
Plaquaient sur son visage étrange et satanique
Un immobile nimbe d'ombre tyrannique,
Carcam mystérieux serrant ses yeux lassés
Qui cachaient dans la nuit de la paupière pâle
Leur teinte demeurée à jamais sphinxiale.*

LE SPHINX

*J'ai voulu pénétrer les secrets de ton corps
Et lire sur ta bouche un mot de volupté,
Mais ta bouche était close ainsi qu'un lourd tombeau
Et tout désir fuyait comme fuit le corbeau.
Sûrement par ses goûts et son flair emporté
Vers la chair entassée et la puante des morts.*

*J'ai voulu pénétrer les secrets de ton coeur
Et lire dans tes yeux leur langage muet.
Mais tes yeux étaient noirs comme est noire la nuit
Et ton secret fuyait comme l'oiseau qui fuit
Des vieux champs ravagés qui non plus de bluet
Où poser son baiser palpitant et vainqueur.*

*J'ai voulu pénétrer les secrets de ton âme
Et lire dans ta voix un fol amour, peut-être;
Mais ta voix était blanche ainsi que l'aube est blanche
Et ton secret fuyait, comme de blanche en blanche,
Dans le mystère et la froideur de tout ton être;
Mais je me venge, ô Sphinx! Ta bauté les proclame!*

CONTRASTE

(Poema em prosa)

A Domingos Nascimento

Especialmente traduzido para a revista Club Coritybano

Oh! como, nesta sombria noite invernosa, as folhas tombam tristemente, como sanguíneas lágrimas vertidas por fantasmas de braços desolados!...

Juncado o solo. E elas se vão para longe, arautos de tristeza e de luto, em venturosa debandada, arrastando a embriaguez do *spleen* e o espectro do suicídio.

Com que gemidos fremem e se deslocam esses esqueletos da natureza, com que lancinantes queixumes se contorcem, atraídas para o eco e para a treva!...

| II |

Oh! como, nesta límpida noite de inverno, caem rapidamente as folhas, quais frívolas borboletas de ouro, abandonadas em tresloucado tresvario pelas vetustas árvores regozijadas!

Juncado o solo. E elas se vão para longe, arautos da ventura e alegria, levando em temerária revoada a embriaguez do sonho e o amor da vida.

Com que ternura toda esta natureza adormecida se agita, com que desordenada jovialidade se ergue para o céu e para a luz de prata...

Jean Itiberé (Cerro Azul, 1870 — 1953) foi o pseudônimo utilizado por João Itiberê da Cunha. Publicou poemas nas revistas curitibanas *Azul*, *Club Curitibano* e *O Cenáculo* e é autor de *Préludes* (poemas, 1890).

Silveira
Neto

[NESTA EXISTÊNCIA CHEIA DE TEU NOME]

Meus olhos têm a dor que o céu teria
Se refletir o mundo o céu pudesse,
E vão dizendo — bardos da Agonia, —
Que a dor primeira nunca mais se esquece.

Lívidos da cal do extremo dia,
Por eles a alma ao dia extremo desce;
E a minha boca, em vez de beijos, fria,
— Cactos estranho — em maldições floresce.

Como um bonzo feral a minha boca
Reza em teu nome uma canção de Ahasvero.
E, em meio à dor que há tanto me consome,

Meu coração parece uma harpa louca
Vibrada pela mão do Desespero,
Nesta existência cheia de teu nome.

PIEIDADE

Eu quis mostrar o coração em febre,
Mas com ele que tem o mundo inteiro?
Nem o verso sacrílego célebre
Desta loucura o canto forasteiro.

Basta! que a dor noiteia o meu casebre
— Sombra da Cruz velando o meu pardieiro —
Piedade ao pranto! e a Lira que se quebre,
Mas não profane o sonho derradeiro.

Piedade à Cisma que teu nome canta
Doida, abalando as grades da existência,
Para seguir-te o grande olhar de santa!

Piedade ao cantochão dos dissabores,
Porque o amor, Querida, é uma demência
Dos desgraçados e dosa sonhadores.

FINADOS

Tudo acabado, mortos! Nem persiste
A carne antiga rubra de desejos.
Tudo em caveiras, — últimos sobejos —
Frias e loucas no seu sorriso triste.

E sobre vós, a rir, amantes vejo-os
Calcarem essa terra que os resiste,
De olhares quentes onde a vida existe
Na tentação satânica dos beijos.

Mágoa febril nas tumbas se debruça
Dos séculos de amor que estão chorando ...
Porém mais alto minha dor soluça:

É mais sombrio e maior dor comporta
Ter, como eu tenho, o corpo carregando
Na cova da existência uma alma morta.

LITANIAS

O mesmo céu — que nós olhamos, olho:
Mundos gelados de saudade; admire-os
A alma que tenha, abrolho por abrolho,
Toda a loucura e todos os martírios.

Jorro de pranto com que os versos molho,
A Via-Láctea é um desfilar de círios.
Quanta tristeza para os céus desfolho
Na doida orquestração dos meus delírios!...

E vou seguindo a ver, pela amargura,
Que as estrelas são lágrimas da Altura,
Ardendo como os círios dum altar.

Nada mais resta: e a vida, fatigada,
De no meu corpo ser tão desgraçada,
Foge-me toda para o teu olhar.

A LUA NOVA

A Nestor Victor

No silêncio da cor, — treva silente —
Abriu-se a noite mádida e sombria,
Logo que o Sol, rezando: Ave, Maria...
Fechou no Ocaso as portas de oiro ardente.

A terra, a mata, o rio, a penedia.
Tudo se fora pela treva e, rente
Ao céu, ficou a lua nova algente,
Como um sonho esquecido pelo dia.

Ela assim foi: morreu; desde esse instante
Pálido e frio, como a lua nova,
Ficou-me entre as saudades seu semblante.

Mas, ouve: quanto mais doida cresce
A noite que me vem da sua cova, Mais branca e inda mais
fria ela aparece.

CANÇÃO DAS LARANJEIRAS

Laranjas maduras, seios pendentes
pela ramada, apoiados de luz,

Que é das orinhas-nevadas e débeis,
caçoulas de incenso que o aroma produz?

Se elas recendem o ar todo se infla
num esto de gozo, nas frondes do vai,

Como se andasse o Cântico dos cânticos
abrindo-se em beijos no laranjal.

São elas o sonho da árvore em festa
pensando no fruto, que é todo sabor;

Assim a grinalda que enfiaram, das noivas,
é a aurora do dia mais claro do amor.

Infância, candura da estreia longínqua,
luz tênue que flui das auras do céu.

Depois do primeiro amor, o remígio
do sonho mais puro a que a alma ascendeu.

De sonho, bebido em taças que lembram
aquela de lavas, que um dia o vulcão

moldara em Pompeia, num seio de virgem,
talvez em memória de algum coração.

Silveira Neto (Morretes, 1872 — 1945) foi escritor simbolista e integrou a revista *O Cenáculo*, juntamente com Dario Vellozo e Júlio Pernetá. Sua poesia completa foi reunida no volume *Luar de inverno*, em 1967, com introdução de Tasso da Silveira.

**Tasso
da
Silveira**

ALEGRIA

Alegria de ter nascido
na terra fresca
que floresce em vinhedos e trigais.

Alegria pela promessa de eternidade
que vive no trigo, que o Senhor transubstanciou em seu corpo,
que corre no vinho, que o Senhor transubstanciou em sangue.

Alegria de imaginar o mundo
todo cheio da pulsação ardente dos vinhedos
e da palpitação leve e livre dos trigais.

SONHO

Poeta! Quando nasceste, a Terra, árida e estranha,
era um deserto imenso, um caos ermo e fechado.
A inexpressão enchia o espaço, lado a lado...
A alma, trêmula, ansiava a uma angústia tamanha!

Mas surgiste... E ao fulgor que ao teu gesto acompanha,
tudo se transformou... Vieras predestinado...
Fez-se um tesouro egrégio o alto Céu constelado,
uma epopeia o Mar, um símbolo a Montanha!

Mas nem sabes da luz de esplendores eternos
que semeaste... A fulgir, dos teus olhos escorre
o pranto... — Ah! ser um Deus... O inatingível ideal!

Louco! Mas se és maior do que os deuses supernos...
Eles fizeram, vê, tudo o que passa e morre...
tu criaste, no Sonho, a Beleza — imortal!...

Tasso da Silveira (Curitiba, 1895 — 1968) foi filho do poeta simbolista Silveira Neto, que fazia parte do grupo da revista *O Cenáculo*. Tasso foi colaborador das revistas *Árvore Nova*, *América Latina*, *Terra do Sol* e *Festa*, esta última fundada com Andrade Muricy. Em 1962, publicou *Puro canto — poesias completas*, reunindo livros como *A alma heroica dos homens*, *Alegorias do homem novo*, *As imagens acesas*, *O canto absoluto*, entre outros. Em 1966 publicou seu último livro, *Poemas de antes*.

Nenpuku Sato

Faça um país de poesia
aonde leve esse navio
vento de primavera

lavre a terra
feito um deus como
Kunitokotatchi no Mikoto

lavrando a terra
plante também
um país de haikai

o barulho do trovão
ecoa na imensidão da selva
feito filhotes de trovão

a lua crescente
na sobancelha do papagaio
você não percebe?

pássaros migrando
por toda a minha vida
ceifar tudo que planto

a geada queimou tudo
até o cachorro
vaga a esmo

jardim de violetas
agora somos dois
no banco a borboleta

sementes de algodão
agora são de vento
as minhas mãos

flor do café
lavando essa roupa
flutua mais branca

via láctea
em qualquer lugar que eu viva
envelheço

não tinha nada
mas não me esqueci
trouxe de lembrança este caqui

Nenpuku Sato (Sasaoka, 1898 — 1927) disseminou o haikai no Norte do Paraná, além de colaborar com uma coluna na revista *Brasil Jibo*. Por mais de 30 anos escreveu para o *Jornal Paulista* e foi fundador da revista *Kokage*, especializada na crítica e divulgação do haikai..

**Brasil
Pinheiro
Machado**

PAISAGEM DE MINHA TERRA

Manhã de domingo de sol reto.
A grande igreja sem estilo
Decorada por dentro por um batismo de Cristo
Feito por um pintor ingênuo
Que quis ser clássico e foi primitivista.

Missa internacional
Com gentes de todas as raças
Ouvindo o padre alemão rezar em latim.

A gente nem tem vontade de olhar o crucifixo desolado
Nem de rezar
Porque tem lá dentro tanta menina bonita
Que não reza também
E fica sapeando a gente com meiguice...

Só os polacos de camisa nova por ser domingo
Que vieram com as famílias de carroça lá das colônias
Rezam fervorosamente
Enquanto nos seus quintais
Os chupins malvados e alegres
Comem todo o centeio
Cantando glórias pro sol de domingo.

De *Quatro poemas*

II

As coxilhas se sumiam verdes
na velha fazenda bem grande e deserta.
Velha só porque fazia tempo
que as reses pastavam
quase em plena liberdade,
Mas tudo era verde como na primavera.
Um dia
Homens vindos do norte procurando felicidade
soltaram duas pombinhas brancas
(que Deus nos guie!)
As pombinhas foram avoando avoando
Fizeram uma porção de voltas no ar
E foram quietinhas sentar no alto da canhada grande
na imbuia queimada
erguida no meio da tiguera.
“ESTÁ ALI O LUGAR QUE DEUS INDICOU!”
E fizeram a igreja.

Depois as pedras grandes foram quebradas
Pra casinhas bem pequenas de portas bem largas
e janelas quadradas.

Que homens valentes passaram por lá!
Sempre procurando a felicidade...
E no entanto
Aqueles pinheiros espalhados pelas coxilhas

Eram até bem tristes nas tardes
de céu vermelho como sangue.

As tropas cansadas que vinham troteando
cheinhas de pó das bandas bem do sul
Os tropeiros valentes que aguentavam o passo
das mulas por léguas e léguas
Tudo ia se arrumando para um descanso
Porque lá no alto da canhada grande
Estava a vila do descanso
Onde no largo da matriz
As moças mais bonitas se enfeitavam
pra receber o anel dos cavaleiros
Que na velocidade tonta dos matungos
Era arrebatado pela lança enfeitada no entusiasmo da cavahada.

Os campos eram longos e tristes como as estepes da Rússia.

Começaram a chegar homens bem brancos de pele bem alva
e cabelo da cor das macegas no verão.

Até que eram bem tristes aqueles homens
de bigodão ruivo e olhos azuis!

E a vila crescendo no alto da canhada
vinha descendo devagarinho...

E no mês de junho a geada caindo amanhecia os telhados
alvos e as casas de pinho bem alvas.

No entanto o sol pisca-piscava no céu
sem derreter o friozinho gostoso da geada

E os carroções de toldas brancas
puxadas por oito cavalos batendo guizos

E boleadas por russos bigodudos vestidos ainda de pelego
Entravam na cidade coberta de geada e alumiada de sol.

O brasileiro nortista que chegava
Dizia que aquilo era uma aldeia russa.

Que o verdadeiro Brasil estava lá no Amazonas
Lá no nordeste
Lá no sertão ensolado de Canudos
Onde os homens eram de bronze
O ano todo era verão
E as casas todas tinham só linhas curvas.
Que não podia ser Brasil onde houvesse geada
até o meio-dia

Onde em vez do caboclo meio bronze mulato
Andassem polacos fazendo barganhas de porco
e plantando mandioca
Onde os bandoleiros em vez de usarem a roupa
de couro dos cangaceiros
E cantarem modinhas tristes de negros e índios
Usassem bombachas largas e boleadeiras
e cantassem (meu Deus!) em castelhano.

Só que o brasileiro do norte que chorava
a desbrasilidade do sul
Não notou que quando parava o seu fordinho
na estrada esburacada
E apeava pra pedir água ou comprar fruta
na chacinha em frente

O polaquinho
O russinho

O alemãozinho
O italianainho
Nascido ali
Traduzia o pedido do viajante pro pai e do pai pro viajante
Numa língua igualzinha à dos caboclos
de cor de bronze amulado
Sem regra de gramática portuguesa, graças a Deus!

Brasil Pinheiro Machado (Ponta Grossa, 1907 — 1997). Em 2001, a Imprensa Oficial do Paraná publicou *Poemas seguidos de dois ensaios*, com apresentações de Augusto Frederico Schmidt e Miguel Sanches Neto.

Helena Kolody

SUPREMO AFETO

Porque és tão triste assim e tens a alma cansada,
Eu me ponho a sonhar canções maravilhosas,
Para depois cantar essas canções maviosas.
Ignorada e feliz, à beira de tua estrada.

Porque sofres sozinho as penas da jornada,
Eu rasgo o coração nas urzes espinhosas
E do meu sangue rubro eu faço olentes rosas,
pétalas tapizando a senda acidentada.

Oprimem o meu peito as lágrimas que choras.
E eu desdobro a teus pés o suave amor, que ignoras
Não foi de ninguém mais, nem sabes que ele é teu.

Se, acaso, outra mulher te faz sorrir, ditoso,
Eu sufoco o meu pranto e exulto no teu gozo,
E as lágrimas transformo em astros do teu céu.

CÂNTICO

Dono de meu sorriso e causa do meu pranto!

Se adivinhasses que, ao passar absorta,
Vou sonhando com teu olhar profundo...
E nada mais existe neste mundo,
E tudo mais na vida pouco importa.

A luz do teu olhar é a estrela solitária
Da noite deste amor, que é feito de silêncio.

Em meu enternecido coração,
O teu nome ressoa em notas graves,
Como no amplo recinto de altas naves
Um cântico de imensa devoção.

Eterno sonhador, teu vulto pensativo
Vive na timidez do meu amor esquivo.

TARDE DEMAIS

Se soubesses, amor, quanto eu quisera ser
A doce companheira, indulgente e querida
Que enchesse de alegria o vácuo de tua vida
Com seu alcandorado afeto de mulher...

Com que solicitude ardente e comovida
Minha ternura imensa havia de aprender
A apagar de teu rosto os traços de sofrer,
A afastar de tu'alma a dor imerecida!

Eu desejaria ser a meiga feiticeira
Que transformasse em luz a tua vida inteira,
Concretizando o teu ideal de sonhador.

Mas, em teu coração outra mulher impera...
No encantado jardim do reino da quimera,
Floriu tarde demais o meu sonho de amor.

PRISÃO

Puseste a gaiola
Suspensa de um ramo em flor,
Num dia de sol.

PERSPECTIVA

Olha pela janela azul do meu olhar
Serenos e transparente, onde se esconde calma
A misteriosa esfinge eslava que é minh'alma.
Mergulha os olhos teus no mundo em perspectiva
Que se adivinha atrás de uma pupila esquiva.

Verás, por certo, desdobrar-se alma adentro,
Na paisagem agreste, a estepe soberana.

E para que não pise a estepe imaculada
O duro sapatão de algum mujique alvar,
Eu ando sempre alerta e trago bem guardada
A paisagem de neve oculta em meu olhar.

*

Quando leio teu nome
boiam as letras
nas minhas lágrimas.

Mendiga,
busco o vestígio de teu olhar
nos olhos que te fitaram.

Quando leio teu nome
as letras cintilam, tremem:
estrelas boiando em lágrimas.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Mar ignorado sou,
Amado meu,
Mar ignorado,
Ilha intocada.

Meu amigo, meu irmão:
— Por que se inquieta o teu coração,
A arder em zelos?

Guardo meu lírio para o jardim eterno.
Conservo minha lâmpada acesa.

— Como és sábio meu amado,
Como és culto e inteligente!

Águia entre os falcões
É o meu amado entre os homens.

— Por que se inquieta o teu coração
E se consome em ciúmes?

Su'alma beijou a minha
Num longo olhar de amor.
Gravei seus olhos em meu coração.

A eternidade teceu entre nós
Sua tênue trama de ouro.
Quem poderá separar
Su'alma da minha?

Meu amigo, meu irmão:

— Por que se inquieta o teu coração?

Meu amado é como um pinheiro

Na outra margem do rio.

De longe lhe envio minhas canções

Banhadas de lua cheia.

E meu amor é lua, é pássaro e canção.

— Por que se inquieta o teu coração?

Vivo como se dormisse

A sonhar contigo

Para sempre.

O mundo é um rumor longínquo

De mar em ressaca

A quebrar-se nas amuradas

Do meu castelo sem pontes.

SAUDADE

Há vinte anos não ponho nos teus olhos,
numa carícia azul, o meu olhar.

Nunca mais tuas mãos fortes e esguias,
aquecerão as minhas.

A saudade, esta aranha tecedeira,
arma, de novo, o nhanduti do sonho
com o mesmo fio de outrora.

E a alma se enreda na trama sutil,
como se fosse agora.

NAVEGANTE

Navegou
no veleiro dos livros.

Desembarcou
e conferiu.

E o mundo que viu
não era o que imaginou.

VIAGEM INFINITA

Estou sempre em viagem.

O mundo é a paisagem
que me atinge
de passagem.

Helena Kolody (Cruz Machado, 1912 — 2004) é um dos principais nomes da poesia paranaense. Entre seus livros, destacam-se *Paisagem interior* (poemas, 1941), *Sempre palavra* (poemas, 1985), *Poesia mínima* (poemas, 1986) e *Caixinha de música* (poemas, 1996).

Glauco Flores de Sá Brito

PERPETUUM MOBILE

Em ti começa o mundo
Vêm depois os acessórios: a luz
O verde murmúrio de pássaros
e o mar

O mar da vida nasce de ti
Vendaval e ternura, risos
de espuma, angustiosas vagas
Vida

Se te ausentas é tudo
morte, solidão
anulando o sol, árvores
riachos

A vida és tu
Começa em ti o mundo
consciente e a música

APARIÇÃO DE RIMBAUD NA OFICINA

Não foi sobre a nuvem
que o anjo apareceu, nu
seu busto, jasmim e maçã
curvado sobre a máquina
e a tinta da noite
tingia seus dedos

Dentro dos olhos uma borboleta
Rio de luar desciam os cabelos

Desde a aparição, que temo
e procuro
perdi-me da terra, anseio
nebuloso acorre-me
a cada instante, vivo
de pressentimentos

Porém longe do espaço
o anjo tem o céu na terra
e me sorri calado
entre sonho e carne
entre a tinta e o ferro

BALADA DE BELSEN

Mais forte que a voz dos vivos
e a voz dos soldados mortos
Na grande libertação
O clamor dos mortos, mortos
Nos campos de concentração
Incinerados nos fornos
Cadáveres contorcidos
Numa alucinação.
Os mártires da vitória
Que exigem reivindicação
Não podem ser esquecidos
Não, por muita geração
Fantasmagóricas sementes
De toda a libertação.

Oh, tu, das mãos decepadas
Oh, tu, sexo rasgado
Oh, tu, crânio esfacelado
Nas câmaras de “purificação”
Menino enterrado vivo,
Não esqueceremos, não!
Oh, ressequidas sementes
Semeadas nos fundos valos
Dos campos de concentração
Sóis as raízes fecundas
Da grande libertação.

Onde existir um tirano
Houver uma inquisição
Vossa lembrança na mente
Dos que viram nossos corpos
Convulsos, contorcionados
No estático ballet
A mente que vos lembrar
Derrubará o tirano
É a sua inquisição.
Membros desarticulados,
E rostos intumescidos
A imensa podridão
A que fostes reduzidos
Será bandeira, uma flâmula
Guiando à libertação.

Vós dolorosa semente
Do trigo da liberdade.
Que a todos dará o pão.

De Quatro motivos de crime passionnal

Para Dalton Trevisan

Terceiro

João esperou duas horas
a esposa
Maria chegou apressada
da rua

O jantar não estava pronto
A casa não estava arrumada

João não falou palavra
ficou de cara amarrada
Seguia a mulher pela casa
(Maria não notou nada)

Maria foi lavar as mãos
e disse: Antônio,
me alcança a toalha

QUARTO

A angústia visitava o homem
três vezes por dia
o homem não sabia
o que fazer
da sua angústia

Bateu na casa do vizinho
A mulher deste atendeu
O homem contou da angústia
A mulher era compreensiva
Serviu chá com bolinhos
Ele disse que era só
Ela disse que também
se sentia muito só

A angústia deixou o homem
Mas ele vai muito seguido
tomar chá com bolinhos

Glauco Flores de Sá Brito (Montenegro, 1919 — 1970) mudou-se para Curitiba em 1937, com 18 anos, onde se destacou na atividade teatral, tendo sido, com Ary Fontoura, fundador do Teatro Experimental do Guaíra. Começou a publicar poemas nos 1940 e é autor de *O marinheiro* (1947) e *O cancionero de amigo* (1960).

Colombo de Sousa

ALEGORIA DA BAILARINA NOTURNA

Ei-la esculpida em seus mistérios, nua
no camarim azul da imensidade;
muros sem fim encarceram a sua
virgem alma no tempo sem idade.

Ei-la a bailar — a música insinua
a transparência do bailado que há de
vestir de espelho seu perfil de lua,
no encantado mural da Eternidade.

Quem não amar a Bela Adormecida
não cantará com ela o hino da vida,
rosas de amor plantando pelo mundo.

Seus gestos musicais nadam contornos
de almas, sonham jardins, descem ao fundo
do seu cenário de violinos mornos.

PASSA UM BÊBADO CANTANDO

Quem me vê não vê quem sou,
quem me chama me ignora;
dentro de mim é que estou
e não fora.

Por dentro a dor me angustia,
por fora a alegria mora;
eu preciso qualquer dia
ir-me embora.

ALEGORIA DO DIA E DA NOITE

São dois cavalos de variado porte,
Cavalgando-os por sonhos, pesadelos,
Descubro o colorido de seus pelos,
Atento aos pontos cardeais da morte.

Talvez ao branco, ao preto me reporte,
Levam-me (sem ouvir os meus apelos)
Aonde não sei. Quem poderá detê-los?
Assim talvez à ilha do sonho aporte.

Soam os dois quais músicas em dueto
E, ao vê-los, minhas lágrimas estanco,
Atos do herói que antes não fui — cometo,
Poemas de amor do coração arranco.

— Sou noite e morte no cavalo preto,
Sou dia e vida no cavalo branco.

TRIZ

Sou todos ou ninguém. Se alguém me viu
Vagando por aí, errou. Mentiu.
Era o mundo em meu rosto desenhado.

SONETO

Era preciso que um de nós partisse,
pois nosso amor perdeu o encanto, a graça;
talvez, se morto está, nunca renasça,
nem nunca mais te diga o que te disse.

Ébrios de amor, esgotamos a taça,
sem crer que tanto amor se consumisse.
E como, enfim, mais nada nos unisse,
desmanchou-se o castelo de fumaça.

Depois o adeus — tão rápido, indeciso —
deu-me a impressão de termos sido expulsos
do encantado jardim do Paraíso...

Foste, eu fiquei. E aqui, ainda desejo
aos grilhões desse amor prender meus pulsos,
beijar de novo teu primeiro beijo.

CÉU

Sensação longínqua do que é vivo,
teu nome é miragem.

PENUMBRA

Aquele horror pelas valsas,
aquele medo de tudo,
no fundo do labirinto
sem ressonância nos ecos;
— tra-la-lá, la-lá, la-lá...

Dentro da névoa do enigma
brincavam duas crianças
rodopiando no ar:
— tra-la-lá, la-lá, la-lá...

Quatro gigantes chegando
abriram enorme cova,
jogaram na cova o amor.

Corre um vento sem memória
na alucinação das cores,
paira um pesado mistério
sobre a tarde embaciada;
— tra-la-lá, la-lá, la-lá...

ESTUDO PARA UM MURAL

Ó esquiadora hipnotizada pela música,
vem repousar aqui, em meu cenário plástico,
as mãos e os pés que são teclados, sombra.

Meus braços buscam o teu sentido exato
e carregam noites na rotina do ar.
Sou um homem aprisionado em meus espelhos,
mas tenho gestos líricos para beber as cores
e aonde fores andarás meu eco. Sempre habitaste
as noturnas latitudes de meu equívoco,
porque somos sempre este roçar de sombras
escorregando sobre si mesmas.

Colombo de Sousa (Colombo, 1920 — 1991) foi professor e publicou, entre outros, *Painéis* (poemas, 1945), *Fuga* (poemas, 1948), *O anúncio do acontecido* (poemas, 1968) e *Antologia poética* (poemas, 1973).

**Arthur
Barthelmess**

ANTILÍRICA

sabiá galinhão
duma figa
ciscando
profano
na terra macia
no mole do chão
da horta
estrumada
atrás
de minhoca
atrás de coró
quem daria
nesta hora
por tua lírica
três patacas
furadas?

MISTÉRIO

fora
Voluntário
da Pátria
voltou
com duas
cunhãs
iguais
como pingos d'água
uma mulher
outra
cunhada
um dia
uma sumiu
ou então
quien lo sabe
os dois pingos
se juntaram
num pingo só
(cunhã
a cunhada
diferença
quase nada)

NEBULOGÊNESE

ar é frio
o rio
ainda morno
dentro chão
secreto forno?
nasce a neblina
na grande noite dentro
em vagarosas
fátuas
vagas brancas
galgando tenuemente
as barrancas
ninguém
nunca ficou
para saber
como se adensa
na madrugada
a branca massa
agora imensa
dependurada
no varal do nada

A COLÔNIA VELHA

rio estuado
em largo quase lago
o paredão da Serra
por uma vez
aqui se abranda
em rampa mole
facinha de subir

era o sinal
ali seria
seria ali
voilà! voici!
e ali foi
só não durou
em 1846
se fez
no mesmo ano
acabou

era um roteiro milenar
de migrações
ninguém sabia
naquele ano
como em cada ano
a temporada fria
chupou para baixo o clã
dos caingangues
chagaram
feito dilúvio

o estrondo da ronqueira
(trovão ao rés do chão?)
deteve por instantes a perplexa horda
— *tout le monde dans les canots!*
e remos para que vos quero
na água atrás daquela mínima flotilha
tombavam impotentes as tardias flechas
o povoado ardeu desfeito em labaredas
tições e mais tições
lançados para o alto traçaram no negror
parábolas vermelhas
só restou o nome: Colônia Velha
hoje tem rodoviária lá
com guichê-e-mocinha
mas é outra gente
que não sabe de nada

Arthur Barthelmess (Tereza Cristina, 1922) publicou *Seis poemas* (poemas, 1952), *Enfeitiços* (contos, 1988) e os livros *Ivaby — Saga e lenda, vida e lida* (epopeia, 1990).

Dalton Trevisan

CANTARES DE SULAMITA — I

Se você não me agarrar todinha
aqui agora mesmo
só me resta morrer

se não abrir minha blusa
violento e carinhoso
me sugar o biquinho dos seios
por certo hei de morrer

estou certa perdidamente certa
se não me der uns bofetões estalados
não morder meus lábios
não me xingar de puta
já hei de morrer

[..]

também certa a minha morte
se você não acariciar o meu púbis de Vênus
com o terceiro quirodátilo
já caio morta de costas
defuntinha
toda morta de morte matada

morrerei gemendo chorando se você titilar
a pérola na concha bivalve
morrerei na fogueira aos gritos
se não o fizer

amado meu escuta
se você não me ninar com cafuné
me fungar no cangote
mordiscar as bochechas da nalga
me lamber o mindinho do pé esquerdo
juro que hei de morrer
certo é o meu fim

[...]

se não me currar
em todas as posições indecentes
desde o cabelo até a unha do pé
taradão como só você
é certo que faleci me finei
todinha morta

se não me crucificar
entre beijos orgasmos tabefes ganidos
só me cabe morrer
minha morte é fatal
de sete mortes morrida
mortinha de amor é Sulamita

CANTARES DE SULAMITA – II

Oh não amado meu
moça honesta já não sou
e como poderia
se você me corrompeu até os ossos
ao deslizar a mão sob a minha calcinha
acariciou a secreta penugem arrepiada?

como seria honesta
se você me deitou nos teus braços
abriu cada botão da blusa
sussurrando putinha no ouvido esquerdo?

[...]

não nenhum resto de pureza
assim que descerrou os meus lábios
dardejando a tua língua poderosa
na minha enroscada em nó cego

como ser mocinha séria
depois de beijar todinho o teu corpo
com medo com gosto com vontade
de joelho descabelada mão posta
à sombra do cedro colosso do Líbano
mil escudos e troféus pendurados

é possível ser moça de família
se me sinto a rosa de Sarom
orvalhada da manhã
com um só toque do teu terceiro quirodátilo?

Ai precioso amado querido
meu corpo tem memória e febre
meu puto me abrace me beije
sirva-se tire sangue me rasgue inteira
satisfaça a tua e a minha fome
finca o teu pendão estrelado
onde ele deve estar

oh não meu príncipe senhor da guerra
mocinha séria já não sou
me boline devagarinho
no uniforme de gala da normalista
atenção às luvas brancas de renda
me derrube na tua cama
de lado supina de bruços

[..]

me diga como posso ir à igreja
de véu no rosto Bíblia na mão
se você afastou com dois dedos firmes e doces
o mar vermelho entre as minhas pernas
expondo à vista ao ataque frontal
meu corpinho ansioso e assustado
me estuprou me currou me crucificou?

quando separou os joelhos
abrindo as minhas coxas
um querubim feroso
de delícias me cobriu
com sua terceira asa de sarça ardente

como ser moça ingênua
se antes sou uma grande vadia
o teu exército com fanfarras desfilando
na minha cidadela arrombada?

[...]

vem oh princesa minha
depressa vem oh doce putinha
aos gritos fortes do rei que batem à porta
o meu coração se move
salta de um a outro lado do peito
já se derretem as minhas entranhas
o rosto do amor floresce neste copo d'água

eu sou tua você é meu
por você inteirinha me perco
quem fez de mim o que sou?

sim amado meu
sou virgem princesa concubina
égua troteadora no carro do Faraó
vento norte água viva
sou rameira tua rampeira Sulamita
lírio do vale pomba branca
morrendinha de tanto bem querer
até que sejamos um só corpo
um só amor
um só

Dalton Trevisan (Curitiba, 1925), considerado um dos mais importantes contistas brasileiros, esteve à frente da revista *Joaquim*, entre 1946 e 1948, e publicou, entre outros, *Novelas nada exemplares* (contos, 1959), *O vampiro de Curitiba* (contos, 1964) e *Capitu sou eu* (contos, 2003).

**José
Paulo
Paes**

DRUMMONDIANA

Quando as amantes e o amigo
te transformarem num trapo,
faça um poema,
faça um poema, Joaquim!

MURILIANA

Corto a cidade, as máquinas e o sonho
Do jornaleiro preso no crepúsculo.
Guardo as amadas no bolso do casaco.
Almoço bem pertinho do arco-íris,
Planto violetas na face do operário.
Conversando com anjos e demônios,
É o meu anúncio que dirige as nuvens.

O ALUNO

São meus todos os versos já cantados:
A flor, a rua, as músicas da infância,
O líquido momento e os azulados
Horizontes perdidos na distância.

Intacto me revejo nos mil lados
De um só poema. Nas lâminas da estância,
Circulam as memórias e a substância
De palavras, de gestos isolados.

São meus também os líricos sapatos
De Rimbaud, e no fundo dos meus atos
Canta a doçura triste de Bandeira.

Drummond me empresta sempre o seu bigode.
Com Neruda, meu pobre verso explode
E as borboletas dançam na algibeira.

José Paulo Paes (Taquaritinga, 1926 — 1998) colaborou com a revista *Joaquim*, além de escrever em outros jornais e traduzir para o português obras de Charles Dickens, Laurence Sterne e Lewis Carroll. Publicou o livro de poemas *O aluno*, em 1947.

**Foed
Castro
Chamma**

IR A TI — I

Ir a ti
colher as iras
crespas do ar
os verdes cachos
erçados
de espinho,

despir do solo
o resto de uvas
que espremi no frio

armar na grama
os ramos de amor
presos à terra,

as raízes
do grito

cortar o rito
das retinas
queimadas,

lavar o ouro
o ímpeto rubro
do riso

pisar a urtiga
a perniciosa língua
a ácida ameixa
o amargo fruto
a amora

o olhar veloz
a amedrontada noite
o aflito ouvido
da estrada,

desatar a fala
das árvores
as fitas
das serpentes
o azul do voo
as asas
das borboletas

desatar
as asas pretas
dos corvos

folhas de carvão
no ar

ríspidas folhas
de ásperos riscos
lápiz em pânico
ardido grito

queimar a língua
das águas
varar os cabelos
da noite

negro ar de penas ocultas

queimar a luz
atrás do grito
das aves

compor nos passos
a mudez da fala

carpir o capim
colher o arroz
cortar a lã
dos carneiros
o fogo da boca
o ruído
das palavras

dobrar as cordas do ar
presas ao vento

conter as bocas
em fuga
enquanto dorme a voz
foragida no sono

comer a ameixa

doce enxame de amor
em negro fruto

CHAVES

| I |

Os símbolos aflitos se devoram
e nascem desta luta, do mistério
com que navego o dorso solitário
da noite exposta em negro mar aéreo
de peixes com seus gritos, suas partidas
que investem com as bocas pelas tardes
atrás do claro entre escamas: dia
que não decifram. Doam suas vidas
como eu me doo, porém se resisto
é que navego e sonho e me elucido
nas águas deste mar. Delas me visto
e viajo num azul que é suavidade
para além do que existe além da vida
e é limiar de aberta claridade.

| VII |

Vejo lastro de fogo neste curso
riscado pelo vento: corre, acende
e segue aberto pela fome, rente
a quem o chama pelo nome: púrpura.
Na boca, as chaves presas entre dentes;
nas mãos o apelo erguido: o pensamento
é língua solta, afiada faca, agulha
exposta em aspas de áspera serpente.

Quem vê este rio de iras inflamado
correr em júbilo e aguçar-se, solto,
sobre si mesmo e em si mesmo revoltoso?
Quem vê este grito dissolvido, a espada
fora da boca, em fogo, e adiante o cisne
a se clarear nas águas da alvorada?

*

Resisto ao vento que me açula, o louco
ar em marcha. Suas crinas eriçadas
investem nuas sobre mim, ligeiras
como brancas legiões atropeladas.
Provisório, em meu curso me detenho
para conter os mármore em marcha
e se o domino é que lhes ponho os braços
com que desenho o meu itinerário.
Em mim é que resido, no meu campo
colho os sons do que falo, e este sossego
eu cultivo amoroso. Colho a aurora
e a transporto na boca tal um pássaro
que tingido da própria luz voasse
entre seu campo e sua própria face.

Foed Castro Chamma (Irati, 1927 — 2010) publicou, entre outros, *Iniciação ao sonho* (poemas, 1955), *O poder da palavra* (poemas, 1959) e *Labirinto* (poemas, 1967).

**Alberto
Cardoso**

RIO MARUMBI

Buscando e rebuscando na lembrança
imagens, as mais belas que já vi,
eis que se me apresenta uma criança
vagando pelo Rio Marumbi.

Pescando pelas margens da esperança,
caçando o que era belo por ali,
nadando na pureza e na distância,
eis como foi meu tempo de guri.

Nas águas cristalinas desse rio,
onde se espelham passarinho e flor,
meu rosto se espelhou cheio de brio.

Tinha, quando parti, no peito o amor,
de volta, trago o pensamento frio
e uma bagagem cheia de rancor.

POENAU

Minha poenau
quando partiu
calmos mares sonhava
planando espumarada
ancoradouros festivos buscava

Na lira dos ventos suaves
a musa formosa bailava

Como a vida
o mar é de veneta

A poenau
carregada de versos
chocou-se com a fúria das tempestades
a lira maestra das rotas
quebrou-se no peito das rochas
a musa sereia-encantanda
quedou-se no pélagos marino

Fragmentos da frágil poenau
emergirão no cais do leitor
flutuarão na maré dos meus sonhos
viverão no vai e vem da pesquisa

Entre a partida e o naufrágio
restou-me a decência dos meios

Alberto Cardoso (Morretes, 1930 — 1992) foi uma figura marcante dos anos 1980 em Curitiba. O bar que levava seu nome foi um ponto efervescente de intelectuais e escritores paranaenses durante toda a década de 1980. Cardoso teve sua poesia reunida no livro *Poenau*, que teve duas edições e traz posfácio de Paulo Leminski.

Walmor Marcellino

PEQUENA ELEGIA

Os homens ganharam seu pão.
Podem comê-lo
como o sistema os come.
Podem amar em angústia,
com amor e tristeza
uma carga depositada
liberta seus ombros em nova marcha.

Podem gritar na noite
como animais acuados
sua indizível esperança.
Podem comer o fumo
banhar-se no álcool
engolir sua paçoca
extenuar-se na enxerga
povoar a fêmea de ruídos
e breves pensamentos.

DA QUALIFICAÇÃO DE NASCIMENTO

Compreendia, então, desde antes
que eu não tinha meu próprio
espaço; e era apenas destinado
a formar no grande rebanho
despossuído, animais falantes.

Era talvez uma outra classe
bem distinta da hierarquia,
de sem direitos de família
de sem haveres em franquia,
envolvida no próprio enlace.

No geral o nosso caminho
já há muito foi traçado,
quem já nasceu sozinho
embaixo fica trancado.
Se pelo meio se perdeu,
só sobe com avalista
que por ele se defendeu
na confirmação de conquista.

Outra parte desse meio
viverá sempre prensada,
procurando o seu esteio
sem encontrar mesmo nada.

A maioria ficará esmagada
por operar sem a ciência,
trabalha e será trabalhada
entregando a sua existência.

O Tribunal invisível age
como fiscal de interstício
para assegurar a passagem
só com atestado em ofício.

E de querer burlar essa lei
rebelando os nascidos servos
é que processado passei
cumprindo penas de acervo
para ser um dia um deles.

OS CERCOS E AS DEFESAS

Fecharam-me muito cedo
ainda antes de me situar
com as pessoas e o lugar.
Cercaram minhas emoções,
hostilizaram-me até o medo,
quebraram-me em muitas porções.
Torceram meu desespero,
minhas ânsias e meus apelos
e deixaram meu corpo inteiro.

Para sobreviver, entretentes,
cansei de chorar, à espera
de diálogos e entendimentos
para ser aceito como era.

Cresci escondendo o corpo
da pancada, da violência,
construindo, sutil nos zelos
a ternura e a insolência;
rebelde vivo, menino morto. [...]

A DESCIDA

nova lamentação de mineiro

Uma escada de madeira
alguns passos e uma parada,
o ar empestado de poeira
que pouco a pouco nos mata.

Sílica e enxofre no ar
que pesado se respira,
tem um filtro a saturar
o suor que temos dentro.

Entretanto, fazemos fila
querendo vaga na mina;
aquele que a fome ensina
não come o seu sustento.

A céu aberto não há comida,
embaixo da terra pouco há;
mas os que guardam em cima
cuidam da boca da mina.

Seja claro aqui acima,
ou lá embaixo no escuro,
o trabalho é que produz
mas quem é o dono da mina?

A céu aberto não há comida,
também não há embaixo da terra;

e os que guardam em cima
cuidam da boca da mina.

[..]

Vivemos o tempo de ira.
Momento de palavra presa
da insegura presteza
e o pão ácido à mesa.

Ainda assim cantaremos
pelo tempo da colheita,
com alimento na eira,
sob palavra aceita
e sobre nós nossa bandeira.

Afinal, eu me apresento
jogando força à minha voz,
mesmo gesto em descompasso,
não sei, não sou mas faço.

Eu de minha parte
canto.
Faço profissão de arte.
Protesto. Canto.
Primeiro um canto fraco,
mas canto de precisão,
chamado de reunião.
Mesmo inseguro
talhando algum perigo
canto o homem do futuro.
E quem quiser cante comigo.

Walmor Marcellino (Araranguá, 1930 — 2009) foi jornalista e trabalhou nos jornais *Diário do Paraná*, *Última Hora* e *Gazeta do Povo*. Publicou os livros de poesia *As estações e os voos do homem*, *Malvas, fráguas e maçaquilhas* e as peças *Os subterrâneos da cidade*, *Os acordos de Mr. John com Deus* e *Os fuzis de 1894*.

Sylvio Back

ÍCONE ÍNFIMO

só dorso de luz
nada que atordoe
o fio do fundo
nada que turve
a aura mínima

só pura abulia
nada que perturbe
o eco do fugaz
nada que urgente
o átimo imerso

só voo mortiço
nada que perfure
a nódoa cerúlea
nada que arruíne
o ícone ínfimo

CRÍPTICOS

feito um frio suicida
deixe sempre tudo atado

feito um pensamento fugidio
deixe sempre tudo a tento

feito um rio a montante
deixe sempre tudo de início

feito um mau pressentimento
deixe sempre tudo no ponto

feito uma saudade à-toa
deixe sempre tudo à vontade

feito uma treslouca aposta
deixe tudo sem resposta

TODAVIA

uma sombra assenta
liquefaz o que estava
imperceptivelmente
borra o que perdura
agora sim o homem
é o seu perfeito sósia

DE QUATRO

mãos e coxas
(orvalhadas)
seios e boca
(vozes sem vezo)
Pálpebras
(inermes)
torpedeiam
os jardins
do desejo
a memória
(essa cafetã!)
esboça
um sorriso
amarelo

BATISCAFO

a duração do desejo
toda carne é erva

a duração do desejo
toda carne é excesso

a duração do desejo
toda carne é tirana

a duração do desejo
toda carne é escarcéu

a duração do desejo
toda carne é cantárida

a duração do desejo
toda carne é líquida

TRIBO KOZÁK (*)

hetá xetá kozák
tela de índigos índios

hetá xetá kozák
memo de indigno cinema

hetá xetá kozák
mote-fátuo perpétuo

hetá xetá kozák
a morte é esteta

hetá xetá kozák
o filme — profeta

() O cineasta e antropólogo Vladimír Kozák (1898-1979) foi o único a filmar em 1956 os hoje extintos índios Xetás (ou Hetás) do Norte do Paraná.*

O OUTRO

Montaigne: índio é feliz

Sertanista: índio quer neocid

Custer: índio bom é índio morto

Posseiro: índio morto é bom porto

Pastor: índio é sátrapa

Exército: índio é apátrida

Raoni: índio quer carabina

Caiapó: índio quer concubina

ONG: índio quer nação

Garimpo: índio quer aluvião

Igreja: índio quer hóstia

Índio: o branco é sócia

Sylvio Back (Blumenau, 1937) é cineasta, roteirista e escritor. Dirigiu as longas-metragens *Lance maior*, *A Guerra dos Pelados* e *Lost Zweig*, entre outros. Também publicou os livros de poemas *O caderno erótico de Sylvio Back*, *Moedas de luz* e *As mulheres gozam pelo ouvido*. Em 2013 lançou uma coletânea com seus poemas eróticos chamada *Quermesse*. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

**Jamil
Snege**

SENHOR

1

Hoje amanheci insatisfeito.

O pão estava amargo
e até o jornal que leio
todos os dias me pareceu de
uma insipidez atroz.

De repente, Senhor, lembrei-me
dos que não leem jornais —
mas os usam para embrulhar
restos de pão que os paladares
amargos deixam no prato
após uma noite insatisfeita.

Como deve ser delicioso
esse pão, Senhor,
depois que tu o adoças com
tua própria boca!

Às vezes lamento minha
má sorte — e o que me espera
em seguida é um dia luminoso.

Às vezes bendigo minha
fortuna — e logo após um
furacão desaba sobre minha cabeça.

Brincas comigo, Senhor?
Ou será que devo lamentar
a minha fortuna e bendizer
a má sorte como se o avesso
e o direito fossem iguais
para ti?

Quando eu era pequeno,
topava contigo a cada instante.

Adolescente, passei
a encontrar-te cada vez menos.

Adulto, duvidei que
algum dia tivesse visto o
brilho de tua face e
te busquei incessantemente
por todos os caminhos.

Não te encontrei,
Senhor, nem poderia.
O piolho que segue na juba
do leão jamais terá
consciência de que possui um
leão inteiro.

Quando menino, nascido
 serra acima, o que
 mais eu desejava era o mar.
 Eu queria apenas o mar
 e mais nada — para nele
 desfraldar meus
 sonhos marinheiros.
 Fui crescendo e ampliando
 meus desejos.
 Uma casa junto ao mar,
 um barco a motor, festas,
 empregados, piscina.
 Obtive tudo isso, Senhor.
 Mas aí então o mar dentro de
 mim já havia secado.

Não ouças qualquer
 juízo que eu faça sobre
 meu semelhante.
 Amordaça-me.
 Corta minha língua.
 A pessoa que acusei
 de furtar minhas uvas
 não tinha mãos.

Tenho pensado ultimamente
em comprar um carro novo.

Trabalho com afinco,
faço tudo o que devo fazer,
mas nunca me sobra dinheiro.

Outro dia, fazendo
minhas contas, cheguei a
botar a culpa em ti: “Deus
não tem me ajudado”.

Que vergonha, Senhor.
Tantos homens trabalharam
com afinco a vida toda,
fizeram tudo,
o que podiam fazer,
e jamais te pediram sequer
a passagem de ônibus...

Um homem mata outro
e tu o consentes.
O perverso agride o inocente
e tu não o fulminas.
O poderoso humilha o fraco
e tu aumentas-lhe o poder.
Que Deus és tu,
Senhor, que tudo pode
e tudo permite?
Que Deus extermina órfãos
e ilumina a face dos tiranos
com os carmins
de longevidade?
Não respondas, Senhor,
não digas nada.
É esse mistério que me atrai
irremediavelmente a ti.

Toma a máquina
do meu corpo
e nela transporta socorro
para os teus aflitos
É de pouca serventia, sei
— o coração me arde,
meus músculos estão fracos —
mas podes usá-la à exaustão.
E quando não mais prestar,
Senhor, escolhe uma tibia
e faze uma flauta.

AOS OPACOS

Deixem-me arder

Deixem-me queimar as asas
nessa vela,
nesse sol, nesse leires que envenena
as couves embrutecidas
pela treva.

Deixem-me arder.

Se ofendo sua lógica,
sua prosódias, seus anéis
de sempre elegante curvatura,
esmaguem minha musculatura
e os ossos que a sustêm.

Mas me deixem arder

Deixem-me arder de infinito
nesse iníquo delíquio
de existir.

E se os ofendo,
soprem minhas cinzas,
derramem minha lixívia,
mas me deixem auferir
as estrelas como o úmero roto
açoita o músculo que seu voo
desencanta.

Deixem-me luzir
definhar meu luminoso espanto
onde só lhes é permitido
sobraçar espasmos
e guarda-chuvas.

E seu eu venha a ferir,
opacos, o lusco-fusco
de seus braços,
o hálito de hortaliças,
o bolor de queijo
que amadurece em seus
atrios
absteçam-me de mil insultos
Mas me deixem incender.

RAINHA

Se eu fosse mulher,
eu seria a turca
dos peitos caídos.

Teria tido
um amor açougueiro,
um amor bancário,
um amor burocrata;
e um tumor benigno
bem junto à omoplata.

Minhas entranhas
não me dariam
tanto incômodo
quanto uma pequena
inflamação na virilha.

Leria romances,
apesar da conjuntivite crônica;
e descobriria meu nome
numa pequena rua torta de Siracusa.

À noite, na sala mal iluminada,
veria fantasmas e numes,
falaria a deuses tutelares
— um unicórnio viria lambendo
o chá de menta derramado
no mármore da pia.

Sufocos e visões
— mal disfarçada azia —,
onde o toco de vela,
que a luz se apagou?

Passos. Ouviria passos constantes
— alguém passando, alguém partindo,
nunca ninguém chegando.

Brasas no leito.
Pedra de gelo no peito.
O coração, um duende
com uma perna decepada
por um gato.

Turca-dos-peitos-caídos:
vinte anos depois,
o cheiro de carne moída
das mãos do açougueiro persiste
apesar dos banhos de phebo.

Se eu for à praia nesse sábado
talvez encontre o bancário afogado
de filhos; estranhamente,
todos eles têm as minhas narinas.

Turca-dos-fins-de-semana:
lesma no prato, moela de galinha,
pedaço de algodão
para disfarçar uma retração das gengivas.

Escriturário safado.
Domingo é uma ilha de sobrinhos,
um útero murcho, um sonho banido.

(para Manoel de Barros)

Jamil Snege (Curitiba, 1939 — 2003) foi publicitário, comerciante, colunista social e publicou, entre outros, *O jardim, a tempestade* (poemas, 1989), *Como eu se fiz por si mesmo* (romance autobiográfico, 1994), *Como tornar-se invisível em Curitiba* (crônicas, 2000) e *Os verões da grande leitoa branca* (contos, 2000).

**João
Manuel
Simões**

EXORTAÇÃO

Não digas nada. O teu silêncio basta
para exprimir o que, dito, não chega
a ferir o ouvido que ouve e apenas
se contenta em ouvir e logo esquece.
As palavras já nada dizem, gastas
de tanto serem ditas. Silencia,
que o silêncio é a única mensagem
que o coração humano entende e cumpre.
Faz do silêncio a língua universal.
Já basta que os canhões não mais se calem
e que os gritos persistam nas gargantas.
Faz do silêncio a lâmina que vença
o vão clamor do mundo inteiro. E reza,
reza em silêncio e em silêncio chora.

SANCTA POESIS

Luz que se tece
de sombra
e claridade.
Sua textura,
só quem a acende
sabe.
Flor no silêncio.
Seu colorido,
só quem a colhe
enxerga.
Explosão irisada
de metáforas.
O seu fascínio,
só quem a deflagra
entende.
Cruz implacável
sobre cujos braços
me prego, sangro, morro
e ressuscito

para a vida efêmera.

VARIAÇÕES SOBRE O DESERTO

*Les milices du vent
sur les sables de l'exil.*
Saint-John Perse

1.

Deserto inúmero, infinito mar
de sílica: deserto congelado.
E os homens? Transeuntes nas areias,
dromedários de sombra carregando
no dorso o fardo antigo da esperança.
Deserto sob e sobre, dentro e fora
de nós como um cilício inominável:
fulvo e árido sempre, como a vida
que se escoia depressa na ampulheta.

2.

Aqui e ali, agreste, a imprecação
de um cacto verde, verdemente ereto.
(Deserto ubíquo, de ondas cor de tédio
que de Sodoma as chammas enxugaram).
Além da linha pura do horizonte
(se próxima ou longínqua, pouco importa),
espera-nos a zona proibida
de areias movediças, sorvedouro
infausto e sem remédio. *Ora pro nobis.*

3.

Depois deste deserto, mais deserto
sob o mármore vão dos epitáfios.
Sim, deserto. Se côncavo ou convexo,
ninguém sabe. Perpendicular, não.
Horizontal? Talvez. Talvez oblíquo.

4.

E todos naufragamos no deserto
insaciável como o tempo onívoro.

NAVIO FANTASMA

No meu leito de cinzas e de olvido
eu sinto e penso que fui barco outrora,
um barco naufragado, mas que agora,
no mar da carne singra, adormecido.

Algo de mim me conta o impressentido
segredo do que fui. Como que aflora
na minha mente a ideia redentora
de que talvez eu seja inconcebido

pensamento, corpóreo só no vulto,
mas de estrutura interna indecifrada,
de que talvez por sob o que há de sepulto

no mar onde há mil anos naufraguei,
eu tenha ainda a bússola encantada
à proa do fantasma que me sei.

SONETO COM TIGRE DENTRO

Construiu Mallarmé belo soneto
com rima em “yx”. O meu será em “igre”
De Bengala, ou sem ela, louro e preto,
haverá nele (é necessário) um tigre.

Será um tigre lento, circunspecto,
sedentário: farei que nunca emigre
para Cabul ou Tebas ou Mileto,
Ur, Samarcanda (que o vulgo denigre).

Feitas as duas quadras falta agora
concluir os tercetos, um por um.
E se possível for, com chave de ouro.

Está próximo o fim. Pouco demora.
(Tigrina inspiração, tigre incomum:
chifres na testa, muge como um touro).

João Manuel Simões (Mortágua — Portugal, 1939) radicado em Curitiba, é advogado e autor de dezenas de livros de poemas, crítica, ensaios, contos e crônicas, entre os quais, *Parágrafos escritos nas páginas do vento* (poemas, 1982), *Rapsódia europeia* (poemas, 1983) e *Trovas que minha mãe me inspirou e outras quadras* (poemas, 2013).

Manoel de Andrade

POR QUE CANTAMOS

para Mario Benedetti

Se tantas balas perdidas cruzam nosso espaço
e já são tantos os caídos nesta guerra...
Se há uma possível emboscada em cada esquina
e temos que caminhar num chão minado...

“você perguntará por que cantamos”

Se a violência sitia os nossos atos
e a corrupção gargalha da justiça
Se respiramos esse ar abominável
impotentes diante do deboche...

“você perguntará por que cantamos”

Se o medo está tatuado em nossa agenda
e a perplexidade estampada em nosso olhar
se há um mantra entoado no silêncio
e as lágrimas repetem: até quando, até quando, até quando...

“você perguntará por que cantamos”

Cantamos porque uma lei maior sustenta a vida
e porque um olhar ampara os nossos passos
Cantamos porque há uma partícula de luz no túnel da maldade
e porque nesse embate só o amor é invencível

Cantamos porque é imprescindível dar as mãos
e recompor, em cada dia, a condição humana
Cantamos porque a paz é uma bandeira solitária
a espera de um punho inumerável

Cantamos porque o pânico não retardará a primavera
e porque em cada amanhecer as sombras batem em retirada
Cantamos porque a luz se redesenha em cada aurora
e porque as estrelas e porque as rosas

Cantamos porque nos riachos e lá na fonte as águas cantam
e porque toda essa dor desaguará um dia.
Cantamos porque no trigal o grão amadurece
e porque a seiva cumprirá o seu destino

Cantamos porque os pássaros estão piando
e ninguém poderá silenciar seu canto.
Cantamos para saudar o Criador e a criatura
e porque alguém está parindo neste instante

Pelo encanto de cantar e pela esperança nós cantamos
e porque a utopia persiste a despeito da descrença
Cantamos porque nessa trincheira global, nessa ribalta,
nossa canção viverá para dizer por que cantamos.

Cantamos porque somos os trovadores desse impasse
e porque a poesia tem um pacto com a beleza.
E porque nesse verso ou nalgum lugar deste universo
o nosso sonho floresce deslumbrante.

CANÇÃO PARA OS HOMENS SEM FACE

para José Macedo de Alencar

Não canto minha dor...
dor de um só homem não é dor que se proclame.
Canto a dor dos homens sem face
canto os que tombaram crivados
os homens escondidos
os que conheceram a nostalgia do exílio
para os encarcerados.
Canto aos párias da vida...
aos bêbados, aos vagabundos e aos toxicômanos.
Canto as prostitutas
e as mulheres que foram embora com o homem amado.

Canto à multidão que entra e sai pelos portões das fábricas
aos que vêm o dia nascer no asfalto das rodovias
e aos lavadores de carros e aos que vendem a loteria
canto aos coletores de lixo e aos guardiões noturnos
as longas filas de pessoas que esperam os ônibus nas praças
e aos estrangeiros que aqui vieram viver.
Canto os homens sem raízes, sem família, sem pátria
canto meu sonho quando canto os que viveram o mar
que aportaram em países distantes
e conheceram homens de muitas raças...
e quando canto os navios,
canto ao meu coração de barco.

Gosto de cantar tudo o que vejo
os homens que conheço
e os que ainda não começaram a existir para mim.
Gosto de caminhar sozinho e de mãos nos bolsos pelas ruas e
pela vida
gosto de falar com os homens dos armazéns
dos mercados, das oficinas,
dos postos de gasolina,
das bancas de revistas, das agências de viagens,
com os ascensoristas, com os que consertam os esgotos da cidade,
e outros homens, outros.

E canto as crianças que brincam nos parques
e pulam corda nas calçadas
e os que vão ao palco representar o drama dos outros homens.
Eu canto para todos os homens...
meus irmãos em todas as raças, nacionalidades e crenças,

canto além de todas as fronteiras
porque sob a bandeira da paz eu canto;
e pela fé que me ilumina
e por essa canção escrita no meu peito,
eu canto a humanidade inteira.

Canto a vergonha de ser brasileiro num tempo defecado
canto meu povo
e se ainda não canto meu país,
é porque não sei cantar na presença de homens indecentes;
eu canto sobretudo para aqueles que preservaram seu sonho,
para os que ousaram lutar e morrer por ele,
canto a memória de um guerrilheiro argentino.

E eis que meu verso se endurece
para que eu cante meu melhor combate
e só assim posso cantar para os irmãos e camaradas
recrutando companheiros para a luta...
e quando meu canto é feito para os ouvidos dos justos,
eu canto sem temor,
para que minha canção palpite solitária e solidária
no coração daqueles que se preservaram da lama.
Canto sem medo e sem brinquedo
e enfileiro meus versos para a luta
prontos para ferir como baionetas
prontos a morrer se for preciso.

Como guerreiros invisíveis
meus versos se infiltrarão no país dos corruptos
pelas fronteiras das entrelinhas
e renascerão nos lábios dos militantes
ora como uma flor, ora como um fuzil.

Ah, que tempos são esses!?
já não reconheço nestes versos os versos de poeta que fui;
meu canto é hoje um canto transtornado pelo pacto desumano
dos homens,
pelo triste dever de indignar-se,
pela violência estampada nas manchetes dos jornais...
e eis que um poeta não canta sem que seu verso quase desfaleça.
E hoje...
nestes dias encardidos de atos e decretos,
neste tempo suspenso num mastro sem bandeiras,
nesta nação de homens que ingerem caldo de galinha,

neste momento tísico
em que somente os finórios se regozijam,
nestes anos em que o sangue da América é um imenso canto de
esperanças,
este poema chega assim tão de repente
rogando uma audiência para falar comigo,
como se soubesse que estou para morrer,
e me encontra prostrado num bacanal de coisas fúteis,
um inconsciente talvez...
um homem inútil
quase um desertor
meu Deus, quase um desertor.

Ah, meus versos
minha absolvição...
neles renasço transfigurado e forte
e cavalgo o universo inteiro;
e caminho cheio de amor por todos os seres
e por todas as coisas;
cheio de asco pelos tiranos
e pelos homens hipócritas
e sinto o coração limpo e maciço de ternura
meu canto crescer e explodir mais forte que a bomba.

Ah, meus versos,
meus versos que não são meus,
que são de todos os homens e de todas as mulheres que eu canto;
que são de todos os que se aproximam de mim
e que falam comigo.
Meus versos que afinal nunca serão de ninguém,

caminhando pela terrível solidão branca do papel,
pelo itinerário clandestino das gavetas;
estampados nas palavras escarlates da minha revolta pública,
impressos no meu olhar solitário de samurai.

Eu canto para todos os homens
contudo, neste tempo,
eu canto para os homens sem face...
aqueles que se perdem na multidão das grandes cidades,
e que amadurecem, a cada dia,
os punhos para a luta.

Manoel de Andrade (Rio Negrinho, 1940) tem uma obra poética marcada pelo engajamento político, movido pelo ideais revolucionários que se espalharam pela América Latina a partir da Revolução Cubana. É autor dos livros *Poemas para a liberdade* (2009) e *Cantares* (2007).

**Sérgio
Rubens
Sossélla**

De *Nunca mais outra vez* (epitáfios)

Eis-me na terra prometida

*

aqui as aves
não gorjeiam
corvejam

*

me despeço com a ameaça de retornar

*

me cassaram a liminar

*

parece que foi ontem

*

eu não estou morto
apenas fiquei mais absorto

*

nesta deprimente liça
você é o urubu de sua carniça

De Vida carrossel da morte

esta nem o sigmund explica
vai-se o corpo e o ego fica

*

quer ver o meu
álbum de morto?

De Mínimas tatuagens

não me chame de vaga-lume
lampyris noctiluca pirilampo
mas de caga-lume luzecu caga-fogo cudelume

*

monte walsh disse não existir cowboy casado
mas eu conheço um que

*De Alguns poemas (nem tanto ou quase) para o cachorro
louco e filhadaputa do Paulo Leminski, oblata*

tanto chutou postes
que acendeu
uma fileira de lâmpadas

*

o polaco preto
quanto chegou no céu
não disse nada
e assinou embaixo
da madrugada

De Entreato

¿que é a poesia?

(i) um dia de noite; uma noite de dia

(ix) a palavra tecidoteca

(x) uma estrada de caminhos percorridos

*

quantos quilômetros
os carros e os rolos das minhas máquinas de escrever

De Olhos proibidos e papel de Holanda, edições meio-dia

a maçã do amor.
mais um cacófato.

*

teda bara
usava rebites nos seios

De Campo de concentração Sossélla

ao abrir a geladeira naquele dia
depois de alguns anos eu veria a cena
no encouraçado potemkin

*

fiz a longa viagem de volta
nem sei quantas vezes
e de todo o meu passado
restaram somente alguns meses

A LITERATURA QUE ME VIVE

de tanto eu olhar os objetos
e tentar compreender suas superfícies, sinais, permanências
sombras, impulsos, motivações
nem sabia
olhassem para mim

sou, portanto, aquele olhado
os filmes que me viram
daqueles todos que assisti

sob as linhas percorridas, avenidas, percebi

os desenhos das minhas crianças:
se neles eu estou (muitas vezes sem aparecer)
olhando castelos de solidões olhadas
fontes, clarezas, indecisões acertadas
esquinas, engolindo em seco, muradas

você diria: mas isso é literatura

sob a catedral que me enxerga,
a resposta

ÁGUA

os meus amigos no telhado de casa:

— suba aqui, sossélla, venha ver que água mais diferente.

fui pela escada móvel de madeira, lateral.

— dá medo — acrescentaram.

eles haviam colhido um estranho líquido, passe a expressão num enorme plástico claro, mais ou menos espesso, compacto.

o que cobre a minha máquina de escrever em tipos graúdos.

água crespa, selvagem, viva, amálgama, parada, folhuda.

peguei nela com a mão direita, de leve,

um mínimo punhado devolvido na hora.

me lembrei de piotr kapitsa, da água pesada.

¿de onde caíra?

emocionado, eu a batizei de newtônia.

antes de voltar ao chão o transe terminara.

O LONGO CAMINHO DE VOLTA

labaredas no firmamento.
incrível que eu haja demorado tanto, de novo.
as imagens do meu filme de cowboy incharam
travando o aparelho de projeção.
o anjo do senhor me dissera, na esquina:
— você retorna depois, sossélla, nem olhe para lá
enquanto fomos subindo pela rua almirante tamandaré.
era compreensível, pois ele só falava em céu sujo.
anos a fio.
aí eu fui entender o significado de joão l.
andar numa bicicleta com rodas quadradas
num bairro obscuro
e a carne moída em cima e ao lado da sepultura dela
completamente louca e morta.
o que chorei e briguei com deus...
as cenas familiares arderam antes no fogão de lenha.
foram enterrados no inferno, aqueles dois.
— com um milhão de diabos navajos, ward bond
não sobrou nada.

CUIDADO COM OS ASSEMELHADOS

eu acompanhava nossa senhora da vida.
intermináveis grades de ferro e seus portões.
espaçosos desertos, pátios de colégios, de igrejas
de casas, de universidades, de clubes.
chão encerado.
um campo de futebol argentino (çou brasileiro?).
pessoas mortas, e os restos pendurados, queimados.
cemitério. tudo igual.
umas inscrições em bronze, que não consegui ler.
após o comentário o locutor ouviu
my name is sossélla.
a iná martins, a grande iná martins
preocupada com o curso de arte culinária.
no fim do corredor o sujeito treina a voz cantando “i’m sorry”
em cima de uma gravação dos “the platters”.
o tio antoninho, tão bondoso, incorrupto, quase
não se sente bem: foi parar no inferno
por jamais me contar da minha adoção.
no versículo de borges, felizes os felizes.

Sérgio Rubens Sossélla (Curitiba, 1942 — 2003) foi juiz de Direito no Paraná e publicou mais de 300 livros, entre os quais *Tatuagens de Nathannaël* (poemas, 1981), *Aos vencedores as batalhas* (poemas, 1987) e *A linguagem prometida* (poemas, 2000).

**Paulo
Leminski**

para a liberdade e luta

Me enterrem com os trotskistas
na cova comum dos idealistas
onde jazem aqueles
que o poder não corrompeu

me enterrem com meu coração
na beira do rio
onde o joelho ferido
tocou a pedra da paixão

*

Transar bem todas as ondas
a Papai do Céu pertence,
fazer as luas redondas
ou me nascer paranaense.
A nós, gente, só foi dada
essa maldita capacidade,
transformar amor em nada.

ADMINIMISTÉRIO

Quando o mistério chegar,
já vai me encontrar dormindo,
metade dando pro sábado,
outra metade, domingo.
Não haja som nem silêncio,
quando o mistério aumentar.
Silêncio é coisa sem senso,
não cesso de observar.
Mistério, algo que, penso,
mais tempo, menos lugar.
Quando o mistério voltar,
meu sono esteja tão solto,
nem haja susto no mundo
que possa me sustentar.

Meia-noite, livro aberto.
Mariposas e mosquitos
pousam no texto incerto.
Seria o branco da folha,
luz que parece objeto?
Quem sabe o cheiro do preto,
que cai ali como um resto?
Ou seria que os insetos
descobriram parentesco
com as letras do alfabeto?

BEM NO FUNDO

no fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto

a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela — silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas

DESENCONTRÁRIOS

Mandei a palavra rimar,
ela não me obedeceu.
Falou em mar, em céu, em rosa,
em grego, em silêncio, em prosa.
Parecia fora de si,
a sílaba silenciosa.

Mandei a frase sonhar,
e ela se foi num labirinto.
Fazer poesia, eu sinto, apenas isso.
Dar ordens a um exército,
para conquistar um império extinto.

Paulo Leminski (Curitiba, 1944 — 1989) é um dos principais nomes da poesia brasileira contemporânea. *Toda poesia* (2013), que reúne sua obra poética, ultrapassou a marca dos 100 mil exemplares vendidos. Múltiplo, atuou na publicidade, no jornalismo cultural, foi autor de canções, traduziu obras de vários idiomas para o português e escreveu biografias de Bashô, Cristo, Trotski e Cruz e Sousa. Também foi ensaísta, conteúdo que pode ser conferido em *Ensaios e anseios crípticos* (2012).

**Alice
Ruiz**

sou uma moça polida
levando
uma vida lascada
cada instante
pinta um grilo
por cima
da minha sacada

alma de papoula
lágrimas
 para as cebolas
dez dedos de fada
caralho
 de novo cheirando a alho

*

que viagem
ficar aqui
parada

*

sem saudade de você
sem saudade de mim
o passado passou enfim

*

depois que um corpo
comporta
outro corpo

nenhum coração
suporta
o pouco

*

basta um galhinho
e vira trapezista
o passarinho

*

Lembra o tempo
em que você sentia

e sentir
era a forma
mais sábia de saber

E você nem sabia?

*

o que você tem feito?
tem feito a cabeça,
as ideias, os sonhos de alguém?

qual é mesmo o seu jeito?
objeto, sujeito?
é espírito, é matéria?
já chegou a ninguém?

inventou sua quimera?
é o mal?
é o bem?
tem juízo perfeito?
acredita em vida eterna?
disse ou não disse amém?

vai ficar
ou é de férias
que você vem?

NOITE E DIA

não me agradam
essas coisas que despertam
barulho, susto, água fria
tudo na minha cara
mais nenhum sonho por perto

não me agradam
essas coisas que adormecem
vazio, escuro, calma
tudo que lembra morte
quando nada mais dá certo

não me agradam
essas coisas sem poesia
uma noite só noite
um dia só dia

Alice Ruiz (Curitiba, 1946) publicou, entre outros, *Navalhanaliga* (poemas, 1980), *Vice-versos* (poemas, 1989) e *Jardim de Haijin* (poemas, 2010).

**Jair
Ferreira
dos Santos**

CASACO ATRÁS DA PORTA

Um corpo foi tormento nestes ombros
caídos, seguros pelo prego
que saqueia o coração
no ponto morto
da casa.

Acordam, com a manhã, em tua sombra
e estrias o terrível e o vadio
em certa história: aqueles ombros
despertando o pio da gralha coxa
com o velho Ford afogado na neblina
um alforje onde se ria
o relógio sem ponteiros
um revólver intrigando galos
e agapantos no terreiro da vizinha
até a chance tardia
que rabisca o relâmpago
num rosto emboscado.

Sou um gato na marquise.
Não me cabe nem me espelha
a pele que vestiu com fastos
um jaguar agreste na agonia.

A equação do Pai nunca é simples
nem sensata.

O TURBANTE

(Um objeto cripto-kitsch, como Édipo)

Magna e morna minha mãe
sai dos mistérios do banho.
Outra, não minha, regressa
mescla de iara e cigana.

No rosto traz rosa e pinho
no rebanho dos cabelos.
A pele não pulsa, prisma
no livre e lívido joelho.

A tarde aninha-se nela
vaga e verde na íris.
Da pelve nascem anéis
clãs de cellos clandestinos.

Em seu quebranto lacrados
meus olhos não são meu olhar
de saltador de toalhas
e cúmplice de peignoir.

Entre figos, seixos, pólen
e dois galos celebrando
ela se senta enredada
em recitais de turbante.

Jalousie toca no rádio.
Sobre a cabeça ela lança
retiária de sua aura
em rito a rede que dança

até que seus dedos tramem
com laços de secreta teia
três elipses de serpente
na sua fronte de ovelha.

E rubra ela para. Rente
à bissetriz do seu peito
move-se um lobo jovem
que não avança, enleia-se.

Leis no meu corpo volteiam.
Um beijo em mim se alastra
enquanto vigio cativo
da sua nuca encarnada.

Mas a sombra de emissários
com faca, acha e esgares
se ergue, quando um já me fere
e outro me faz: vai trai.

Quem? Eu, só pagem apenas
ao Rei? Tais todos estetas,
corsário, no olhar condeno-me
a imolar os dons da pele.

Sim, *I am not prince* Hamlet.
Sou sua lança impassível
indo a futuros turbantes
tomar tributos antigos.

Que este turbante em duas pontas
no pomo dos ombros se abre
em cem moedas ardentes
no branco sol da sua carne.

CERIMÔNIA EM SONHO

O arco e a lira medi
medi a corda à garganta.
Palmos de pátio medi
na crença de ser sumário.

E sem adágios eu disse:
Pai, pai, é grosso o galho.
Tambores e flautas em riste
latejam no meu cansaço.

Ele, finito, me disse:
Menino, aqui fique
quando a cadeira eu tirar.
Quero a mortalha tranquila
no riso do seu olhar.

CARTAS MATERNAS

As margaridas brotam
as salsas não e Bruto
fugiu. Diabo de cão.

Tia Emília me visita
mas de hipocondria e vida alheia
chega Maria, a lavadeira.

Fui à missa, fiz feijão,
costurei sem importância
e agora à noite a ventania
me atrapalha a televisão.

Neuza está grávida,
graças a Deus.
Eu tive sete,
começando com você.
Quantos netos acha
que devo querer?

Ninguém apareceu
na Semana Santa.
Nem você,
seu fariseu.

Como é longe o Rio
do Paraná.
Já se foi abril.
É com a geada
que sua carta
chegará?

Pego no álbum
ligo o picape
ouço o Moulin Rouge
de saudade
do seu pai.
E da roseira brava
na nossa casa
da minha tina
do balanço quebrado
dos meus turbantes
as lavandas velhas
e da esperança
nos anos 50.

Li o livro
que você esqueceu.
O tal Lady Amante
de não sei o quê.
Mas que livro horrível
de tão físico,
meu filho.

De tarde
ligo o rádio
ligo a tv
e canto sozinha
lá na cozinha
fazendo bolo
só de quimono
japonês. Aquele
que seu pai trouxe
da viagem aquela
a Assunção. Minha
boca beija
todos os santos
da casa.

O PINHEIRO

Encanta ou dana-me denso Pai.

Jair Ferreira dos Santos (Cornélio Procópio, 1946) está radicado no Rio de Janeiro desde a década de 1970. Foi editor da revista *Veredas*, do Centro Cultural Banco do Brasil. Publicou, entre outros, *Kafka na cama* (contos, 1980), *A faca serena* (poemas, 1983), *O que é pós-moderno* (ensaio, 1986) e *Cybersenzala* (contos, 2006).

Fábio Campana

O PARAÍSO EM CHAMAS

Última razão de tempo
Imponderável, fugaz,
A queimar em seu próprio fogo

Nas gavetas, restos de sol e pânico
e o que ficou dos ritos iniciais
Paixões petrificadas,
Precipitadas anotações,
Livros, fungos, ossos polidos,
Gravatas de pura seda,
Limo viscoso na alma
E a difícil digestão
Das alegrias circunstanciais

Agônico gesto desnuda ausências,
Que fim levaram os amores
que juraram eternidade?

É de outro tempo a fome dos deuses
e o perfume intocável de juventude
Carne lasciva, seios imaginados
apetites insaciáveis, prazeres precoces,
não encontrados jamais nos códices
do convento de Benediktenbeurer
Agora, Vênus de sal, apenas memória
E o baixo ventre dolorido
a arder no lençol sem marcas

Clarões da memória. As longas pernas
da bailarina em Buenos Aires
As ancas da albanesa de pele macia

Desvio o olhar. No espelho
A fitar-me, a face recusada
Rugas, olheiras, calvície
pálpebras inchadas
Máscara de baile de horror
Na memória, espaços vazios
algumas ideias rotas
O pálido sabor de saudade
E os sapatos entumecidos

Sonho recorrente, profundo precipício
Céu sem estrelas, oco escuro impenetrável
Em queda livre ao som de gritos

Tempo de salitre e cal
A utopia submersa em claro rio
O olhar avesso, flutuante,
De um cavalo a esperar o tiro
Cão enfurecido pelo medo
A morte tem sabor de azinhavre
Nada mais por fazer
Nada mais
O paraíso está em chamas

SALMOS

Só
Sem deus e sem partido.
Sem amores.
Convicções extraviadas
junto com os dentes de sorrir
e os laços de família.

Nada será salvo.
Nossos pequenos deuses obscuros
desapareceram na noite de um tempo oco,
sem testemunhas,
noite de garras de seda
e silêncio.
Restou o corpo contaminado pela história
e o que usávamos a dois:
as estações do ano,
os lençóis de linho,
as tempestades de outono,
o enxoval de gestos.
(no depósito de esquecimentos
memória e vício latejam nas trevas).

O olho colado na fresta
ilumina a penumbra.
Fragmentos da solidão.
Paixões crepusculares,
seios recusados, a cama,
invernos, mapas, caminhos,
regulamentos, palavras.

O soco não retribuído
marca o contorno da boca
e desenha o esgar dos dementes.
Fugir. Esgueirar os becos secundários
que recendem à urina e ressentimentos.
(um sorriso de mulher debocha
das minhas incompletudes).

Não basta fechar os olhos
para saber que é noite.
Não basta abri-los
para saber o caminho do retorno.
Não há retorno.
Não há planos nem utopias
nem mesmo uma agenda de trivialidades
para preencher a última etapa.
Nem mesmo há vontade de ir à esquina
a esquina onde as mulheres vendem seu tédio.
(imóveis bocas secas vaginas secas
olhos de manequins de subúrbio).

REVELAÇÕES

| I |

É inútil o esforço para voltar ao princípio, ao eterno princípio de tudo, à entrada do labirinto que cerrou suas portas, uma por uma, atrás de mim. Tento limar as arestas, escoimar asperezas, mitigar os excessos. Procuo o equilíbrio. Busco o repouso. Conheço os escrúpulos que me enclausuram.

Sei que não há retorno, não há saídas. Estou no centro, encarcerado e liberto, imerso na luz que brilha no conflito. Luz fascinante e pura como a primeira utopia.

| II |

Venho do desterro. Tenho a face queimada pelo sol de outro tempo. As marcas e as cicatrizes do silêncio. As mãos crestadas pelo sal. Uma efígie bordada no peito, suave tatuagem que usavam os heróis da primeira estirpe. Venho com o sabor do degredo. A fúria de quem encarou os deuses. A paz das tempestades. A dúvida, o ceticismo dos desafios. A docilidade de quem amou a morte.

O estigma perene, a maldição dos insurretos.

Fábio Campana (Foz do Iguaçu, 1947) é jornalista, romancista e contista. Há 20 anos dirige a editora Travessa dos Editores. É autor de *Paraíso em chamas* (poesia, 1994/2013), *O guardador de fantasmas* (romance, 1996) e *O último dia de Cabeza de Vaca* (romance, 2005).

**Mirian
Paglia
Costa**

DE COLAR DE MARAVILHAS

| VI |

a procissão caminha
passos, meninas do colégio
à frente, minha prima
bela e lampeira
em sua caixa de boneca
já não chora, já não diz — “Mamãe”
muda
desfila o dia de gala
seu medo passou completamente

vão todos sombrios
em uniforme de luto
só ela está de cor-de-rosa
fantasiada
anjo até os pés

minha prima vai à tumba
ela que não entrava em canto escuro
nós a seguimos entre flor e choro
porque dói
o pé no sapato de verniz
a festa interminável

é grande o cemitério nos confins
tristes seus pássaros de bronze
empoleirados sobre túmulos
há retratos, letras, saudades
mas a procissão avança
rápida para olhos que soletram

a freira manda cantar
sai trôpego o hino
tudo é lento, engasga
ninguém quer enterrar a caixa
fechada com boneca

pela primeira vez tocamos terra
com mãozinhas enluvadas
lançando punhados no buraco
é roxo o pó que cai
empedra o som, batendo na madeira

sujo inteiramente
como as luvas
um homem feio vem
chapéu de feltro velho, abas ensebadas
e com pá completa seu serviço

a procissão desaba nas aleias

dia seguinte
embaixo da limeira
uma voz de prima não brinca de carniça
não canta introito de pega-pega
— balança caixão
— balança você
— dá um tapinha na bunda e vai esconder

| XI |

ô meu deus, quero de volta
minhas colegas de escola
blusa engomada picando no sovaco
o castigo de gala
freiras chatas, revistando tudo
e reza antes da aula

dia de ser anjo prolongado

ô meu deus, quero de volta
o fogo daquele inferno
com diabo de tridente
e vermelho

| XX |

a noite é quente e ruínosa
onde plantou meu avô sua barba
e sua honra

das paredes da casa
restam madeiras
eretas e modificadas
dos filhos espalham-se os destinos

a vizinhança já foi chácara
campo de pelada e batalhas
zona do meretrício
caminho de tropa e lama
rua asfaltada e buracos

já houve horta, bichos esquisitos
mortes, desespero e festas no local
não há mais espírito pioneiro
tudo se disciplina e urbaniza

hoje meu avô está plantado
no chão que ele desbravou
e sua semente de pobre
macaroni e aventureiro
vingou nessa terra roxa
lado de cá do Tibagi
onde continuará havendo
trabalho, desespero e festa

BAR SELETO

vagas mensalistas aqui estacionam
pernas rodadas, caras batidas
buscam, quem sabe?
a vitamina que devolve a juventude

do vento do pastel aspiram sonhos?

sentam moles bundas nos banquinhos
olhos soltos sobre incertos objetos
e bebem
engolem o suco de tantas frutas
como se fosse lava
engolem tudo

diz-que vagabundas nunca morrem
pelo menos, só vivas aparecem no jornal
diz-que também não fazem falta
trocam de peruca
engordam, emagrecem
estão sempre no lugar sabido

mas
na hora vaga que precede o dia
bebem vitamina e comem
como crianças
o pastel que despenca seu recheio

— pendura a conta, ainda gritam
os saltos gastos já batendo na calçada
baiana, luzia, inalda, roseni, palmira
elas têm pressa

quando amanhece
todas as putas viram fadas

AD PERPETUAM REI MEMORIAM

maus
versos e bons planos
faço isso há anos

é chumbo o alfabeto que aprendi

escrevo
tenho todos os dentes
peso até excessivo
adoeço raramente
nasci no brasil
logo, não existo

cólicas líricas seguidas de vômito
meu diagnóstico

proletária do espírito
salário não paga minha fome

pedem pão, dou verbo
vergonha não rima nem resolve

às vezes desejo o terror
ilusão do justo restaurado
mas quem garante?

se o tapa é a lei da mão
instaura a selva

eu queria ser inocente

Mirian Paglia Costa (Londrina, 1947) é poeta e jornalista. Trabalhou em grandes veículos de comunicação, como as revistas *Visão* e *Veja*. Em 1997, lançou o livro de poemas *Notícias do lugar comum*. Também participou das antologias *Carne viva* (1984) e *Antologia da nova poesia brasileira* (1992), ambas organizadas por Olga Savary.

Hamilton Faria

ÓDIO

O ódio se aprende.
A mãe não ensinou nada disso.
A mãe olhou pra mim pequeno e disse:
Dá a outra face quando te sangrarem uma.
Quando pequeno não via sinais de ódio
nem quando a colher de pau dançava nas costelas,
a vara de marmelo assobiava nas costas.

A mãe ensinava amor
— cristo na cruz
para nos salvar —
biblicamente crucificado
por romanos de sandálias
e capa vermelha.

O pai rezava escondido
na velha catedral
da praça Tiradentes
pra esconder o orgulho
de não ser pego em fraquezas.
À noite fazia o sinal da cruz
embaixo das cobertas
pedindo forças
pra sustentar seis bocas.

ESPERAR, ESPERANÇA

Esperança não a do morto
(levantar, andar pela cidade)

A esperança não restitui
a perna a um combatente;
a esperança não é capaz
de me nascer um dente.

Esperança
nasce da morte da paixão
na própria tampa do caixão,
da matéria da mortalha
se faz teto e agasalho.

Esperança fria como lâmina
tecida de seu fio
nasce assim das mãos
concreta como a força.

Esperar
mas esperar como rodas
sua fala redonda.

Esperar
mas esperar como barco
navegando contra o tempo.

Esperar
mas esperar como a terra
abrindo seu ventre vivo
ao fruto que não erra.

Esperar
mas esperar como galo
abrir asas, criar calo.

Esperar
mas esperar como o cavalo.

O SONHO DAS COISAS

Breton não visionou
o sonho das palavras
Dali não vaticinou cores e formas
ocultas no mundo
A infância sim é que era surreal
Pitangas — como noivas mortas
desfilavam nas carroças
Pinheiros oravam no sonho dos pardais
Sapos inflavam-se de orgulho
ao pronunciar os nomes da noite
A cadela violeta bebia leite
nos peitos de Maria louca
debruçada no canto das tardes
Moscas inebriadas de cedro
dançavam no rosto dos mortos
Pai atravessava facas no duro
sono das palavras
E na sua vida sem encantorias
a infância foi
o mais real
dos meus alumbramentos

POLSKA

Não sei o papel que desempenho.

Só sei que é meu, impermutável.

Wisława Szymborska

o cão polaco

O cão polaco abana o rabo
sem saber de nada
o que se passou em Varsóvia

de pólvora
lágrimas
muros

— o General Inferno —

Sem saber da flor da Pomerânia
Sem saber — “é melhor morrer
de vodka do que de tédio” —

Sem saber
Pátrias esfumam-se
nos mapas
O cão polaco
quietude
Da *Wierzba placzaca*
Olha-nos —
em compaixão

O Vístula vestido de noiva
Sem saber que a memória
Queima

EM WISLAWA SZYMBORSKA

(*Conversa conversos* — de Wislawa Szymborska)

E assim componho aos pedaços
A quem se destina o teu puro traço

— Por falta de eternidade
Bato à porta da pedra.
Esquecem-se de que isso não é a vida.
É a guerra, você tem que escolher.
Tua aldeia ainda existe?
Talvez o tempo de piscar de uma galáxia pequenina!
O ressuscitar dos mortos das cenas de batalha.
A incorrigível disposição de amanhã começar de novo.
Ao cair do telhado desço de manso na relva.
Me desculpe o tempo pelo tanto de mundo ignorado por segundo.
É concebível que meus olhos estivessem abertos.
Era para se chegar à primavera e à felicidade.
Nada mudou, além do curso dos rios.
A relva cobriu as causas e os efeitos.
Porque afinal cada começo é só continuação. —

Wislawa — perdão —
Te vou compondo de teus pedaços
Como quem anseia o inteiro traço.

NA PORTA DE AUSCHWITZ

(com a respiração suspensa)

O vento toca sem cordas
Fina música da existência
Um sopro em Auschwitz
De tão delicado: quase oração
De joelhos sussurra:
— Entre, A casa é sua!

MÍNIMO IMENSO

| I |

Eu sou só isso
Mas tudo isso
Eu sol?

| II |

Ao despir o manto
Dá-me mais metáforas
Que água

| III |

Ao pisar a pedra
Deixa-me ser delicado
Como quem pertence

| IV |

A minha fome de mim
Não se baste à frugal palavra
Sacie-me o mistério

| V |

Antes que tarde
Ver a metáfora
Transformar-se
Em árvore

| VI |

Imenso universo
Da minha vida pequena
Eu sou apenas

| VII |

Limpo o pó do espelho
O que me diz esta água fria
Severa fonte de Mallarmé?
Verdade ou ironia?

Hamilton Faria (Curitiba, 1948) foi um dos fundadores, em 1976, da Cooperativa de Escritores, com presença ativa nos movimentos literários do Brasil na década de 1970. Publicou oito livros de poesia, entre eles *Diavirá* (1977), *Hais* (1994), *Súbitos encantos para São Pedra e espanto* (2000) e *minimoImenso* (2012).

Jaques Brand

ONDE TANJO UM SOL

| I |

Onde tanjo um Sol
ouvem lá que é um Fá
e se solo um Lá
falam só que é um Si.

| II |

Nuvem que nem Noruega,
que nem a espada de Quéfrem
ou o sorriso de Vânia
e as açucenas do açude.

PARA RECORDAR ROLAND BARTHES

Ao Reginaldo Fernandes

UM TIGRE
DOIS CISNES
TRÊS SIGNOS

COMPROMISSOS

Tenho uns compromissos
com a vida;
por isso é que não posso
com o Partido.

A brisa que suspira
é impetuosa
e dela pouco sopra
no Estatuto.

.....
.....
.....
.....

Prefiro, menestrel
de beira & borda,
roer, como um de Roma
rato, a Corda.

ENSEJO

Anjos
tangem
banjos
para o
ensejo.

SEMIDESPIDA MUSA

Semidespida musa,
ensandecido bardo.

Semidesfeito leito,
semissugado lábio.

LA ESTACIÓN FLORIDA

Trêmulos seios plenos de Vênus donzela.
Pórticos sóbrios, Roma rouca ronca.

E era del año la estación florida.

O TAO DA FODA

| I | L'amour selon Helène

Arfa no tálamo a nua deidade.

Arfa, infla o fole dúctil, sobe,
fode, sobe, fode, fode, sobe

aos domos altos da cidade fria,
aos domos sobe onde os pomos têm.

SONETO À MANEIRA DO DÉCIMO-SÉTIMO SÉCULO

Dê-me tua mão, Amiga, e ao meu lado
venha dos campos ver as verdes lindes
— ainda mais lindas se por elas vindes
e mais ainda se vindes ao meu lado.

Ouçamos da floresta que os margeia
a brisa perpassar o chão florido
e num transporte breve o leve Ar ido
nos leve em seu alento ao léu, à Aleia.

Das sendas derivadas, e à deriva,
à Suma alcemos juntos, às alturas
de um Saber bom que eu sei, musa lasciva.

Enquanto achas leve à labareda
e achas leve em teus quadris meu gesto,
as Artes eu direi, de Amor, que enreda.

§ As Artes eu direi, de Amor, que enleva.

Jaqes Brand (Curitiba, 1948) é jornalista com passagem pelas redações dos jornais *Folha de Londrina*, *O Estado do Paraná*, *Tribuna do Paraná*, *Jornal do Estado* e da revista *Panorama*, além de ter colaborado com o jornal *Nicolau*. É autor de *Brisais* (poemas, 1997).

**Domingos
Pellegrini**

Aprenda
a verdade
é a lenda

*

A paina, alvo engano,
é a neve possível
neste meridiano

*

O orgulho
de ver teu brilho
no olhar do filho

*

Quando estou ali
dando pipoca aos pombos
estou me alimentando

*

Eram dois
ou duzentos pernilongos
no quarto escuro

*

Lá fora estouravam fogos
ali a pia me pingava
na medula

Trocamos três palavras:
o nome o preço o tempo
(fazia um calor úmido)

Eram dois
ou duzentos pernilongos
vaiando no escuro

Frio na barriga
suor na nuca

Mas foi
simplesmente mulher
depois de cervejas frias
e partidas de sinuca

Os cabelos eram
sem cor definida
A cama era bamba
e tremia como eu
O nome era Aparecida

Depois
virou lembrança
mas o preço valeu
para o resto da vida

1968

Nós estávamos todos na Passeata
dos Cem Mil, dos três mil, oitocentos
Nós estávamos lá no grito ao vento
esperando que o povo não tardava

Nós estávamos lá na passeata
dos setecentos, duzentos, oitenta
Nós estávamos lá num pau violento
esperando que o povo não tardava

Nós estávamos lá quando morreu
a esperança na pata dos cavalos
pois o previsível aconteceu:

os rojões não ganharam as batalhas
e o povo, o povo não apareceu
talvez porque era dia de trabalho

*

Pirâmide é só túmulo de faraó...
os avôs ensinam aos meninos
Esquecimento é a canga dos cretinos...
ensinam às meninas as avós

Fala-se sem amor a língua alheia
falam as mães a verdadeira língua
para o poderoso a língua tem peias
para o povo a língua reza e xinga

Poder e praga e força de mandinga
a língua é a voz de todos os avós
a língua nasceu antes dos domingos
a língua que diz eu diz todos nós

Língua de clarezas e subterrâneos
língua de subornos e de lindezas
a língua escava no fundo dos crânios
com garras de promessas e de sonhos

*

Jamais esperaria sofrer tanto:
tinha esquecido de como se sofre
e de repente o coração é um cofre
abrindo cheio de dor e de espanto

Jamais esperaria sofrer tanto
ao ver a minha sombra emagrecer
sem achar a tua no entardecer
e sobreviver é meu grande espanto

É como acordar sem perna ou braço:
tropeço tanto para dar um passo
e no trabalho me atrapalho tanto

A vida virou muleta quebrada
e desconfio ser, dê uma olhada
um inválido que vejo com espanto

CHACAREIRO

Mais um dia. Fiz o que podia
e o que não fiz fica para amanhã
Convoco os cachorros com alegria
gomo por gomo comemos poncã

O sol ainda dá alguma luz
para colher mais algumas laranjas
até a noite baixar seu capuz
e esfria, fazer o quê? Faço canja

Janto no escuro, aguça o paladar
e as estrelas se acendem na janela
igual um poncho furado de lua

Depois descubro pouco antes do chá
como mamão melhora com canela
e como é bom viver longe das ruas

CHÁCARA

Minha chácara sempre surpreende
ora com novo canto passarinho
ora com a picada de um espinho
porém do mesmo ramo onde a flor pende

A lesma vai lambendo seu caminho
cachorro olha como quem entende
e o beija-flor é o único que tem de
mostrar pressa aqui neste mundinho

Quando menos se espera amadurecem
frutos e ideias entre sentimentos
que de janela aberta adormecem

Para varrer emprego o Senhor Vento
embriagado sempre que florescem
os meus mais perfumados pensamentos

Domingos Pellegrini (Londrina, 1949) é poeta, romancista e contista. Autor de uma obra vasta, publicou *O homem vermelho* (contos, 1977), *O caso da chácara Chão* (romance, 2000) e *Minhas lembranças de Leminski* (biografia, 2014).

**Neuza
Pinheiro**

tem palavra
que te morde a carne

morde morde
abre a vala
salga

tem palavra
que te lambe a alma
lambe lambe
faz que sara
nunca se sabe

tem palavra que te fere de morte

**GERCINA PLACIDINA DE CAMPOS,
MINHA AVÓ MATERNA**

numa perspectiva de transmigração de almas
pelo que me luz ou limbo
minha avó
Gercina Placidina
livre pensadora cafuz
movia estrelas pela fumaça do cachimbo

Ionona
bafo perfumado
quando cuspia
cimentava rachaduras onde o peito queima

(pequenos infernos...)

Gercina Placidina
esquentava um tijolo
em seu fogão a lenha
envolvia um saco de algodão
e vinha aos meus pés hibernos

— sente frio mais não...

minha mãe se acomoda no sofá
pousa os pés inchados num banco vermelho
e assiste na tv
a todas as catástrofes
todas as tragédias
religiosamente
depois evoca o Apocalipse
em sinal da cruz solerte
cada tarde o mesmo esgar
caminha até a cozinha
bate na tábua uns bifés sangrentos
e serve o jantar

Neuza Pinheiro (Arapongas, 1949) é socióloga e compositora, autora do CD *Olodango* (2007) e do livro *Pele&Osso* (2010). Apresenta o espetáculo *Profissão de febre*, com poemas que musicou de Paulo Leminski. Também musicou poemas de Emily Dickinson, traduzidos por Augusto de Campos, sob o título *Não sou ninguém*.

**Wilson
Bueno**

Lancinantes os bicos-pássaros
Com que vos fura o túmido ventre
Já cadáver de nós e de nossa víscera
O que chamamos Amor, suas anáguas,
Festim de lírios, zumbir de abelhas
O que de Amor foi enlevo e até cansaço
— Mesmo o açoite e as costas em brasa? —
Se fomos um no Amor consorte
E hoje somos, Amor, retalhos de nós mesmos,
Pobres panos, chita, organdi, seda rala
E foi Amor, sim, que nos fez tão inimigos!

*

Cai-me ao colo Amor de súbito
Um susto, um esgar, um bramido.
Estertor de tudo — desamor Amor ao avesso?
Quero-vos lúmpen, maltrapilha, campesina
Quero-vos riacho e manso açude.
Amor, entanto, vocifera pontiagudo
Mural de rochas e lascas e espelhos e cardumes
A fingir do Amor — casta figura? —
O Desamor em pelo, às turras,
Aos vozeios, facas, murros, unhas
A alvoroçar o silêncio de agulhas.

Tão grande o Amor que nos abraça
O tempo, a infância, prados e pinheiros
Agora em que sei que estás morrendo
E morrem contigo as gastas ilusões,
O irmão já morto, vosso útero.
E de mim os sonhos loucos.
Tudo é a antevisão do silêncio longo
Que há, meu Deus!, de separar-nos.
Dissolução da ausência, do corpo, da casa
Morrem bromélias, alamandas e os cactos
De vosso jardim, amor, Mãe, tão casto,
Aqui onde cato de mim caco a caco.

*

Ao grande amor, a luz
Do Amor imenso, sem trégua
Puro Espírito todo brotado de flores
Nem a sombra de Agosto capaz destrua
Do grande Amor a ternura, o gume, o azougue.
Anda o Ser à busca tanta
Do grande Amor as suas quinas
Amor de âmbar, irresistível pedra
Grudada de conchas e de limo.
Do grande Amor, o rasgo da epifania,
O raso onde Amor Demais definha.

De Amor o soluçante Enlevo
Perguntou pelo Segredo.
Enleado às suas dobras
Segredo respondeu pronto
Que de Amor andava às tontas
Cada noite
Cada dia
Dia e noite.
Enlevo dobrando a esquina
Voou seus ventos com pressa
Tocando ao de leve a pálpebra
De novo Amor, sua flauta.
Segredo encolheu-se escuro —
Uma sombra contra o muro.

*

Antes de tudo, o começo
Eva, fenda, pássara obscura,
Os teus sexos de menina, Amor
De mulher cinge a curva dos seios
Gozo e glosa, chana e chana.
Chama ao relento a lágrima nua
Esquece nos ombros lentos lábios e dentes
Ao relento de si os caminhos do umbigo
Coxas e clitóris, pelo contra pelo
Amor, de tão cortês, é um algodoal de liquens
E plana, suspenso, entre o sonho e o sonho.

CRIARES

bichinhos de Deus
coatis, os mamilos teus,
tange o bico rosa

venta e o quarto leva embora
o zoo dos olhos meus

SILÊNCIOS

Para Fernando Paixão

1

há um Deus de luto
no demasiado rútilo
que se liquida ao norte
por uma estrela de gelo
e a lua simples nos olmos
carrega em impuro siena
pelas mãos do Deus abrupto
acre oficina de sustos

2

há um Deus bem gaio
na sarabanda do outono
que daqui se vê todo ano
o mesmíssimo outono
de há quatro mil anos
com Deus pelos cantos
pondo branco no agapanto
e amanhecendo paineiras

3

há um Deus silente
na tinta incendiada
de sonetos e poentes
manhã de ouro encardida
cincerros da madrugada
sussuro de Deus com pluma
no andado quase ar voante
de chá e voal o vento

4

diante de tanto quanto Deus
dá-me que entenda
pelo juízo da veia
a via tácita ou láctea
de víscera expectante
pelo que Deus põe de tarde
numa abelha azul da prússia
e vos faz de céu e senha

FRIO

aguada de inverno
um telhado contra o azul
lavado de estrelas

primeira geada de junho
sobre os pinheiros do sul

Wilson Bueno (Jaguapitã, 1949 — 2010) foi jornalista, com passagem pelas redações de *O Estado do Paraná* e *O Globo*, dirigiu o jornal literário *Nicolau*. Autor, entre outros, de *Bolero's Bar* (crônicas e contos, 1986), *Manual de zoofilia* (poemas, 1991), *Mar Paraguayo* (romance, 1992), *Meu tio Roseno, a cavalo* (novela, 2000), *Amar-te a ti nem sei se com carícias* (romance, 2004) e *Mano, a noite está velha* (2011).

**Antonio
Thadeu
Wojciechowski**

COMO É BOM SER EU

poeta, é como todos me chamam
e como isso é bonito de se ouvir
be or be not an option, shakespeare
a alma solitária que todos amam
sento-me numa estrela e sinto-me
olfato das palavras navalhadas
paladar ácido da garrafa de absinto me
puxando pela língua a dentadas
se eu fosse o Fernando, pessoa,
seria uma piada de português
não que a sua poesia não seja boa
é que tenho no peito o erro da vez
água na boca dá gosto de delícia
meu verso, livre, foge do lugar comum
e não goza com a cópia sub-reptícia
minha puta poesia não dá pra qualquer um!

VIDA DE POETA

Até onde vou, todo mundo sabe,
vou ver se ainda estou na esquina
antes que essa poesia louca acabe
e eu já não saiba a que ela se destina.

O coração no peito rufa, bate,
escoiceia e vai ao encontro da rima,
como um cão que para a própria cauda late,
e dá voltas, e, em círculos, gira.

Talvez esse lirismo que me invade
e me leva a escrever linha após linha
seja só ego e cúmulo da vaidade.

Pode ser também apenas a idade,
lindezas que o tempo na gente inspira
depois de tanta espera na fila!

Enquanto é tempo
ninguém foi ver se eu estava na esquina
ou se, pelo menos, minha palavra estava
e dizia a que veio
batendo de frente
de perfil
de quina
a poesia é um escândalo
atrás do outro
o poeta, um bando
movido à cicatriz

e perdigoto
misto de mártir e meretriz
um poço
um passo
carne de pescoço
alma que foi pro espaço
todo santo dia
morre um de tanto beber
outro de atrofia
poucos de tanto escrever
muitos que ainda iriam ser
e não foram nem sombra
do que poderiam ter sido
ah! não farei um último pedido
a vida é um não sei
e a gente sabe
que é de lei
usar antes que acabe
antes que o peito
como um pneu furado
se esvazie, de tal jeito,
que o coração
ainda vivo
seja prensado, paralisado
sem emoção
sem motivo
sem ar
sem ter conjugado
na primeira pessoa
o verbo amar

O POEMA COMO EU QUERO

eu gosto da coisa real
centrada em si mesma
rica em efeito especial
lixa sob o fluir da lesma
uma puta poesia pura
água que pedra fura
alegria de mulher nua
lente no olho da rua
coisa de quem acha
e não de quem procura

POEMA PARA UM DIA CINCO DE JANEIRO QUALQUER

agora que estou te deixando meio de lado
não me venha com o diabo carregado
minha solidão era o paraíso perdido
que um dia deixei num canto esquecido
o dia é longo e o tempo passa devagar
o silêncio também é jeito de dialogar
hoje é um bom dia como outro qualquer
não me traga semanas quando você vier
estou velho demais pra minha idade
séculos, milênios me deixaram à vontade
restou esse poema de ossos aquecidos
onde sonham de volta amores perdidos
escrever até o corpo inteiro sangrar
e descobrir que a mão não consegue parar
morrer — este é o único e definitivo texto
viver — o que eu arrumava de pretexto

VISÕES DA MANHÃ

De uma janela aberta ao dia, avisto o céu.
As últimas estrelas se escondem da luz
Que tênue, mínima, vai dando um tom pastel
Aos véus de gaze e seda que compõem um blues.
Deus do Céu!, num pequeno ramo aveludado
Um pássaro acorda uma nota, encantado.

Grãos de cristal líquido na beira das folhas
Tombam, regando o chão que bufa em vapores.
Laranja, o sol avança retirando as rolhas
Dos furos da matéria escura, pra que as cores,
Sobre um show de filigranas, levem realce
Aos raios que partem de sua quinta grandeza.

Ventos, penteando as cabeleiras dos chorões,
Fazem dançar cortinas tal najas indus.
Eu, vestindo a fé de mil bíblias e alcorões,
Deposito no piso frio os joelhos nus
E faço, emocionado, a mim mesmo um pedido:
Nunca mais repita que o mundo está perdido!

CELEBRAÇÃO

Celebro a farta porradaria da boa
A alegria dos socos e dos palavrões
A camaçada de paus na cara e na coroa,
Sangue, dentes quebrados e escoriações

Celebro a guerra total dos mundos
A rara arte do contista do vigário
O calote dos cheques sem fundos
A marcha fúnebre do farrista mercenário

Celebro a marginália, a tribo e o forte
O urro retumbante e o chacoalhar de ferros
O silêncio ensurdecedor da morte
A eloquência do chumbo entortando os berros

Celebro a vida e a coragem de mudar
Celebro a morte e a vontade de lutar

O ETERNO RETORNO

me lembro bem, eu já fui um deus
daqueles que moviam mundos e fundos
bastava rir para ver tudo florir
mas aqueles que eu chamava de meus
aqueles que deveriam ter fé
foram virando as costas
e, sem mais nem menos, me largaram a pé
sem perguntas e sem respostas

eu sabia que a sensação de estar só
como tudo nesse mundo
um belo dia, retornaria ao pó
e assim me tornei um vagabundo
um inútil pária das estrelas
um monumento ao nada que sirva
um sinônimo de ovelha
não de pastor ou cristo ou shiva

o mundo era meu, estava escrito,
no entanto, não tomei posse
e nem deixei o bem dito pelo maldito
mas se a luz é sombra até que se mostre
encontrei no breu o farol da volta
a poesia me pegou na veia
e, com mil poetas como escolta,
voltei à vida com a caneta cheia!

Antonio Thadeu Wojciechowski (Curitiba, 1950) é publicitário e professor de literatura e língua portuguesa. Letrista e compositor, autor de numerosas músicas, algumas delas gravadas pelas bandas *Beijo AA Força* e *Maxixe Machine*. Tem mais de duas dezenas de livros, em prosa e poesia, dos quais se destacam *Ai dos que não são Thadeu* (poemas, 1994), *Assim até eu* (prosa, 2003) e *Koan do como onde: saboro nossuoco* (filosofia, 2009).

**Paulo
Venturelli**

CANÇÃO DA QUEDA

E ponho na minha aurora
o cadeado de Yeats
A noite consumida
no nervo de única palavra
Depois o piano submerso
sob todas as águas
o dente frio no sol
a boca fria qual musgo
A mão avança ainda crente
e nenhuma massa se modela mais
Nada nada que vale
o tom cobiçado
nem uma brasa a arder
no escuro romper dessa espera
Nem a forma de um querer possível
nisso tudo tão névoa inóspita
O corpo é que se encolhe
impossível ao espaço estreito
e deita sua seiva nessa areia
Só ele sabe quanto é vão
reter a luz numa sílaba
mesmo que minha

FESTA E CONVIVA

Poderia ser imagem de barro
destas com muitas constelações retidas
um gemido congelado no oco do ar
resguardado em cavas profundas
ocre vermelho nuance
espectro de licor espesso no cálice
quando tomamos a festa
interferindo em gestos e sons
ou um canivete sem acompanhamento
gesto de dançar no ar
a cada passo recobrar o pássaro
e escancarar as penas
na escadaria os sapatos soltos
De madrugada é sempre vidro
andar nu
cantar o corpo torneado na madeira
no cristal de néon
na substância adstringente
Os meneios espalhados pelas quinas
para o vento recolher o bolor da foto
a reentrância do camuflado
a instância derradeira
daquela palavra
Poderia ser imagem de vapor
destas com muito ramo estirado
um cavalo paralisado no esgar do salto
e no gozo de ser cavalo
porque o tempo é só cavá-lo

ANIMAL OBLÍQUO

Grande o animal convexo
desfila seu segredo
entre o enigma de todo olho
Quem o lê não sabe o núcleo
Quem o vê consome um intruso
em sintonia com astro rude
Rupestre sua paralisia balança
na fosforescência do elo
Seu contorno é porcelana
é o antigo papel do alfabeto
A razão não chegou ali
Mescla tinta caroço haste
que sua umidade desvenda
para um episódio encarnado
Se o condenam sua ira é bíblica
vago evangelho atraído
em pregação mais assombro que tema
As termas de suas escarpas
espreitam pra dar em acalanto
Seu buril avança em labirinto
Acende o candeeiro como motim
E no charco sua graça resfolega
e pra muito se ergue em pose
A singularidade é sua matéria
mesmo que plural mais pareça

POEMA I

Um risco no espaço. Depois um ponto. A sirene enrouquecida esgarçando a teia da noite. O desespero de uma boca vermelha. A mão que de repente se ergue por entre os lençóis e abandona o relógio com um toque de dedos quase cegos. A cisterna no fundo do quintal, como está na alma a trave da ansiedade, como está o medo do não-ser, a inquieta sombra do que há de vir. A certeza de uma porta verdejando a noite e um olho seguindo um traço, estacionando no ponto, compreendendo na chegada da sirene que é hora de partir. Sobre a noite, sobre seus seios em resguardo, balança uma cortina de neblina. Algo passou por ali e deixou no movimento de brandura a marca de uma passagem.

POEMA VII

Seria o abraço uma forma de morte? A consideração arquitetônica do corpo alheio ao qual também somos o outro, impedidos de uma interação absorvente? Um abraço dói nas cristas da impossibilidade. E planta em nossa pele sementes de distância e vagamos aflitos, arrastando em nós o mendigo atrás de restos de fruta. Um abraço é lonjura flutuando, um agouro de outra língua na expressão que desejamos externar. Simulamos a chegada e eis o que palpita em nossos braços: a brisa do alheamento vira tempestade e se investigarmos, só encontramos pó. O pó de tudo ser nada. O pó da viagem transformada em nada.

POEMA XCIV

A mosca da vidraça. Um raio de sol, incidindo sobre ela, assusta-a. Atarantada, ela sai em voo sem rumo e bate na grade que protege do mundo o velho senhor dos livros. Ela cai sobre a estante e se debate. Impávido, ele a contempla, cofiando os fios brancos da barba. Nos longes da cidade, a sirene de uma ambulância. O senhor concentra os olhos nos saltos desvairados do inseto. Nenhum músculo da face dele se move. A morte nem sempre acabrunha.

Paulo Venturelli (Brusque, 1950) é professor na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e autor, entre outros, de *Composições para meus amigos* (contos e poemas, 1997), *Fantasma de caligem* (contos, 2006), *Meu pai* (romance, 2010), *Histórias sem fôlego* (contos, 2010) e *Visita à baleia* (infantojuvenil, 2012).

**Hélio
Leites**

NINHO

Minha especialidade em morada
é beira de abismo
extremo de rama
forquilhas do céu
frágil é ali que me edifico
em pena e palha
tênue
parede que me separa da lua
frágil vivo pelo prazer e desafio
de reconstruir-me
após cada temporal.

CARDUME

Quando eu desperto
desperta um outro dentro de mim
que por sua vez desperta outro
e esse a tantos outros
como se fosse um cardume
por isso eu navego assim
São tantos e tão diferentes
cantando dentro de mim.

*

No dia 29 de julho de 1992,
mataram o tigre que fugiu do circo
agora, a cidade dorme tranquila
um sono de chumbo
dorme também o tigre em seu pijama amarelo de listras negras
e alguma coisa vermelha
pinga na capital ecológica
e a manchete dos jornais
já não é mais a jaula vazia
e o tigre voa vivo
pra dentro de todos nós.

ÓPERA-SONHO SEM TERRA

Esta terra não tem dono
Então me mostre a escritura
Nada aqui é de ninguém
É a verdade mais pura

Quem semeia, planta e colhe
Passa fome nesse chão
Quem explora come tudo
É a lei dessa nação

Tanta terra devoluta
Espalhada no sertão
Na mão de poucos
“Filhos da puta”
Esperando a plantação

Dia ainda vai chegar
que as porteiras vão se abrir
os cadeados arrebentar
e as nossas famílias tranquilas
da terra possam cuidar

Quem é contra o movimento
Já fechou essa questão
Dorme em seu apartamento
Em frente à televisão

Plantam soja, plantam soja
Só pensando em exportação
Me desculpe meu irmão
Nosso povo quer feijão

RESTAURADOR DE SONHOS

Quando o vento 'destélia' sua casa
Acaba 'desteliando' sua vida.
Reconstruir o ninho é seu ponto de partida.

FELIZ ANIVERSÁRIO

É no bolo que se acende
Só pra comemorar
O primeiro fogo na vida
pra criança apagar

GALO

Por ser dono do terreiro
com o rabo ele acende
o incêndio no galinheiro

NERO

Por fósforo tinha paixão
cada palito que acendia
ardia um quarteirão

CANONIZAÇÃO DE SANTA HELENA KOLODY

Pra canonizar pessoas
É preciso milagres
Pra canonizar poetas
Apenas poemas.

*

Vou nascendo sempre
é só pintar uma chance

Hélio Leites (Lapa, 1951) é poeta, performer e bottom-maker. Trabalha com objetos como caixinhas de fósforo, botões, rolhas, latas, madeira e restos de material entalhado. Publicou *Biografia não autorizada do fogo* (1994) e *mínimos* (2010).

Reinoldo Atem

A MADRUGADA

Os apartamentos cometem suicídios desconhecidos
e jogam pessoas sedentas pelas janelas.

As prostitutas mostram as pernas aos indefesos
e dizem valer mais que cachorros ou morcegos.

As calçadas engolem o escarro e sua raiva.

Os mendigos escolhem os seus esgotos.

Os últimos bêbados entoam a impotência.

O frio da noite os faz sentir melhor.

Os homens se evitam e às sombras apressados
entram nos bares, medrosos de agonia,
temerosos das janelas assassinas
que dão migalhas aos ratos e aos gatos pobres.

O caminhão do lixo recolhe seus tonéis
e as mocinhas escapam, fugitivas,
para que a noite não lhes levante as saias
ou para que os homens não lhes arregacem os dentes.

As luzes dos prédios. Luzes suicidas.

As luzes perigosas, num tempo pelo avesso.

Um beijo cansado. Beijo ressequido
que faz cantar o galo e adormecer a ferida.

EXÍLIO

Por ora, vivemos no exílio
que deste mundo se dá.
Pátria, mares, campos, tudo
é bem literário em mim.
Vivo como um guerrilheiro
que bem combate até o fim.

Não há que sair do caminho,
nem outros eu hei de achar.
Há muitas estradas na vida
— reta, curva, encruzilhada —
e, quando eu quiser dormir,
nunca vou poder deitar.

Vou como quem se pergunta
aonde irá pernoitar.
Serei recebido na vila?
Deitarei meu corpo vil?
Terei toalhas e banho?
Ou não há como escapar?

A MURALHA DA CHINA

Eu sei que os chineses vão dizer
que os teus olhos mais belos que o luar
que à minha janela pode estar.
Mas meu assunto é outro, minha amiga:
No outro lado da lua, oculto e velho,
vou guerrear as hostes inimigas.

De tudo que me é desconhecido
o outro lado do muro é o descampado,
onde não se vai, por não sabido.

O que tem além mar, além muralha,
vai estar reservado para mim,
quando eu possa passar,
já bem no fim.

SUPER-HERÓIS

A mulher-gato
vem nos salvar
nesse nosso dia
insuportável?
O homem-aranha
vem nos redimir
quando tentamos
coisas irremediáveis?
Não.
Apenas um gato e
uma aranha
surgem rasteiros
no meu telhado
no meu telhado cheio
de goteiras
cheio de passados
que não se importam
se estão
do meu agrado.

ESPELHO

Quando a gente
se olha no espelho:
os sinais da velhice
os cabelos na pia
os sinais na planície
armada pelo corpo
plácido bonito
amado e esquecido
um dia na memória
página relida
como se nunca visse
o vidro e sua vida.

Reinoldo Atem (Teresina, 1951) é publicitário e autor, entre outros, de *1971* (novela, 1978), *Eterna primavera* (contos, 1973), *O aprendizado da vida* (poemas, 1997) e *Sob o céu do país* (poemas, 1999).

**Luiz
Antonio
Solda**

um poeta sentado
é um poeta
em pé de guerra

*

torta minha caneta
o soneto me saiu
meio emiliano pernetta

*

a vida passa assim:
na metade
já estamos no fim

*

a vida?
já vi esse filme
afinal
eu sempre morro
no final

*

depois do terceiro uísque
o javali
é um animal insuportável

vai
meu amigo
desta vez
eu não vou contigo

a morte
é um vício
muito antigo
só que nunca
aconteceu comigo

pode ir
que eu não ligo
eu fico por aqui
separando
o tijolo do trigo

é preciso que se morra
mas que se morra aos poucos
devagar
dentro do horário
com cautela
sem onerar o erário
é preciso morrer
na disciplina protocolar
parar de respirar
sem nenhum comentário
morrer
é muito particular

UM DIA

um dia desses eu vou me misturar
ao povo que está nas ruas
e finalmente vou descobrir pra onde
todo mundo vai
para onde vão as velhinhas com
pacotes debaixo do braço
para onde vão as senhoras gordas
de cabelo encaracolado?
pra que lado?
vou descobrir para onde vai a menina com o uniforme colegial
para onde vai o senhor grisalho
com as mãos no bolso
para onde foi o negro elegante
que estava aqui há pouco
para onde foi o menino de boné vermelho
para onde foi o vendedor de bilhetes
que sempre está gritando
vaca galo cabra burro borboleta
um dia desses eu descubro pra onde
vai a gorda que acabou de entrar num táxi
dia desses eu descubro para
onde foi aquele tocador de gaita de boca
e aquela limpadora de rua e aquela moça do estar
e aquele sorveteiro e aquela loira
com um disco do Chet Baker
e aquele cara parecido com o Rodrigão
e aquele senhor de guarda-chuva e aquela
moça chupando sorvete e aquele

gordo desesperado e aquele médico
que escorregou na calçada e aquele
guarda que estava na esquina
e as três meninas que olhavam
a vitrina da sapataria e a velhinha
de sombrinha verde
que tentava atravessar a rua
dia desses eu descubro
pra onde é que vão todas essas pessoas
que atravessam a rua
sem olhar para os lados

Luiz Antonio Solda (Itararé, 1952) vive em Curitiba desde a década de 1960. Foi diretor de arte em agências de publicidade e colaborou em jornais curitibanos e brasileiros. Atualmente, tem uma coluna de humor gráfico na revista *Ideias*, da Travessa dos Editores. Publicou, entre outros, *Saldos & retalhos* (poemas, 1994), *Kamikase do espanto* (prosa, poemas e desenhos, 2001) e *Almanaque do professor Thimpor* (prosa poética, 2001).

**Nilson
Monteiro**

POEMA DA CIDADE

Eu te aprendi cidade

teus carregadores de marmitas frias
teus trilhos de estômagos vazios
teu relógio cardíaco
teu templo de potes de ouro
tua barriga de lombrigas
teu fogo gélido
torrando o pão.

Eu te conheço e saúdo

a manhã vazando teu pulmão
de ônibus bufando lama e óxidos,
a manhã lavando calçadas
e o sangue que grudou no asfalto e em tua história.
Digo bom dia, com medo da resposta,
e caminho entre conhecidos
caras, casas, árvores,
no meio da praça um lambe-lambe
pede sorrisos para o pássaro ferido.

Eu te conheço cidade

e sei de teus meninos
fumando e levantando voo.
Sei também de teus patrões
domando dias e noites
escarrando em toda dignidade.
Sou irmão de teus bandidos famintos
de tuas meninas prostitutas
de teus meninos
arrebentando vidraças.

Sei teu cheiro

teu cheiro de barracões entupidos de café
de bares ferventes
de bolsos entupidos de dinheiro
de cinturões apertando corpos famintos.
Eu te conheço e sinto todos os poros
te sentirem roxa e visceralmente roxa
por toda a parte. Dentro do cinzeiro
ardendo o calor de tuas noites
vadias
em teus becos
favelas, esquinas e botecos
em tua vida.

Sou testemunho, cidade

Engraxo meus olhos
com bueiros entupidos
e nos trilhos da estação
repleta de saudade,
uma viola de ternura
sola ao peito nomes de amigos
e a cara triste de roceiros no vai e vem.

Eu te conheço cidade maldita e querida cidade

Teu chão, tua lei, a lei
dos que não cedem espaço
dos que vendem diariamente,
camelôs engravatados.
Seu naco, à revelia e rebeldia
de tua vida
gerada por cafeína a esperma,
pioneiro e cadáver de tuas horas,
a febre que te engravidou,
esta poeira endiabrada,
as tetas desta lama.
Conheço tuas fábricas
que arrotam estrumes
e operários amassados,
sei deles.
Sei de tuas mulheres
que esfregam e espremem
seus salários
e nos acenam mãos vazias.

Cidade, cidade,
saúde teus loucos
me dizendo
bom
triste, inflacionado, esperançoso dia,
impresso em manchetes policiais
no embrulho das feiras e verduras.
Não, cidade, não nos deixemos
liquidar em bazares.

Jogo uma moeda
ao fundo do teu lago
e confesso:
só queria te fazer um poema.

LIÇÃO

estes dentes de leite
caramujos na barriga inchada
aprende com eles a lição
da cárie doída de sonho
de sonho brinquedo esburacado

a vida, lição de pedra,
ave em voo noturno ferida
é difícil dentro e fora da cartilha,
brota dentro e fora da taboada,
aprende filho.

O TEMPO

O tempo
enfiou-me o cansaço
das bíblias e dos ídolos
sob as retinas.

Cristalizou-me a esperança
e volatizou-me o medo
costurando o amor
e o ódio
no rebanho de luas.

O tempo
deu-me filhos
amigos, inimigos,
pessoas que rondaram meu coração
como lobos
como cordeiros
ou ainda como
companheiros.

O tempo negou-me paz e pressa
rabiscou-me rugas e cicatrizes
soprou-me alegrias e tristezas
dependurou-me sobre a vida.

O tempo enxergou-me
espiando pelas lascas das teorias
e metendo o dedo em feridas
encharcadas nos bairros.

O tempo
deu-me cabelos brancos
e paciência.
Deu-me
a certeza da dúvida
como motor do mundo.

Nilson Monteiro (Presidente Bernardes, 1952) é jornalista com passagem pelas redações da *Folha de Londrina*, *O Estado de S.Paulo* e *Gazeta Mercantil*. Autor, entre outros, de *Vento novo* (poemas, 1978), *Simplex* (poemas, 1994), *Pequena casa de jornal* (crônicas, 2001), *Madeira de lei* (biografia, 2008) e *Mugido de trem* (romance, 2013).

**Otávio
Duarte**

O agora é o imenso agora

O que se foi é recordação e teoria

O que virá não existe e será outra coisa

Mas o agora é só por ora

As abelhas que investigam as lavandas

Sob o sol brilhante de outubro

Me ignoram, trabalham e vão em frente

A água deste andar não veio por aquedutos

Nem o tijolo, a madeira, a cerâmica

Aqui se estabeleceram pelo acaso

O poeta morto que leio me deixa melhor vivo

E se me imaginou foi em si próprio

O que foi o seu agora

É o meu agora

E não o será mais

Daqui a pouco

*

A grande perda, dizem, é o ponto de inflexão do romance

Mas a grande perda é soma e não destaque

Tudo o que conquistamos também vamos perdendo

Os amigos idos não voltam

Tua mãe não te fará mais nenhum carinho

E a tua cabeça não tem onde repousar direito
Aquele filme não comove agora
O grande livro resvala no virar das páginas
A revisão das sinfonias não confirma o esforço

Mas algo ficou
Em algum lugar você chegou

Em que têmpera se formou, afinal
Na educação dos sentimentos?

*

Estou precisando
De um samba bom

De alguém que me aqueça
Com uma canção

Maria Leonora,
Por que levou meu cachorrinho?

Você me gelou
Muito abaixo de zero

E sou bem sincero ao dizer
Que o Rex faz falta

Maria Leonora,
Ele não mastiga mais
A barra da calça

Maria Leonora,
Por tantos momentos
Traga o Rex de volta

*

O poeta trabalha gravemente.
Mede as palavras, escande as sílabas, planeja os sonetos
Os trípticos, os quartetos, os sextetos
Os dodecassílabos, a música matemática.
O poeta que se pensa assim pensa em temas importantes.
Quando condescende em brincar, brinca gravemente.
Leve não brilha o seu sorriso.
Maroto, o canto da boca nunca fica.
Dissonâncias não entram em seu esquema.
Aqui, o caso é sério.
E o poeta grave
Premiado e louvado pelas academias
resigna-se a ser assim
Sem graça.

JOANA SANTA

Conheci uma Joana muito linda
A Walker atrás dos Johnnies
Tanto blue quanto red label.
Joana D'Arcool guardava visões do Delirium
Pois do sono fundo
Os doces sonhos não retinha.
Joana, na noite de uma quarta-feira,
derrubou o gravador com as mensagens do Etílico
Bem na água quente da banheira.
Entre choques, barulho e chiadeira
Queimou-se de fervor a nossa santa.
Adeus, Joana, adeus
Foi bom vê-la por aqui, desse jeitinho maneiro.
Apareça ou poste, se puder, o seu recado
Que a grande rede acolherá para sempre o enunciado

*

Hoje abriram-se as valetas
na Brasília Itiberê

Por causa da chuva
os buracos, a lama e as pedras na calçada
a todo passante dificultam a travessia

Menos para nossa deusa Laodiceia

De lindas sandálias havaianas
shorts azul e camiseta da Casa da Barbada

triviais as coisas lhe parecem

de cima de sua majestade

1974, na panificadora, com Nogara

Com ou sem vinho

Em cadeira acolchoada,

mesa de mármore e belos aparelhos de digitação

Agachado ou sentado em pedra

a rabiscar uma parede com carvão

Ao alcance do copo de água fresca

Ou sob o ataque do sol e de moscas a povoar cadáveres

O poeta sabe sempre

Da terra devastada, cultura vã

E mais nada

Se de mais desfruta

Pensa que sabe ou intui

É no nada que se engana

É do nada que trata

E mais nada

*

Em nosso vizinho

No irmão querido

No mendigo petulante

Não nos reconhecemos

Otávio Duarte (Campo Mourão, 1953) é jornalista e autor, entre outros, de *Alice* (poemas, 1982), *Noticiário dos heróis* (romance, 1984), *Fanfarras infantis* (poemas e contos, 1988) e *Seis romances e uma pintura* (contos, 2001).

**Eduardo
Hoffmann**

CURITIBARES

indumentária de cossaco
refletida nos copos
de avenidas sonsas
Curitiba, meu frio, minha luta
o sonho de toda onça
é ter um casaco de pele de puta

travestidos lares
procurando-nos, todos os bares
nunca mais
nossa sede nunca mais
será a mesma

nunca mais o que valha
nunca mais, serei
nunca mais o talho
profundo da navalha

nunca mais a dor
que a todo dia nos talha
nunca mais o frio
nem o leve pisar de tuas sandálias

nunca mais o amor
destes tontos, coisa besta
quero mais, quero paz
quero que a vida,
inteira, nos aconteça

PERFUME

chove chuva de chuveiro
é uma lisonja ensaboar
a quem a mui lejos foi monja
ela me disse que tudo passa
— passe bem de leve a esponja

CIRANDAR

amor que prende
amor que solta
amor que me leva
e me traz de volta

RETRANCA

fazendo reportagem
lá no Centro Espírita
mando matéria?

intacto
apenas o coração
do cacto

vida que sorvo
do bico da cegonha
ao bico do corvo

Eduardo Hoffmann (Jacarezinho, 1954) é jornalista e autor dos livros de poemas *Ensaio fora de plano* (1979), *Trens* (1985), *Rasantes* (1985) e *Sete quedas da paixão* (1987).

**Bárbara
Lia**

HISTÓRIAS DE AMOR

DURA O TEMPO DA NEVE EM CURITIBANA

aceito o plano b
te odiar
deve doer menos

e o alfabeto inteiro
na língua do oceano?
(pergunta o colibri)
se posso ampliar tudo
para que dois planos?

no plano “g” — com a força do aço
te ensino a gostar de poesia

o plano “r”
resgata tudo
rói ruínas resolutas
reinaugura rosas
rente rubros rancores

vou passar a noite
compondo planos alfabético-poético

espero acordar sem dor

AZUL NOTURNO

O anjo louco do casario deserto.
Era invisível feito música.
De noite subia na árvore.
De dia descia ao poço.

A voz — ímã de luz.
O perfume — avenca suave.
A sombra — azul noturno.
O olhar de mar — salgado.

Anjo sem céu.
Anjo da terra.
Enlouquecido
de som e luz.

BEATRIZ

Perhaps/Happiness-

(Beatriz conhece Dante em um Teatro. Ele fala da sonda Galileu, que mesmo morrendo e se desintegrando no espaço continua mandando fotos. Beatriz se extasia manda um e-mail para o Dante do III milênio. Dante se emociona. Ambos amam a cultura árabe. Ambos são poetas. Ambos são místicos e platônicos. Surge uma correspondência estranha — Talvez Felicidade — Talvez Saudade — E quando ele diz: Viva a rosa trans-física — o extracéu — ele não supunha que ela criaria uma dimensão poética, onde as rosas são azuis e onde não há noites)

OUTONO

Concebo milhares de sóis.
Sem parto ou dor.
Sóis apenas.
Antes — Asteca.
Sacrifícios para plasmar o sol.
Nascerá o dia?
Temia o dia.
A aurora nítida.
Teus olhos de sonhos orvalhados.
Pele ardente de desertos vários.
A voz de Israfel.
Corpo iluminado.
Letra resgatada dos desertos de Deus.
Temia o dia.
Enlaçar dedos cálidos.
Perfume e chama.
Tua pele — Pétala do Oriente.
Temia bailar os dedos pelo trigo solar dos teus cabelos.
Delinear a boca ardente, o nariz romano.
Reter a mão na aridez do aro que me separa dos olhos teus.
Temia um sol sem sangue e morte.
— sombra de Montezuma ao meu redor.
Já não temo. Abraço auroras e navego o azul em barcas com
velas de borboletas e fadas de primavera.
Jardim no tombadilho.
Anjos ao relento, mastros à lua.
Azul, Azul, Azul de éden.

Azul mar me leva rumo ao reino das musas e dos poetas livres.
Ardente, leio palavras negras na branca tela.
— Como podem se tornar rosas ardorosas em meus seios? —
Luz tua incandescendo a tela.
Não vou ao teu encontro, mas te espero, no navio dos sonhos,
na ilha dos poetas.

CENTAURO ITALIANO

Agora não quero mais ser rastejante.
Plantei a roseira e fico a contemplar rosas azuis inacessíveis.
Amo-te e surges em toda parte.
Na obra de arte — um centauro com fisionomia de Dom Quixote.
Na sinfonia — Bacchiana de Villa-Lobos.
No silêncio que tu amas.
Nas estrelas orvalhadas de lágrimas.
Na lua crescente que te evoca.
Fecho-me em conchas.
Alagada de amor.
Não vou ao teu encontro para dizer Loucamente o que me
significas...
Calo. Calo. Calo.
Continuarei te encontrando no crescente, na arte, na melodia.
Quem de tão esplêndido sepultou as estações e se inaugurou
Primavera diante do meu olhar.
Pra sempre.

BEATRIZ NA TORRE

Céu líquido de maio.
Cinza dolência outonal abraça a alma despida de primavera.
Agora apenas páginas, nelas morrem meu coração.
Nelas debruço esta chama de amor e não chegará ao teu
olhar esta tarde e o meu silêncio comovido.
Quero que ultrapasse a barreira das horas.
Que infle de sol as velas, barcas soltas.
Vinte anos espero — sou Penélope.
Vinte anos me resta?
A chuva baila cinza na vidraça que abre a cidade e as cicatri-
zes de concreto. No mundo não há quem leve, como eu, este
solar crepitar na alma.

Bárbara Lia (Assaí, 1955) tem textos publicados em diversas antologias, como *O que é poesia?* (2009) e *Amar, verbo atemporal — 100 poemas de amor* (2012). Publicou ainda *O sal das rosas* (poemas, 2007) e *Solidão calcinada* (romance, 2008).

Cesar Bond

PRETA NO BRANCO

Pranto pranto canto pronto
mais um poema outro tanto de nada ponto
parada

Outra vez o pranto tranco no olho branco
e canto na lágrima água e sal
branco

Pronto mas sem tronco sem perna me lanço
avanço um pouco no espaço
pronto

Porque sou só sou braço e caço na cabeça
uma palavra larva borboleta
preta

Para preencher um pouco o espaço branco
e o papel com um poema feito aos poucos
aos prantos
aos pretos da tinta pinta sinal ponto
final

ANDAR

Não gostava de ver o pai
ajoelhado no chão da igreja.

Não gostava de ver o pai
sentado na ponta da mesa.

Não gostava de ver o pai de frente.

Gostava de olhar suas costas
quando estava nervoso
na frente da janela.

O SEGUNDO

O avô na cadeira de rodas.

Uma das mãos imobilizada.

A baba escorre no canto da boca
e pinga no pijama branco.

Pinga no pijama branco.

O relógio grande, na cabeceira da mesa,
bate uma, duas, três vezes.

Três horas e quarenta e cinco minutos.

Na cozinha a empregada surda e muda está coando café.

No bico do bule, um pequeno pássaro cor-de-rosa, de porcelana.

O pássaro impede que o café pingue na toalha branca.

Pingue na toalha branca. Pingue. A baba, a papa.

Um cachorro, peludo e amarelo, entra na sala.

O avô bate com o pé no chão.

A empregada solta um grunhido, o cachorro corre.

O cachorro tem que sair para não sujar o tapete verde da sala.

Para não sujar.

A baba escorre do canto da boca e pinga no pijama branco.

Pinga no pijama branco.

Três horas e quarenta e sete minutos.

Mais treze minutos e o relógio vai bater uma, duas, três, quatro vezes.

Hora de dar remédios ao avô.

Depois, um café morno, leite e pedaços bem pequenos de pão.

Bem pequenos.

NAS TRIPAS

Às cinco horas o céu estará cor-de-rosa.
Um amigo diz isso às minhas costas, com absurda certeza.
Fico olhando o céu, cinza, por alguns instantes.
Por alguns instantes delicados e quebradiços ficamos
olhando o céu por alguns instantes.
E de repente uma ponte. Um fio.
Uma mulher, talvez, enovelada em nossas tripas.
E então estamos sérios. Quietos e talvez tristes.
Voltaremos a rir às cinco horas da tarde.

PASSAGEIRO

É uma manhã simples.
Um mundo foi construído.
Me obrigam a decifrá-lo.
Escavo palavras, fórmulas, flâmulas e larvas.
À máquina.
Táxis passam. Foram chamados às pressas.
Alguém morreu.
Estico o braço. Um livro está a meu alcance.
Nele, um verso de Pasolini.
Reinvento mal. Foda-se.
“A dor pode expressar
nestes doloridos anos
o nosso pudor.
Herdar a angústia e a alegria:
porque é necessário ser louco para ser claro”.
É uma manhã simples.

CRONOLOGIA DE UMA DÍVIDA

Nasce em 1956. Cai do berço, uma, duas, dez vezes cem. Aos seis anos é abraçado por um tio tido como louco: foi o primeiro carinho que recebeu na vida. Aos dez, já assobia à luz do dia. Aos dezessete, ama pela primeira vez, e para esta mulher doa as córneas. Aos vinte e três estranha o próprio sexo, se recusa a pagar a conta de um amigo e tenta esquecer para sempre o profundo afeto dado por aquele tio tido como louco. Em 1978, foge para a cidade de Antonina, onde pela primeira vez vê uma réplica do quadro “Judite Cortando a Cabeça de Holofernes”, de Caravaggio, nascido em 1571. Caravaggio perde a mãe aos dezenove anos, e por ter perdido a mãe, compra um menino. Aos vinte e seis anos, se recusa a aceitar que perdeu uma aposta, briga e acaba matando Ranuccio Tommasoni, seu maior amor e seu maior adversário. Foge para Nápoles. Em 1978, na cidade de Antonina, depois de ver pela primeira vez a réplica de “Judite...”, de Caravaggio, ama ninguém e para ninguém doa todos os seus órgãos. Aos quarenta e seis, distraidamente assobiando em plena luz do dia, é assassinado por engano por um estranho, a quem doa a vida. E se vê livre de qualquer dívida e de toda a cronologia.

Cesar Bond (Iratí, 1956 — 2004) publicou, entre outros, *Esses homens tão chapéus* (poemas, 1980) e *As mulheres são todas* (poemas, 1984).

**Jairo
B. Pereira**

CAPIMIÃ: SEMTERRA SEMPRETERRA

[...] :admiro a coragem da prima: seu barraco de negra lona recosturada cerzidos sobre cerzidos embaixo da velha guajuvira ervas parasitas abraçadas ao tronco o tanque na lateral esquerda de quem entra a água turva do tanque empoçada onde uma pequena rã fez morada de improviso

a prima labora o dia a dia com suas belas filhas adolescentes a prima

vertida de chãos provisórios

antes havia um Paraguai de lembranças quando brasiguaiia sua pretensão de terra própria

o pai se aqui estivesse ia gostar de ver a prima ali uma mulher provida de ímpetos revolucionários uma mulher e a prole a que não deixa faltar nada

a prima

seu céu de improviso exala o perfume dos lírios selvagens da beira do Rio Iguaçu

a prima costura os trapos da família extensões também da negra lona de parede e teto da provisória casa

os astros à noite recebem a luz do seu olhar: repartido brilhante [...]

O rio Iguaçu
esconde a noite dos tempos
o antilugar da poesia
:peixes translúcidos:
Quem o vê
serpente do Paranauhê
urbano/rural
vê rio s'è nada mais
Moro na beira do rio Iguaçu
e não sinto medo da morte
— perigo da imobilidade —
O movimento das águas
ensina o da vida
e um não vive sem o outro.

O CAINGANGUE

O Caingangue me estende
as mãos
mãos limpas de terra
curtidas de embiras
nos seus olhos, noites grandes
caçadas, roçados, colheitas
aventuras de terra e rio
pinha, pinhante, pinhão
milho, mandioca, feijão
cestos trançados do viver
:a vida: no todo dia
a poesia tosca do chão
movimento, andanças
bichos no cio
balaio, chocalhos
arcos e flechas, pintados
em anilina, azuis e verdes
linguagens de mata, dias
noites, sons e tempestades
os curumins inventam
brinquedos com cipós e frutos
de estação
alaridam como gralhas
ao redor da fogueira
as pequenas almas puras
o futuro, nada ou pouco
lhes diz
em poeta, invado aquela

massa verde, invado, toco
conheço
aqueles carreiros de bichos
e homens
a flexa Caingangue transpassa
o tempo e acerta o alvo
abstrato nas cores aniladas
do futuro.

ESPIRITH OPEIA

[...] :espirithado: uma terra em outra terra
umas árvores sobre florestas extintas
um rio sobre outro rio um leito
extenso
não pasmo de se pasmar não ansio de
se ansiar
não almejo de almejar
me instigam os espectros na noite
instável
úrbicos os sinos no interior das pedras
lêneas as hastes desfolhadas
grísias as falanges de certos galhos
sobrevividos
:espirithado: me enleio no próprio
enliado
cordões suspensos nós atados cipós
enosados :espirithado: me saltam
lesmas pelos olhos ideogramas pelo
nariz onde vou um desenho minha
silhueta núdea onde estou uma
flâmula meu tónus obscuro
ante linhas lâminas retículas
filamentos me esthorvo
complemento esgueiro apareço [...]
os deuses morrem no shopping center
os deuses de longas asas azuis
morrem na escada rolante não se
encontra um níquel sequer sob suas

longuíssimas asas azuis os deuses
morrem com seus penachos
multicoloridos arcos e flexas colares
e bordunas os deuses excluídos
Iknauás Trupijés Cariris morrem
como moscas no supermercado não
há em suas míseras vestes ou nos
corpos seminus dinheiro algum os
deuses morrem ou matam o ainda
não morto matado suas vidas a tez-
espelho dourada verde azul vermelha
negra de rios e matas flores frutos e
céus esplendorídeos
os deuses morrem de boca seca com
amazônias de águas no pensamento
um mundo de verdes conjugados nos
olhos os deuses nathivos pensam o
viver e o morrer e rolam miçangas
pela escada rolante do shopping
center os deuses nathivos concentram
amazônias no fundo do peito cantos
de pássaros desistidos de asar &
ímpetos de renascimento.

NUA E IMPURA: MARILYN SEMIÓTICA

Estava no repasto dos meus
signos
:mesmos signos de sempre:
quando Marilyn Semiótica
apareceu, aparecida apareceu e
me encaixou em sua vida de
símbolos transternecidos do
dizer, um tal de reduzir o
discurso ao necessário
mezotelegráfico choque
refratário, onde nada pode sobrar
pra poesia que invento todo dia:
florida espasmódica panfletária
repartida esparramada sem
condicionantes visuais ou
metáforas pré-definidas
Marilyn Semiótica puthícida
morrisiana, ancas à mostra
loura eburnecida [...]

Jairo B. Pereira (Passo Fundo, 1956) vive em Quedas do Iguaçu. É advogado, artista plástico e autor, entre outros, de *O artista de quatro mãos* (contos, 1992), *O antilugar da poesia* (manifesto poético, 1995), *Signo da minha prática* (poemas, 1995), *Meus dias de trabalho* (poemas, 1997) e *O abduzido* (romance/ensaio, 2002). Em 2014 publicou *Arijo — Rapsódia Cabocla de Terra, Escada, Céu, Tempestade, Aliens, Inconsciente & Poesia*.

**Leopoldo
Comitti**

A PORTA E O ESPELHO

1.

O espelho do quarto exíguo
reflete não mais a imagem
do quarto. Nem da cama,
nem do homem que olha
um verme que devora a noite.
Pela plana e ruiva superfície,
enferrujada de suores vários,
ele desce uma escada tosca,
aqui e ali mal iluminada
por um foco de luz inquieta.
Trêmula. Postiça, talvez,
em sua fraca lâmpada frouxa
e pendente, e incauta, e fraca,
de um fio de pó ou pólen de vidro:
moído vidro de um relógio morto,
no pisotear de um tempo estrábico.
Entre o claro e o escuro disformes,
outro homem se interpõe e desce.
Tece a escada no espelho fosco
e transforma o quarto fechado
em aberta paisagem externa
e extrema. Pelos postigos da janela,
os espectros avenida se derretem,
na tortuosidade da ruela que verte
barroca e sinuosa paisagem artificial:
nas rugas, nos rostos, nas brechas
de uma falsa pátina aquarelada em verde.

2.

A escada vazia e tosca
divaga na sofreguidão
da lâmpada ainda acesa.
Passos rangem entre cupins
que o pé esmaga. Invisíveis
vítimas de uma noite tesa.
Rostos passeiam entre séculos
e os passos ainda largos
se dirigem a uma esquina:
quina pontiaguda e suspensa
que o relógio de vidro
encena num quarto de hotel.
De repente, da rachadura
do espelho, a casa se fragmenta
em lógico deslizar pelo penhasco.
Num lento quadro a quadro,
quarto e rua fundem-se novamente
em tapete e pedra, emaranhados.

3.

Há um degrau de morte
no desvão da escada.
Aranhas, aos montes,
o preenchem de tênues
dúvidas. Austeras, tecem
o sono, em lugar da espada,
em ingênuos arremedos
do arremesso final e inquieto.
Há luzes na calçada,
mas o espaço pouco entre
ela e a noite é interrogação.
Pergunta que paira
na irrespondível chegada
de uma insossa manhã
quase impossível e frágil.
Tão frágil que mal se ouve
os passos que rangem
na escada invisível
que se esconde e se mostra
por trás do espelho.

4.

No avesso do quarto
exíguo do hotel barato,
reflete a telha chã e vã
que reconstrói o dia pelo inverso.
Na luz que entra e se espalha
pela extensão da cama velha,
ainda se sente o soar dos passos,
a ecoar no brilho da lâmina
que os olhos então dispersos
registram ainda como estranha,
límpida e marmórea lápide.

ENTRE ROSAS E BARATAS

1.

Desculpe-me, Clarice,
nunca devorei uma barata.
Não por nojo físico
ou metafísico desprazer.

Compreendo-as,
em seu fugir pelos cantos.
Conheço-as todas,
e divido com elas,
companheiras insones,
as noites do não-dormir.

Amo-as em seu aspecto imundo,
e na imundície delas
me encontro como no espelho.

Às rosas, prefiro as baratas,
em seu diligente caminhar
sorrateiro e obscuro, pois
obscuras são elas, e delas
encontro o rumo da fresta
onde a luz nunca chega.
Ou então, onde ainda não há.

Rosas exigem vasos.
Não os tenho, assim como
também não compartilho
da loucura sagrada de quem
as têm, e os têm e despedem-se
delas em busca de um vazio
que se espraia sobre a mesa.

A sós, bichinhos nojentos,
dividimos o mesmo quarto
escuro e exíguo; o espaço
minúsculo que nos resta,
antes e depois da ironia
alegre que cortejamos:
sempre surdos e irônicos,
frente a repugnância breve,
mas funda, dos passantes
fúteis e despercebidos.

Comer baratas?
Comer-me-ia eu mesmo.

BIBELÔ

A pétala azul
de porcelana antiga
despencou sobre a mesa
amarela. Inteira e fresca
a dália se mantém

ereta.

O POÇO

Depois de um voo perfeito,
a lenta calma das paredes pétreas.
Nem ruídos, só o úmido rugir
dos ouvidos abertos para a água.

Tateia arestas brutas
e lanha-se nos braços,
sem sentir o sangue que escorre.

Liquefez-se lerdo e lindo
no fundo pedregoso do poço.
Ali espera o mágico e magno
formar de bolhas e círculos.

E espera. Espera o ovo.
Espera até que os pulmões
não suportem a sólida
parede da realidade.

Leopoldo Comitti (Rio Negro, 1956) é professor aposentado da Universidade Federal de Ouro Preto. Publicou, entre outros, *Jornada* (romance, 1980), *Fundo falso* (poemas, 1997), *Por mares navegados* (poemas, 1999) e *Jardim inóspito* (poemas, 2001). Em 2014 publicou *A mordida do cordeiro* (Patuá).

Nelson Capucho

DOMINGO, 16H15

marli marmelo
entrou na lanchonete
e como se fosse borboleta
pousou no balcão amarelo

beth canivete
deu um beijo no garçon

e todo mundo descobriu
o sundae cogumelo

*

o que tivesse tido
não me bastaria
de todo haver
eu jamais seria
como sou das coisas
sem serventia

do pó de estrelas
aspiro o brilho
longe da insensatez
dos dias

GRAMÁTICA

o que o sujeito
enriquece
não é o adjetivo
(só parece)

de palavras
vivi um bocado
pra chegar
ao predicado

juntando letras
(no céu branco
estrelas pretas)
desprezo o jugo
de bancos e caretas

às vezes me perguntam
: e o tempo futuro, poeta?
seguro a barra e respondo
: quando vier, conjugo

MARINHEIRO QUE PARTE

pauto o que posso
: é quase nada

componho navios
de meus destroços

inútil partitura
meus ossos

dos sonhos
restarão rastros?

O JORRO DA PALAVRA SANGUE

1

é maio
e o sol desmaia
no bosque
no ócio
na praia

2

noitou cedo
quem diria
 meio rosa
quando prosa
quando pessoa
 poesia
meio *junkie*
meio jeca
meio dândi
meio *dark*
mamãe vou passear
no parque
da antropofagia

3

ouço um som
como de sinos
na sombra
um cristão carrega
crisântemos clandestinos

4

em meio a tantos anúncios
arrasto o meu cansaço
anuncio o meu silêncio

o menino pede um cigarro
o mendigo pede uns trocados
o vizinho pede socorro

faço de conta
que sou feliz
vou aonde aponta
o meu nariz

5

amigos morrem de cirrose
aids, desencanto, overdose
uma menina ainda lê Marx
outra viaja com o enforcado
joni fez desintoxicação
dizem que ficou bom

7

não me xingue
não se zangue
é só o jorro
do meu sangue

8

em algum lugar há foguetório
passo diante de um velório
não conheço quem morreu
mas a cidade muda um pouco
sem o anônimo habitante
(ou anônimo sou eu?)

em local nem tão distante
o médico pelas pernas ergue
o pequeno ser viscoso
a cidade muda um pouco
a cada habitante novo

essa história
sei de cor
todo caminho
vai dar no bar

voo
não existe
sorte azar
não existe

tudo é risco
arrisque
leão de zoo
tem os olhos tristes

*

lua porcelana
chá de jasmim

outono sopra
flautas

de bambu
dentro de mim

Nelson Capucho (Londrina, 1956) é jornalista com passagem pelos jornais *Panorama*, *O Globo*, *Folha de Londrina* e pela revista *Placar*. Autor, entre outros, de *Solta chama* (poemas, 1980), *Sundae cogumelo* (poemas, 1983), *Vida vadia* (poemas, 1995), *Hominimalis* (poemas, 2002) e *O jardineiro das flores estranhas* (crônicas, 2002).

**Célia
Musilli**

SOB UM CÉU DE ACASOS

há um tempo em que as ilusões se dissipam
e a corda que nos sustentava se rompe
há um tempo em que as hastes se curvam
derrubando as flores soberbas
os botões que seriam buquês

há um tempo em que as pedras trincam
raridades se partem
achados se perdem
e ninguém sabe aonde foram parar os poemas
os guarda-chuvas
os sortilégios
os pássaros
as bonecas das meninas mortas

os chapéus que sumiram na ventania
há um tempo um tempo um só tempo
depois não há mais tempo
porque soaram as sirenes que proíbem a fantasia
a realidade não acolhe planos
sob um céu de acasos e sonhos minados

QUASE A INFÂNCIA

na tarde líquida
caramujos deixam viscosidade e grude
entre as árvores
cascas camuflam-se nos troncos
até que antenas marrons
despontam para lembrar
que é tenso e úmido
lamber *escargots*
como o primeiro beijo
prossigo entre as folhas
em rotas de seda
tecelã da brisa que acende
a memória de um canto breve
até a última ciranda
perdida nos galhos
trincar a fruta
entre a língua
o gozo
e o sumo

FINISHED

porque há canções de chegada
e há canções de partida
o coração tomo pela mão
quebrável

no último beijo
transversal de línguas
poliglota
falo de amor
delicadezas doem

não sei se já disseram
mas você sabe como matar pássaros

SONO CÓSMICO

há dias em que não sabemos
a que tribo pertencemos
a que rio
a que pântano
a que reino em flor
em barro
quinta-essência
carne e lágrima
matéria enigmática
poeira galáctica
que expele o futuro dos homens

mas não há nada
que os deuses confabulem
que valha perder o barulho
da chuva
e aí, tanto faz,
inseto, planta,
a humanidade possível
a expressão do inexprimível
que oscila entre a solidão
e a beleza destinada à
construção das pétalas
ou das palavras

eu, mulher mandrágora,
bebo o orvalho dessa noite
e estico membros
seivas e raízes.
enfeitiçada pela vida
alcanço o húmus
das árvores dos quintais
e, sem incomodar ninguém,
volto à terra
adormecendo em meu sono
de auroras boreais.

Célia Musilli (Londrina, 1957) assina uma coluna semanal no jornal *Folha de Londrina* e é autora de *Sensível desafio* (poesia, 2006) e *Todas as mulheres em mim* (prosa poética, 2010).

Edson de Vulcanis

fama é o limbo da glória

*

sou uma sombra com luz própria

*

beber é curtir o fígado

*

os falsários choram copiosamente

*

atrás de todo tarado
sempre tem uma mocinha vagando

*

certeza: a morte é hereditária

*

marta rocha
a torta perfeita

*

a piranha usa saia de oncinha
o sutiã sempre diferente da calcinha

*

pra Ku Klux Klan o negro é alvo

*De Paraguayos do Universo,
em parceria com Marcos Prado*

A MULHER DO HOMEM ELEFANTE

afinal a porca é um ser humano
a manicure começou a dar os primeiros passos
ela caminhou cerca de cinco metros
porque está com elefantíase nas duas pernas
foi amparada por funcionários da clínica
com cerca de duzentos e quatro quilos a menos
ela diz: “foi uma grande emoção”
a manicure está aguardando
para os próximos meses
a realização da primeira cirurgia plástica
para a retirada de mais de cinquenta quilos de
pele

CARTOLA

sou negro albino
não sou sarará
já fui batedor de sino
hoje ensino a dançar
também bato tambor
alegre faço a cuíca chorar
batuque é uma espécie de amor
samba é uma forma de amar

A FELICIDADE BATE À MINHA JAULA

cheguei em casa truculento
estripei minha mulher
desossei meus filhos
taquei fogo nos vizinhos
não porque sou violento
mas por estar carente de carinho
acordei feliz e satisfeito
numa jaula cheia de companheiros
sem mulher, crianças e vizinhos
só amor, carinho e compreensão
guardas, grades, cães e carcereiros
aqui protegem do mal meu coração

*

é claro que sou escuro
na chuva não vejo suas pegadas
à noite não existe sombra na madrugada
meu mau gênio me entregou as garrafas
tudo que criei foi de fianco e de rosca
os comprimidos me comprimiram no coração
não tenho nenhuma alegria
desde a última vez que fiquei feliz
o que não é cinza minha alma lava
tudo pode ser escrito
por todas estas tintas

Edson de Vulcanis (Curitiba, 1957) escreveu, em parceria com Marcos Prado, os livros *Paraguayos do universo*, *Três quadrúpedes bípedes* (com Márcio Goedert) e *O amor é Lino* (com Márcio Goedert, Edilson del Grossi e Antonio Thadeu Wojciechowski).

**Josely
Vianna
Baptista**

OS POROS FLÓRIDOS

| I |

Entre a lisura vã das dunas movediças,
ou entre a sombra lassa — zefir brônzeo —
que o sol alonga em ondas nas planícies de ônix.
Em raras simetrias, nos losangos
laranja que se enlevam, volúveis, aos desejos
do vento. Sob a cambraia opaca das imagens,
entre eloendros, febres, entre dentros.

Torrentes de rápidos
sobre pedras lisas, sobre pedras ásperas,
sobre pedras ríspidas, sobre pedras límpidas.
Tudo é igual e diferente de si mesmo.
Leitos de rios secos, securas de estrume,
restos de sementes, relevos do vento.

Arboresce selvagem entre os dendritos
— marca d'água na rocha, um grafito
hiperbóreo —, lascando-as (paliçadas)
em florestas de pedra. Inflorescendo,
fosco, em negrume de eclipse.
Troncos acarvoados que dormem
sob o solo.

Lascas de pedra fraturada
— solo branco de rastros,
nenhum sinal de passos.
Sol e lua incessantes
— pedra, fratura, estilhaço —
quase consomem os ossos dos bichos mortos.
Esculturas de cal, gesso moldado,
são os textos em branco desse espaço.
Sonhos que esquecemos noutros claros
fragmentos de textos insulados.

ou num poema náufrago, enleado,
caligrama salgado de sargaços
jogando entre as marés.

Entre os dedos lenhosos de teus pés,
em meio aos caules lisos, retorcidos
cordames de um barco abandonado
às tempestades de sol e sal.
Em chuvas de alfabetos secretos
— a curva de n num graveto, o volteio
do u num pedrusco —, ou num estudo
de Long para tubos de órgão: tocos negros,
pontudos, embarcadouro tosco.

E na serpente de seixos alinhados
que se pensam
mesmo sem que a luz brilhe sobre eles,
e se pensam pelos dedos
voltados sobre eles
como flores secas
que se abraçam a si mesmas
em raras tranças castanho —
quebradiço que a aragem
esgarça.

[...]

Você me diz:

o mar parece ver-te
ouro na praia (meias-luas
a sombras das folhas
sob o eclipse).

A imagem reinventa
em teu rosto a paisagem.

Entre os corpos
brancos do sal evaporado
a febre porejando
seus anéis de serpente.

Respira em fissuras, sob o vento
nordeste, em escamas transparentes
(as órbitas vazias) misturadas à areia
de um peixe em agonia. No outro eu
que é teu (imagem sobre imagem),

poesia sem enigma, lucidez sob a luz,

De superfícies as nuvens sem céu.

e se esquece entre as pedras,
solitário,
como os pássaros suicidas dos desertos.

PABLO VERA

*Os selvagens creem numa cousa
que cresce como uma abóbora.*

Hans Staden. *Duas viagens ao Brasil*

homens em roda
esfumaçam um maracá
em forma de rosto
com folhas
de tabaco em fogo,
enquanto o velho

(nas cãs a coifa
de algodão e fibras
de caraguatá,
perfurada por retrizes
topázio de japu,
penas sanguíneas
de peito de pavó
e o rajado da gorja
de um tucano
-de-bico-preto,
alaranjado)

com máscara de fumo
e voz de criança
(um deus fala por ele),
rememora um futuro
de júbilos e sustos

GUIRÁ ÑANDU

Para Teodoro

*(sob a Constelação da Ema, cujas penas são
desenhadas por claro-escuros da Via Láctea)*

pode que a noite
hoje
se furte a amanhecer
a terra desmorone
nos bordos do poente
e outra vez o sol
como antes
não desponte

em busca de outro sol
pode alguém se perder
abandonando o humano
para encontrar seu deus
— o mesmo que ao nascer
deu-lhe um nome secreto
de sua divindade
perfeito e repleto

pode que na viagem
no trajeto disperso
um homem adivinhe
a vereda possível
sem fim, de sol a sol
até que a fome e a febre
o êxtase à flor da pele

a intempérie, a prece
a dança em excesso
transportem o corpo adverso
e o espírito pulse
e respire
e confronte
o mar que o separa
da terra indestrutível

quem sabe o paraíso
que descrevem os antigos
não esteja além do vasto
nevoeiro e sargaço
mas no árduo percurso
vencido passo a passo
sem bússola ou mapa do céu
em pergaminho

talvez além do zênite
que ofusca o caminho
deixando um invisível
roteiro para os olhos
que enfrentam o escuro
entre os dois
crepúsculos

ROÇA BARROCA

As almas são visíveis em forma de sombras.

Da religião Guarani, via Schaden

viu o primeiro sol
depois do inverno
desembrulhar, folho por
folho, os rebentos

em cada greta
e grumo
do terreno
foi descobrindo
grelos
e vergôntes,
ocelos verdes
e outros
arremedos

no alfobre
farto de bolor
e mofo,
sobre os sulcos
cheios
de refolhos
— em cada covo
um eco de silêncio,
a própria sombra
um paroxismo
de roxos

MORADAS NÔMADES

carunchos e cupins roem,
vorazes, a choupana de ripas
pendem do esteio ramos de trigo,
feito amuleto para celeiros cheios;
tachos esfarelam crostas de grãos moídos
e redes balançam seus esgarços,
perto do chão onde uma nódoa preta
mostra o antigo fogo
tudo abandono, e, no entanto,
lá fora o pomar semeado
para os que agora cruzam
(trouxas vazias), um
por um, os onze mil
guapuruvus

Josely Vianna Baptista (Curitiba, 1957) é considerada uma das mais habilitadas tradutoras da língua espanhola para o português. Assina traduções de livros de Jorge Luís Borges, Lezama Lima, Julio Cortázar e Enrique Vila-Matas. Publicou, entre outros, *Ar* (poemas, 1991) e *Sol sobre nuvens* (poemas, 2007).

**Jussara
Salazar**

O CÃO E O MONGE À BEIRA-MAR

[tema para o vazio dos céus em Francisco Goya
e Caspar David Friedrich]

quando o céu e
a terra
se encontram
o hábito negro
do monge
desaparece
e sem alarde
a imensidão
do céu
forra-se jade

o cão
sonha a cidade
o ouro que
invade
entardece
sombra na
luz cega o
deserto insondável

a alma do cão
o corpo do monge
a água e o pão
sob o sol
alimento e grão
e no mistério
orar
à alma do irmão

vagar
com as vestes
gorjear o
corpo
ser pássaro
noturno
deitar a
alma no verso
cobrir-se de
céu
do sim e do não
ser véu
ser a dor
no abraço ao chão
amar o deserto
amar
ao longe que
além do
vazio há o monge
e o cão

OS ANÕES

como quasímodos quase
gentes ao espelho ao cada um
nalgum do canto em torno de
um cá a casa das rosas na casa
dos sonhos diminutos duo
entes que entrepasseiam tour
o tempo pelo tempo giram
suas vestes vozes de veludo
pia-máter vez do zero ser do ater

liliput pôs se então do sol ao plexus.

O MAPA

a palavra água molha
o verso e beija
e seus olhos atrás do meu
olhar quando o silêncio
atravessa a noite:

o território líquido
das distâncias sem dor

A PORTA DOS SONHOS:

Luce Bakun

Bakun quer reza. Mas continua deitado, e as borboletas cobrem seu corpo. São muitas, de todas as cores e fazem ruídos na sentinela, mas ele não acorda, não levanta. Uma nuvem de cigarras estridentes passou em revoada e mesmo assim Bakun ainda dorme. Sua matéria é espessa, azul, de todas as cores como as borboletas. Seus nervos vermelhos estão quietos. Ali adiante tem uma porta, bem à frente quando abre vê-se um céu, um abismo, uma serpente digerindo a vida. Se ele resolvesse levantar, poderia dirigir-se até à porta, ser engolido pela serpente da vida. Mas continua deitado entre as velas. Sua voz, em falsete, canta suave voz embala los niños que também, como ele, dormem. Ainda é cedo. Ainda há ouro nessa morada. Clareia Bakun. Clareia.

| XIII |

As saias de Juana, a alma, são brancas
Todos os vestidos das mulheres da casa são negros
guardados em baús dobrados no desalinho do tempo
No verão enquanto os tamanduás
passeiam os focinhos compridos
as mulheres de negro cerram as janelas
e fingem o luto choram como bezerras
Rezam ao pé da cruz se descabelam
para depois pecar ao sol com suas vestes
pássaras cantam seus rondós silvestres
pintam os olhos que exibem esquecem
São criaturas de um outro mundo

Juana, a alma de porcelana, nunca chorou

*1300 Mis saetas ligeras
les tiraré, y la hambre
corte el vital estambre;
y de aves carniceras*

OH SENHOR

| II |

areia areia areia
minha estrela sobe o sepulcro
areia aleph areia
beijo o muro de pedra
atravesso a casa
meu livro de letras
movimenta-se areia
sob o chão de minha casa
que movimenta-se
mina a cada passo
quando acaba
acaba cada brisa
areia
areia

MACABÉIA

clarice está no parque
posa para o retrato
e tem nas mãos
aquele vermelho
do hibisco que sangra
olhos fixos
clarice sente-se
nua como a fruta bomba
[cortada sobre a mesa]
expõe suas sementes

clarice prova o batom
na pele da mão
e atira pedras ao vento
clarice inseto clarice fruto
no parque
posa para o retrato
clarice em carne
fala entre dentes
em seu estranho acento
sobre o poema que abre
a ferida da linguagem

Jussara Salazar (Caruaru, 1959) dedica-se às artes visuais e à poesia. Realizou exposições pelo país e tem poemas publicados em revistas estrangeiras como *Rattapalax* e *Chain* (EUA), *Parque Nandino* (México) e em periódicos brasileiros, entre os quais as revistas *Medusa* e *Babel*. Autora, entre outros, de *Baobá: poemas de Leticia Volpi* (poemas, 2002), *Natália* (poemas, 2004) e *Car-pideiras* (poemas, 2011).

Este livro foi composto em tipos Dapifer e Abril Fatface e
impresso pela Imprensa Oficial sobre papel Pólen Soft 80g/m²
em julho de 2014 para a Biblioteca Pública do Paraná.

“

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat. Duis aute irure dolor in reprehenderit in voluptate velit esse cillum dolore eu fugiat nulla pariatur. Excepteur sint occaecat cupidatat non proident, sunt in culpa qui officia deserunt mollit anim id est laborum.”

”

Ademir Demarchi

